



**VOZES DO SERTÃO**  
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE  
JORNALISTAS EM FORMAÇÃO

THAILA VITÓRIA SANTOS VIEIRA

**VOZES DO SERTÃO**  
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE  
JORNALISTAS EM FORMAÇÃO

THAILA VITÓRIA SANTOS VIEIRA



# Sumário

<b>Apresentação</b>	<b>5</b>
<b>Prefácio</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo 1</b>	<b>13</b>
Colérica, corajosa, inteira	13
Escrevendo o livro	17
Uma trama de memórias	19
Lamento de um nordestino	21
O peso de um domingo sertanejo	24
A essência das coisas esperadas	40
Do outro lado do diploma - o que espera por mim?	41
<b>Capítulo 2</b>	<b>45</b>
O Curso de Jornalismo em Picos	45
Vozes da Fundação	48
Reitor das Origens - a travessia do Curso	48
Jota das Mobilizações - a mobilização da sociedade	50
Luminosa do Batente - o sonho de um polo educacional	51
Juiz dos Caminhos - o olhar da gestão	54
Antes, era só voz - agora, é história	55
<b>Capítulo 3</b>	<b>59</b>
Primeira jornalista quilombola do Piauí	59
O início do sonho	63
Às vezes, eu assistia às aulas no meio da rua	65
A sombra da mudança	67
Eu sabia que esse era o meu caminho	68
As delícias das expectativas	71
A glória do sonho	74

<b>Capítulo 4</b>	<b>77</b>
Eu sou a primeira da família a entrar numa Universidade	77
Os fios que tecem a história de Luyara do Campo	82
Entre fios e desafios	84
Nos emaranhados da vida, o afeto encontrado	86
Fios de identidade	87
Entrelaçando o agora e o amanhã	88
<b>Capítulo 5</b>	<b>91</b>
O menino que sonha com um Brasil melhor	91
Confidências mútuas	95
De volta ao lar	97
A estrada até aqui	98
Por esse sonho, eu resisto	100
Da tela ao bastidor - uma nova perspectiva no Jornalismo	104
Resistir para conquistar	105
<b>Capítulo 6</b>	<b>107</b>
É a coragem que me define	107
Com a palavra, Serena Estrada	111
Com o coração na bagagem	113
Nossa, eu sonhava com isso	117
Goma, banana e jornalismo - o afeto em porções	119
Tempestades vêm, mas também vão	123
Coragem - a palavra que me leva	124
<b>Posfácio</b>	<b>127</b>
<b>Referências</b>	<b>129</b>
<b>Autoria</b>	<b>134</b>
<b>Créditos</b>	<b>136</b>

# Apresentação

Em 2020, o cenário acadêmico da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Campus Professor Barros Araújo, pulsava com as expectativas de um novo ciclo. O Curso de Jornalismo reunia jovens que carregavam sonhos audaciosos e enfrentavam desafios inesperados. Entre salas e corredores, histórias se entrelaçavam: relatos de superação, amizades que floresciam e a luta diária para conciliar os papéis de estudantes, trabalhadores, filhos e cidadãos que insistiam em sonhar. Cada rosto trazia sua própria bagagem, marcada por origens distintas, aspirações diversas e um desejo comum de dar voz ao mundo.

É nesse mosaico de vivências que este livro-reportagem encontra sua essência. Escrito entre o segundo semestre de 2024 e o primeiro de 2025, ele reúne memórias e trajetórias que também compõem o produto final do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo. A obra nasce das histórias de quem, ao longo de quatro anos, dividiu comigo sonhos, desafios e momentos que transcenderam as salas de aula, formando uma narrativa coletiva e singular.

Por questões éticas e para preservar a intimidade dos personagens, os nomes reais foram substituídos por pseudônimos. Cada nome foi escolhido para refletir o contexto simbólico de cada trajetória: luzes que brotam em meio à seca, vozes que emergem do silêncio, memórias costuradas como retalhos que contam uma vida inteira.

Minha caminhada começou em novembro de 2021, mas este livro também acolhe ecos de um tempo anterior. Minha turma foi a segunda a ingressar no Curso em plena pandemia, quando a formação começou entre incertezas e telas. A de 2020, que veio antes de nós, viu o sonho das aulas presenciais se dissolver no silêncio do ensino remoto. Para entender o presente, foi preciso revisitar esse começo abrupto, feito de suspensão, adaptação e reinvenção.

Por essa razão, a obra se organiza em seis capítulos: o primeiro apresenta minha história; o segundo ilumina a trajetória do Curso de Jornalismo; e os capítulos seguintes mergulham nas memórias de quatro estudantes, revelando seus sonhos, desafios e as experiências que moldaram seus caminhos.

Entre 2020 e 2024, o Curso de Jornalismo no sertão do Piauí tornou-se um território de resistência. Os estudantes enfrentaram a adaptação à vida acadêmica, a pressão dos prazos, a busca por estágios e, sobretudo, o desafio de construir identidades profissionais sólidas. A verdadeira transformação, porém, não se deu apenas nas teorias e técnicas, mas na experiência vivida diariamente, e é essa vivência que este livro se propõe a narrar.

Estudar na UESPI é um gesto silencioso de coragem. A jornada vai além de entrar na Universidade: é lutar por dignidade, por estrutura, por condições reais de formação. Ali, buscamos laboratórios vivos, equipamentos atualizados e um ambiente que permita não só sonhar, mas viver o jornalismo com verdade, rigor e coragem.

Essa história também pertence a Picos, cidade de Sol intenso e alma sertaneja. Dezoito anos se passaram desde 2002, quando o Curso de Jornalismo lançou raízes às margens do rio Guaribas, em um município que se consolidou como o terceiro maior do Piauí. Com mais de 80 mil habitantes, Picos tornou-se um polo para quem busca estudar, sonhar e recomeçar.

Estudantes vindos de cidades vizinhas e até de outros estados encontraram ali novos horizontes; foi nesse território, no coração do Vale do Guaribas, que o Jornalismo criou morada e começou a escrever capítulos de transformação.

Ao atravessarmos os anos de 2020 a 2024, encontramos jovens que, apesar dos obstáculos, seguiram firmes. Suas vidas foram moldadas por infâncias distintas e trajetórias singulares, unidas pela certeza de que a Educação é chave que abre portas e reinventa futuros. Nas páginas que seguem, revelam-se cinco narrativas de vida, costuradas por memórias, esperança e pela coragem que sustenta cada passo.

Tudo começou bem antes. No sertão onde o futuro parecia distante: uma carta escrita em 1998 plantou a semente de um sonho. Comunicadores locais ousaram pedir o que parecia inalcançável: um Curso de Comunicação Social em Picos. A resposta demorou, mas a persistência abriu caminhos. Em 2002, a UESPI implementou o Curso de Jornalismo no coração do semiárido, transformando um desejo coletivo em realidade.

Esta obra é um presente: para o Curso de Jornalismo da UESPI, que abriga sonhos há mais de duas décadas; para os estudantes, que partem e que chegam carregando a mesma esperança no peito; para os mestres da educação, que iluminam caminhos mesmo quando a estrada parece árida. É também um afeto partilhado com todos aqueles que, como eu, acreditam que a Educação é a principal chave capaz de abrir portas, mover realidades e transformar vidas.

Com um tom poético e profundamente humano, desejo que cada capítulo deste livro ressoe como uma conversa sincera, capaz de conectar memórias, experiências e desejos que atravessam o tempo.



## Prefácio

Forte, dedicada e esforçada. De forma direta e objetiva, esses adjetivos descrevem o perfil de Thaila Vitória Santos Vieira e de tantos estudantes (de agora e de outrora, como eu) do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, nossa amada UESPI, no coração do sertão piauiense.

O Curso da UESPI, em Picos, tornou-se o primeiro Curso público de Jornalismo no interior do Piauí e é reconhecido como o pioneiro no sertão piauiense. Não foi, é verdade, o primeiro do nordeste como um todo, pois capitais como Recife já contavam com formação em Jornalismo desde a década de 1960, como o Curso da Universidade Católica de Pernambuco, criado em 1962. Contudo, para o interior nordestino, especialmente para o semiárido, sua implantação representou um divisor de águas, um marco de transformação educacional e social.

Ao longo de mais de duas décadas, o Curso de Picos se diferenciou por muitas razões. Destaco duas. A primeira é o fato de ter se consolidado em uma universidade pública situada em uma ampla região interiorana, carente de instituições de ensino superior, mas que converge estudantes de cerca de quarenta municípios do próprio estado e acolhe, ainda, jovens vindos do Ceará e de Pernambuco, distantes de suas capitais. A segunda é sua vocação para ser abrigo de sonhos: um espaço onde trajetórias se entrelaçam e onde a Educação se afirma como possibilidade concreta de futuro.

É nesse ponto de encontro, de mundos, memórias e histórias de vida, que se revelam aspectos comuns entre tantos estudantes: jovens que enxergam na profissão de jornalista um propósito de vida e uma chance de viver melhor do que viveram seus pais; famílias que enfrentam limitações financeiras, mas apostam na formação superior como caminho de superação; e uma comunidade acadêmica que, com força e dedicação, resiste às dificuldades do meio e se reinventa pela Educação.

A história de Thaila, assim como a dos estudantes apresentados neste livro, está apenas no início, mas já é inspiradora. É a trajetória de muitos de nós: aqueles que se encontram na universidade pública e para os quais ser forte é pré-requisito para sonhar; ser dedicado é condição para buscar; e ser esforçado é exigência para superar desafios familiares, econômicos e sociais.

Thaila é uma aluna comprometida, dona desses vinte e poucos anos que, como ela mesma gosta de dizer, ainda aprendem a caber no mundo. É uma menina mulher de pele clara, filha de Picos, mas foi no interior do sertão, em Bocaina, esse minúsculo município de quatro mil almas, que sua história criou raízes. Entre ruas de terra, céu aberto e vizinhos que se tratam pelo nome, ela aprendeu a força da simplicidade e a persistência dos que sonham alto, mesmo quando vêm de lugares pequenos.

De certa forma, sua narrativa também espelha a vida dos demais personagens aqui presentes, e a minha própria. Fui estudante deste Curso na UESPI, vivi dificuldades semelhantes às deles e precisei ser forte, dedicada e esforçada para sonhar, buscar e superar. Hoje, como professora e orientadora da autora deste livro, posso afirmar com convicção: a Educação tem o poder de transformar histórias.

Por isso, reitero: essas trajetórias não apenas merecem ser conhecidas. Elas precisam ser compartilhadas. Porque não

são histórias isoladas; refletem, em muitos aspectos, a realidade das famílias desses estudantes, as condições da universidade pública e o cenário educacional e social do nosso tempo.

Com a leitura deste livro, posso garantir que você se emocionará e, talvez, se reconhecerá na força, na dedicação e no esforço de Thaila e de seus colegas. São marcas que atravessam vidas jovens, mas intensas, que aprendem a sobreviver, superar, transformar e inspirar.

Boa leitura. Inspire-se.

Mayara Sousa Ferreira

*Jornalista e professora doutora da Universidade Estadual do Piauí*

*Picos-PI, Sertão do Nordeste, Brasil*



# Capítulo 1

## Colérica, corajosa, inteira

A carta que você lerá a seguir nasceu em um tempo de travessia: enquanto um ciclo universitário se encerrava, outro, mais íntimo, profundo e inevitável, se abria dentro de mim. É uma escrita que olha para dois lados ao mesmo tempo. Fala comigo, com a mulher que me tornei ao longo dessa jornada, mas também se dirige a você, querido leitor, que agora me acompanha. É um convite para que caminhemos juntos por entre as camadas emocionais, afetivas e intelectuais que constituem minha trajetória, compreendendo não apenas o que vivi, mas o que ainda me atravessa.

Ela inaugura este capítulo como um gesto de revelação, marcando a consciência de transformação que move a narradora e abrindo o caminho para a história que, a partir daqui, se desdobra em memória, coragem e pertença.

*27 de abril de 2025*

*Querido leitor e Aurora Sertaneja,*

*Você não é a mesma de quatro anos atrás. A universidade te transformou. Cada instante dessa caminhada valeu a pena, mesmo os mais silenciosos e difíceis. Durante a jornada acadêmica, você entregou tudo de si. Os trabalhos chegavam antes do prazo; cada atividade era feita com o cuidado de quem sabia que não tinha margem para erros. Para aqueles que caminhavam ao seu lado, você parecia segura, confiante, dona de uma autoestima invejável.*

*Mas, no fundo, confiar em si era a única opção.*

*Confesso, sou, somos, coléricas, talvez até demais. Só percebi isso no final do curso, com a ajuda gentil (e um pouco provocativa) da minha orientadora (risos). Ainda assim, não me arrependo. Talvez a partir de agora eu tente domar esse impulso, mas preciso reconhecer: a autoconfiança foi meu escudo e meu abrigo.*

*Você, querido leitor, entenderá nas próximas páginas que a minha vida nunca foi simples. E talvez a sua também não seja. Tampouco a dos personagens que você encontrará aqui. Mas a minha história carrega uma peculiaridade: eu só tinha a mim mesma. Apenas uma chance, uma porta aberta, e eu sabia que precisava atravessá-la.*

*O curso não era apenas uma opção. Era tudo. Minha única possibilidade de mudar a minha vida e a daqueles a quem amo. Faltar a uma aula? Entregar uma atividade fora do prazo? Dar trabalho a um professor? Eu não podia me permitir esses luxos. Se escorregasse, o que seria de mim? Esta era, e ainda é, a minha única chance. Acredito na educação como força transformadora. Até aqui, minha vida foi transformada.*

*Portanto, não me arrependo de ter sido a aluna chata, aquela que queria ser a primeira a apresentar, a vencer, a conquistar. Apoiar-me em mim mesma era a única chance que tinha, e jamais poderia jogá-la fora. Mas tudo isso, você entenderá melhor nas páginas que seguem.*

*Não sei o que virá amanhã. Entrego meus sonhos nas mãos de Deus, confiando que a vontade d'Ele será sempre melhor que a minha. Ele conhece cada desejo guardado em meu peito. Que o futuro seja generoso. Que eu consiga realizar ainda tantos sonhos guardados. Mas, se não for possível, levo comigo a certeza de que fui feliz, de que me entreguei por inteiro, e que cada segundo valeu a pena.*

*Com carinho, Aurora Sertaneja.*

A carta inaugura o capítulo ao estabelecer um tom emocional e reflexivo. Nela, eu, narradora, reconheço-me atravessada pela experiência universitária, pela disciplina que precisei cultivar e pelo peso de carregar sozinha o próprio destino. Quando afirmo que tive apenas uma chance, explico o contexto de vulnerabilidade e responsabilidade que moldou todo o meu percurso acadêmico.

O texto também revela uma dialética entre força e delicadeza: a colérica, que precisou se impor para sobreviver, e a jovem, que, apesar das exigências duras da vida, preserva fé, esperança e sonho. Assim, a carta prepara o terreno para que você, querido leitor, compreenda que este livro não se limita à exposição de fatos, mas acompanha a formação de uma identidade, uma subjetividade tecida entre estudo, luta e afeto.

Sou Aurora Sertaneja, nascida do silêncio quente das tardes e da coragem que a vida exige. Trago nos meus vinte e poucos anos um corpo miúdo de 1,54 cm, leve como quem aprende a dançar com o vento. Tenho os cabelos longos, castanhos como terra molhada de primeira chuva, e, nas horas de estudo, enfeito o rosto com óculos que ampliam o mundo. Sou colérica por natureza, esforçada por destino e humilde por escolha. Sigo rumo ao oitavo e último período do Curso de Jornalismo na UESPI. Vivo a Universidade como quem respira, absorvendo cada oportunidade que surge. Para mim, essa formação não se resume a um diploma, ela representa uma chance de transformar minha história e ajudar aqueles que amo.

Desde a infância, encontrei nas palavras o meu refúgio. Fascinada por poemas, descobri o encanto do mundo literário. Foi amor à primeira página. Escrever este livro é mais do que um exercício acadêmico. É uma devolução. É olhar para trás e enxergar a menina que carregava tijolos para ajudar a construir a própria casa, que assistia televisão deitada em uma rede

improvisada e que acreditava, ainda que com medo, que estudar era a única chance de romper o ciclo que aprisionou gerações antes de mim. Sempre amei História e Literatura, e meu coração sussurra que este pode ser o primeiro de muitos. Quem sabe? (Risos.)

Nasci em Bocaina, interior do Piauí, uma cidade com 4.078 habitantes. Durante minha graduação, percorri diversos caminhos: rádio, televisão, assessoria, portais de notícias. Alguns trabalhos me trouxeram sustento; outros, experiência. Mas todos me ensinaram algo novo. Sempre busquei aprender mais, entender mais, sentir mais.

Faço parte da turma 2021.1 e entrar no Jornalismo foi mais do que realizar um sonho: foi abrir uma janela para o desconhecido. Nunca imaginei que a Comunicação pudesse ser tão desafiadora e inspiradora ao mesmo tempo. Já não sou a mesma de novembro de 2021, aquela que começou a caminhada frente às telas frias do período remoto. Hoje, em 2025, sou outra versão de mim mesma, lapidada pelo tempo e pelas vivências.

Cada professor deixou marcas profundas, transformando não só minha educação, mas minha forma de enxergar o mundo. As experiências, com suas alegrias e desafios, moldaram o alicerce do meu ser profissional, guiando-me rumo ao futuro com mais força e propósito.

Vivi experiências que me esculpíram, conheci lugares que antes habitavam apenas em meus sonhos, e fui enriquecida por cada passo dado. Hoje, guardo em meu coração o desejo de, um dia, ser para outras Auroras o que meus professores foram para mim: faróis em meio à jornada. Porque essa ligação ultrapassou os limites entre aluno e mestre, transbordou as paredes da Universidade e agora ressoa em cada sonho, em cada palavra.

## Escrevendo o livro

Por onde começar? Estou há dias buscando o início, as palavras certas, a inspiração exata. Quem diria que escrever sobre os outros seria tão mais simples do que desnudar a própria alma em palavras. No início do projeto, minha intenção era registrar as histórias de outros alunos, mas minha orientadora (com carinho e leve provocação) insistiu: você também é personagem da sua turma. Para falar sobre o Curso, eu precisava falar de mim.

Houve entusiasmo, é verdade. Afinal, quem melhor do que eu para narrar minha própria história? Mas também houve medo, um medo silencioso e inquietante, que sussurrava que talvez, não fosse capaz. Em 10 de dezembro de 2024, numa terça-feira calorosa, apresentei o TCC 1. Lembro-me bem de como, desde outubro, minha orientadora insistia para que entregasse, junto aos dois primeiros, este capítulo, o meu capítulo.

Mas simplesmente não dava. A rotina exaustiva entre estudos e estágios consumia cada minuto dos meus dias e não sobrava tempo para refletir sobre o que dizer. Afinal, escrever sobre os outros é um exercício de empatia, mas escrever sobre si mesma é um mergulho nas profundezas da memória. Uma tarefa tão íntima e vulnerável que requer tempo, algo que não tinha. Ou será que tinha, mas não queria apressar? Queria mais tempo. Tempo para organizar meus pensamentos, para encontrar o tom certo e, principalmente, para saber por onde começar.

A ideia de escrever cartas surgiu enquanto ainda buscava um ponto de partida para minha história. A inspiração veio da saga de Lucy Maud Montgomery e também de uma cena marcante da série *One Tree Hill*, em que Brooke Davis entrega a Lucas Scott um diário com registros de sua vida. Aquilo me tocou profundamente e me motivou a criar meu próprio caderno. Na verdade, eu já tinha algo assim, um caderno velho, esquecido no fundo de uma gaveta, escondido sob roupas, com

rabiscos soltos e pensamentos inacabados. Transferi tudo para o novo diário, o Aurora Sertaneja: vol. 20, onde reuni lembranças, sentimentos e relatos da minha trajetória, um hábito que começou como algo juvenil, mas se tornou parte essencial de quem sou.

Com o tempo, percebi que minhas páginas antigas continham a matéria-prima da minha própria narrativa. Assim, unindo as cartas de Anne de Windy Poplars ao meu diário inspirado por Brooke Davis, decidi construir este capítulo de forma diferente: parte dele é composta por cartas, como um diálogo entre meu eu do passado e meu eu do presente. Não poderia haver forma mais autêntica de apresentar quem sou e como cheguei até aqui.

Escrever sempre foi meu abrigo silencioso, um refúgio entre pensamentos profundos. Agora, resgato um caderno repleto de rabiscos, e com um misto de nostalgia e coragem, decido mergulhar nas memórias e desabafos de uma infância que o tempo já ensaia apagar.

Cada página guarda momentos preciosos, como se quisesse eternizar minha trajetória em cada palavra. Naquele tempo, eu pensava que escrevia apenas para mim, e para a Aurora Sertanejada futuro, aquela que um dia abriria essas páginas e enxergaria o quanto havia mudado. O que jamais poderia prever é que, anos depois, esses rabiscos envelhecidos ganhariam vida em um livro-reportagem, carregando minhas memórias para o mundo.

Para contar minha história, escolho começar por um pequeno recorte do dia 8 de março de 2022, quando comecei a passar a limpo minhas cartas e memórias. As velhas cartas dos anos anteriores também surgem, calma! Mas, claro, não caberia tudo aqui. Seriam necessárias páginas demais, talvez dois livros ou mais (risos). Então, por onde começar? Pelo início do meu diário, quando decidi colocar minha vida e minhas emoções no papel, para que elas nunca mais fossem esquecidas.

8 de março de 2022

*Tudo começou no dia 09/07/2017. Escrevi, em um caderno qualquer, as palavras que queria desabafar e, desde então, não consegui mais parar. Atualmente, em 08/04/2022, às 23h55, estou repassando tudo para este diário para que, nos próximos anos, eu possa ler e dar muitas risadas ou até chorar, relembrando os momentos trágicos e incríveis que vivi no passado.*

## **Uma trama de memórias**

Deixe-me abrir meu coração para que você possa conhecer um pouco mais sobre mim. A jornada que me trouxe até aqui não foi fácil, e sei que os desafios não cessarão quando essa etapa de pré-formatura se encerrar. Ainda assim, tenho fé no futuro. Carrego comigo a certeza de que algo extraordinário me espera lá adiante ou, pelo menos, é o que escolho acreditar. Essa crença é meu alicerce, especialmente porque, no início, poucos apostaram em mim.

Minha infância foi marcada por privações: a falta constante de dinheiro, a ausência de um lar seguro e a luta diária para garantir comida à mesa. Era um período de carência em muitos sentidos, mas também de resiliência. Cada dificuldade moldou a força que hoje carrego e que me mantém firme diante das adversidades.

Lembro-me de uma aula no sétimo período, na disciplina de Telejornalismo, quando a professora nos pediu para desenhar algo que ligasse nossa infância ao telejornalismo. Foi um exercício de memória. Imediatamente, fui transportada para as noites de domingo, assistindo ao programa Silvio Santos no SBT, ou para as tardes acompanhando, sozinha, o mágico universo do Sítio do Picapau Amarelo no canal Futura. Um

misto de emoções tomou conta de mim naquele momento, e precisei segurar as lágrimas que teimavam em cair. Aquela nostalgia doce carregava também o peso de tempos difíceis.

Morávamos na antiga casa de meus avós paternos (in memoriam). Era uma construção modesta: uma sala, um quarto, uma cozinha e um banheiro do lado de fora, no quintal. Não tínhamos casa própria, e as brincadeiras dos meus tios soavam como agulhadas: todos já tinham sua casa, menos a gente. Meu pai, pedreiro de mãos calejadas, e minha mãe, trabalhadora incansável da lavanderia do hospital estadual da cidade, sustentavam a família com suor e dignidade. Éramos apenas nós: eles, meu irmão mais velho e eu.

No dia do desenho, minha mente voltou para aquelas tardes solitárias em que assistia ao Sítio do Picapau Amarelo com um pacote de bolacha Maria como companhia. Sentia inveja dos amigos que podiam desfrutar das bolachas recheadas, um luxo inacessível à minha realidade. À noite, as disputas com meu irmão pelo controle da única televisão da casa também eram recorrentes. Eu queria ver o Sílvio Santos, enquanto ele preferia o frenesi do Pânico na Band, febre entre os adolescentes na época. Como a caçula da família, muitas vezes, levava a melhor, sob a ordem de meu pai.

Assistia deitada em uma rede estendida na sala de estar. De um lado, ficava a rede do meu irmão; do outro, a minha. Foi assim por muitos anos, até que finalmente conseguimos construir nossa própria casa. Entre comprar o terreno e erguê-la, cinco anos ou mais se passaram. Meu pai foi o pedreiro; meu irmão, aos 13 anos, o servente; minha mãe, a incansável ajudante; e eu, mesmo pequena, dava minha contribuição carregando tijolos e telhas, um por um. Não havia dinheiro para pagar ninguém.

Apresentei meu desenho com um toque de humor, para aliviar o peso das lembranças. Disse: Hoje, sou pobre, mas, antes, era muito mais. Essas palavras arrancaram risos da turma, mas,

para mim, continham uma verdade carregada de resiliência. Minha infância nunca foi fácil, mas cada dificuldade moldou a pessoa que sou.

Lembro-me com clareza do dia em que nos mudamos para a tão sonhada casa nova. Não tínhamos muito, apenas os móveis essenciais. A mudança foi feita a pé, cada um da família carregando o que podia. Minha mãe, sempre cuidadosa, havia economizado algum dinheiro para comprar alguns móveis novos. Ainda assim, o que mais me marcou não foi o que tínhamos ou deixávamos de ter, mas a emoção de finalmente ter um quarto só para mim.

Pela primeira vez, não dormiria mais na sala. Eu tinha meu espaço, e mesmo que ele fosse pequeno e vazio, com apenas uma rede e as roupas dobradas no chão, para mim, era o suficiente. Lembro de forrar o chão do quarto com um lençol e organizar minhas roupas ali. Estava tão empolgada que quis arrumar tudo antes mesmo de a mudança ser concluída. No dia seguinte, uma prima veio conhecer nossa casa e brincou, tirando sarro, porque minhas roupas estavam no chão, já que nem uma cômoda tinha para guardá-las. Mas, aquilo não me abalou. Naquele momento, o simples fato de ter meu próprio canto era uma conquista gigantesca.

Essas memórias não são apenas histórias do passado, mas capítulos que moldaram quem sou hoje. Elas me lembram de que, por mais difícil que tenha sido o início, sempre foi possível encontrar motivos para sorrir e acreditar no amanhã.

## **Lamento de um nordestino**

Após nos mudarmos para a casa nova, enfrentamos um período ainda mais desafiador. O sertão, segundo os jornais, seria castigado por uma seca que se estenderia por cinco longos anos.

Era o prenúncio de uma crise severa, que traria no vento a poeira da resistência e a sede de tempos duros.

Meu pai, que antes conseguia trabalho regularmente, viu as oportunidades diminuírem drasticamente. Sem transporte para buscar serviços em locais mais distantes, ele tomou uma decisão difícil: fez as malas e partiu para São Paulo. No sertão, histórias como a da minha família são comuns, retratos de um movimento migratório que, ao longo do tempo, moldou vidas e geografias. A escassez de oportunidades, aliada à dificuldade de transporte e à baixa oferta de empregos, empurrou muitos nordestinos para longe de casa.

Essa migração massiva é mais do que memória: é dado. De acordo com o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quase 3 milhões de nordestinos viviam em municípios paulistas. Eram exatamente 2.924.269 pessoas nascidas no Nordeste, em meio a uma população total de pouco mais de 30 milhões no estado de São Paulo. Ou seja, quase 10% da população do interior paulista tem raízes no Nordeste, uma presença que carrega saudade, trabalho duro e a esperança de um recomeço.

Foi nesse mesmo movimento silencioso, mas cheio de consequências, que meu pai se viu inserido. Ele seguiu para São Paulo, com o desejo de encontrar emprego, juntar algum dinheiro e, quem sabe, comprar uma moto. Uma moto que, mais tarde, facilitaria a vida dele quando voltasse ao nosso chão. Era o plano. E era também, como tantos outros, o reflexo de um ciclo migratório que atravessa gerações no nordeste brasileiro.

No entanto, o plano inicial logo se revelou mais complicado do que imaginávamos. Ficamos muito tempo separados, e lembro com tristeza de um período em que passamos quase três anos sem nos ver. Quando meu irmão atingiu a maioridade, decidiu seguir o mesmo caminho, e partiu para São Paulo. Diferente de mim, ele nunca teve interesse pelos estudos, preferindo buscar trabalho desde cedo. Assim, em 2015, ficou apenas eu e

minha mãe no sertão, enfrentando juntas os desafios do dia a dia.

No começo, ainda fazíamos esforços para nos reunir. Todos os anos, em janeiro, viajávamos para terra da garoa, para visitá-los, mas as dificuldades não davam trégua. Com o tempo, a situação por lá também começou a piorar, e tanto meu pai quanto meu irmão acabaram voltando para casa.

Hoje, meu pai já não é mais o homem de antes. Com quase sessenta anos, carrega no corpo as marcas de uma vida de trabalho árduo. Está envelhecido, doente, e não tem mais forças para trabalhar como antigamente. Mas, mesmo assim, sua força e resiliência sempre serão um exemplo para mim. Ele fez o que pôde, lutou contra as adversidades, e nos ensinou que, apesar das dificuldades, é possível continuar tentando.

Ao florescer para a juventude, sempre trazia no peito o anseio de estudar. Mas junto a ele, uma sombra persistente: a sensação de que os grandes sonhos pertenciam a outros, nunca a mim. Quando pequena, dizia que queria ser advogada, mas, no fundo, era o universo da televisão que me encantava. Adorava assistir a programas, novelas, jornais, e sonhava com ingenuidade em um dia trabalhar na televisão.

Ao concluir o ensino médio, minha trajetória não foi imediata. Não passei “de primeira” no vestibular, e o caminho até a Universidade foi longo: demorou mais de três anos para que, finalmente conquistasse aquela vaga. Durante esse tempo, muitas coisas mudaram, tanto em mim quanto ao meu redor.

Por isso, acredito que a melhor forma de compartilhar essa jornada seja revisitando meu passado por meio de cartas. Nelas, pretendo dar voz às experiências, sonhos e desafios que me trouxeram até aqui. Que essas cartas sejam a janela para entender o quanto lutei para chegar aonde estou hoje.

## O peso de um domingo sertanejo

Agora, volto a agosto de 2017. Neste ano, o mês pesou como o Sol do sertão, ardendo na pele e no peito. Meu pai já havia retornado de São Paulo, trazendo nos ombros o peso dos anos e do trabalho intenso. Sempre foi homem de labuta, mas o cansaço já se insinuava em seus gestos. Ainda assim, não recusava o serviço. Não escolhia trabalho: se precisassem de alguém para capinar um quintal, ele ia; se fosse para construir ou pintar uma casa, também aceitava.

Cada trabalho era uma esperança, cada trocado, um respiro para a mesa, que, muitas vezes, se via vazia. Mas havia dias em que o trabalho não vinha. Nessas horas, o silêncio da casa parecia mais pesado, como se o tempo se recusasse a passar. Minha mãe tinha apenas um salário, insuficiente para cobrir todas as contas.

Quando meu pai conseguia um bico, a vida seguia, sem luxo, mas com o necessário. Mas, quando o serviço rareava, os domingos carregavam um peso maior. Era dia de feira, e as ruas se enchiam de gente que madrugava para garantir frutas frescas, carne e o sustento da semana. Aqui em casa, as madrugadas tinham outro peso, uma inquietude silenciosa.

Quantas vezes vi meu pai, de olhos vermelhos e cansados, na quietude da noite, onde o descanso não fazia morada. O olhar carregava a angústia de quem se via perdido, quase à beira das lágrimas, quase despedaçado, porque não havia o suficiente para colocar comida na mesa aos domingos. Uma luta invisível, que se repetia no silêncio da madrugada, onde as palavras não conseguiam alcançar o peso da ausência.

Eu tinha 15 anos. Vivíamos uma fase financeira difícil na família. A seca, a falta de trabalho, o desânimo. Foi um dos primeiros registros em que entendi o peso da responsabilidade que eu mesma carregava: o desejo infantil de mudar a vida dos meus pais.

26 de agosto de 2017

Já ouvi muitas pessoas falarem que o mês de agosto só dá desgosto, mas nunca tinha acreditado. Achava que era apenas um ditado popular sem importância. Mas, hoje, me dei conta de que isso é verdade. Nunca reparei nos outros agostos que vivi, só que, hoje, com 15 anos de idade, percebo a realidade. Isso pode soar como egoísmo meu, e talvez seja, mas o que posso fazer?

Como estava dizendo, agosto só traz desgosto. Será mesmo? Ou será que estou colocando a culpa no mês por estar passando por uma fase ruim? Tem hora que me pergunto por que minha vida é assim. Tudo que eu queria era que minha família fosse feliz. Eu só queria nunca mais ver aquele olhar de preocupação do meu pai por não conseguir um bico de dois dias para fazer a feira no final de semana. Só queria não ver mais a tristeza no olhar da minha mãe quando chega o final do mês e o pagamento dela mal dá para pagar as contas.

Eu só queria que a vida dos meus pais fosse diferente, que não precisassem se preocupar tanto com isso. Repito, pode até ser egoísmo meu, mas eu vejo tantas famílias que dão duro como a minha e que têm tudo: casa, carro, dinheiro, roupa nova. Eu só queria que as coisas fossem diferentes. Meu Deus, por quê? Será que o Senhor não está vendo o meu, e o nosso sofrimento? Será que as coisas nunca vão mudar?

Não consigo segurar as lágrimas quando vejo a tristeza no rosto do meu pai por não ter sequer cinco centavos para comprar uma bala amanhã cedo, por não ter dinheiro para fazer a feira, por não ter conseguido um bico para comprar carne para a gente comer nesta semana. Até quando vai ser assim? Até quando? Eu não aguento mais.

Agora, volto para alguns recortes de 2018 e 2019, ao último ano do Ensino Médio, aquele tempo que se desdobrava em seus próprios encantos. Como eu amava aquele pedaço da vida. Amava a escola, os amigos, a rotina que parecia ter o poder de se estender para sempre.

Gostava tanto que, naquela época, dizia que cursaria História, que me tornaria professora, apenas para permanecer naquele universo que me fazia sentir viva, como se os dias tivessem mais significado. O Ensino Médio possui uma magia que desafia explicações: eu era feliz, mas, ao mesmo tempo, sentia o medo silencioso do futuro se aproximando, como uma sombra suave, tão constante quanto o tic-tac do relógio, anunciando que o fim de uma fase e o começo de outra estavam irremediavelmente entrelaçados.

Cursar História parecia um caminho desenhado, talvez o mais suave, já que o Curso não era tão concorrido, e sempre fui boa em ouvir e tecer histórias. Mas, lá no fundo, algo pulsava, uma vontade de ir além. Não desmerecia as Licenciaturas, essenciais como raízes que sustentam uma árvore, mas havia em mim um desejo de abraçar algo mais vasto. O problema? Não era a melhor aluna. Minhas notas eram médias, como o Sol que se põe sem brilho intenso. O esforço, que hoje me é imenso, ainda não habitava em mim. Ele surgiu depois, quando a consciência me alcançou: o estudo seria minha única saída, o portal que me conduziria a uma vida diferente.

Terminei o terceiro ano do Ensino Médio com 16 anos e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) não me sorriu. Tentei outras vezes, mas o resultado se repetiu, como um eco distante que não encontrava resposta. Talvez, uma parte da culpa fosse minha, por não ter me entregado por completo, mas também sei que havia algo além de mim, algo que me faltava.

O ensino público, com suas margens apertadas, não me fornecia o que precisava, e meus pais, com suas mãos limitadas,

não tinham como pagar sequer um cursinho de redação, quanto mais um pré-Enem completo. Minha mãe, com um olhar de quem conhece a luta, dizia: — Nam, minha filha, se esse Curso ao menos garantisse alguma coisa... Mas pagar caro para ainda ver se passa? Você sabe que nem se eu tirar da boca consigo.

Foi assim que comecei a dar aulas de reforço em casa para crianças. Meu pai, então, passou a me levar para a roça, onde o Sol queimava forte e o cheiro da terra seca se misturava ao suor do trabalho. E foi ali, entre enxadas e calos, que a frase repetida por todo professor finalmente fez sentido: estude, porque a caneta é mais leve que a enxada. Eu não queria aquela vida para mim. E foi ali, com os pés fincados na terra seca e as mãos marcadas pelo esforço, que compreendi de vez: o estudo era a única chave capaz de abrir portas.

*27 de fevereiro de 2018*

*Neste ano de 2018 terminarei o ensino médio e tenho muitas metas que pretendo cumprir. A primeira é passar no Enem. Sei que não vai ser fácil e que será necessário bastante foco, mas espero que, da próxima vez que eu leia isso, já tenha sido aprovada em uma universidade pública no curso de História. Já tenho uma visão geral do meu futuro. Não sei se está certo, mas imagino que, daqui a cinco anos, estarei formada e dando aula em escolas de Picos. Entretanto, se eu não conseguir passar em nenhuma universidade, acho que tentarei investir no mercado de trabalho e trabalhar em alguma loja. Na próxima semana, irão começar a oferecer um curso de redação, porém, não sei se poderei fazer, porque aqui em casa vivemos apenas com um salário. Mas acredito que as coisas irão melhorar.*

18 de janeiro de 2019

*Hoje, saiu a nota do Enem. Confesso que fiquei bem triste com o resultado. Eu, realmente, espero passar em História, mas, com a nota que tive, nem vou perder tempo tentando. Já chorei tanto... Mas sei que Deus escreve certo por linhas tortas. Quando for para ser, será. Espero que, na próxima vez, tudo dê certo. Quero muito dar esse orgulho ao meu pai.*

22 de fevereiro de 2019

*Estou triste, precisando conversar com alguém, desabafar, ter um ombro amigo para me ajudar. Quem vê esse sorriso no meu rosto nem imagina o quanto estou despedaçada por dentro. Estou com tanta vergonha de não ter passado no Enem... Eu queria tanto ter entrado em alguma faculdade. Tenho 17 anos, não estudo e nem trabalho, e, no fim das contas, me sinto como se não fosse ninguém.*

*Eu queria pelo menos estar fazendo um curso ou algo parecido, mas meus pais não têm dinheiro para pagar. Sei que não é culpa deles, mas nem sempre temos o que queremos. Estou cansada, de verdade. Esse peso de nada estar dando certo está mexendo comigo.*

Agora, vou até 2020. O ano em que todos diziam ser o início de uma nova era, de carros voadores, de robôs circulando entre nós, de um futuro finalmente alcançado. Mas o futuro chegou de outra forma. Os jornais não falavam de outra coisa: um vírus vindo da China avançava, deixando um rastro de mortes pelo mundo. No início, assisti às reportagens como quem vê uma tragédia distante, dessas que parecem restritas a terras estrangeiras. Mal sabia que, em março, a notícia atravessaria os oceanos e bateria à minha porta.

Lembro das manchetes chamando de epidemia, até que, num sopro, tudo mudou: pandemia. Um nome que congelou o tempo e parou o mundo. De repente, encontros foram desfeitos, abraços se tornaram proibidos, apertos de mão vistos como ameaça. O medo se espalhou como o próprio vírus, e a incerteza sobre os dias seguintes pesava mais do que qualquer silêncio.

*13 de abril de 2020*

*Estamos no meio de uma epidemia e o Brasil parou. A covid-19 está por toda parte, e todo mundo está de quarentena. Espero que isso passe logo. Estou estudando para fazer um concurso em Santo Antônio de Lisboa e já está praticamente certo que entrei na universidade. Entrego minha vida nas mãos de Deus. Que seja feita a vontade d'Ele, e não a minha.*

Lembro bem daquele ano. A espera pelo resultado do Enem mais uma vez, a expectativa lançada sobre uma nota que, enfim, superava as anteriores. Escolhi História na Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Picos. A sensação era de que, dessa vez, daria certo. O primeiro resultado saiu, e não tinha passado. Mas ainda havia esperança: três listas de espera. Entrei pelo sistema de cotas, e na minha ação afirmativa chamavam apenas um aluno por vez. Eu era a terceira.

Acreditei que, enfim, o curso superior era meu. Despachei alguns alunos do reforço escolar, avisei em casa: eu estava prestes a começar uma nova etapa. Mas a vida tem reviravoltas que não pedem licença. A pandemia cruzou o meu caminho e levou consigo meus planos. A lista de espera, que parecia uma promessa, evaporou como um sopro. Vi os primeiros chamados ganharem seus lugares. A primeira nomeação saiu na última

semana de fevereiro. No início de março, chamaram a segunda. Eu era a próxima. Eu sabia que, em menos de quinze dias, meu nome também estaria lá. Mas essa chamada nunca veio.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou: pandemia. E o mundo fechou as portas. Diziam que seria por quinze dias. Mas esse tempo acabou se tornando dois longos anos. E no fim, vi minha chance de entrar na Universidade ser arrancada de mim da mesma forma que o vírus levava vidas: sem aviso, sem piedade.

*16 de maio de 2020*

*Ainda estamos na quarentena, e parece que não há previsão para acabar. Só entrego nas mãos de Deus e peço que ele proteja minha família desse vírus horrível. Minha esperança de entrar na universidade acabou. Essa epidemia atrapalhou meus planos.*

Essa última tentativa fracassada no Enem pesou mais do que as anteriores. História parecia um caminho cada vez mais distante, e a Universidade já não parecia ser para mim. Era hora de aceitar a realidade e procurar um trabalho. Foi então que, em junho daquele ano, surgiu uma proposta inesperada. Um primo da família, que tinha ido embora cedo e raramente aparecia, entrou em contato. Professor de Inglês em uma Universidade no Tocantins, casado com outra professora, ele tinha dois enteados: um dentista e uma advogada. A enteada, recém-aprovada em um concurso na cidade de São João do Araguaia, no Pará, precisava de alguém de confiança para ocupar seu lugar temporariamente no cartório. Além disso, procurava uma babá para sua filha pequena.

Minha mãe, sempre cautelosa, achou mais seguro que eu aceitasse a vaga de babá, já que isso me permitiria morar com meu primo e sua família, e, quem sabe, continuar estudando.

Não hesitei. Aceitei na hora. E assim, no dia 28 de junho de 2020, deixei minha cidade. Partia em busca dos meus sonhos, querendo ser como meu primo, aquele que saiu cedo, estudou e construiu um futuro.

*14 de junho de 2020*

*Recebi uma proposta do meu primo para trabalhar no cartório, no Pará. É uma oportunidade única. Espero muito que dê certo. Além disso, é uma chance de conseguir dar uma vida melhor para minha família. Morar em uma cidade nova, em outro estado, não vai ser fácil. A saudade dos meus amigos e da minha família certamente virá, que Deus me ajude.*

*27 de junho de 2020*

*Deu certo! Amanhã estou indo para o Maranhão. Só Deus sabe o quanto vai ser difícil deixar minha família e meus amigos para trás, mas tenho fé que ele vai me abençoar e que vou conseguir realizar todos os meus sonhos. A partir de amanhã, começarei uma vida nova. Vou focar nos meus objetivos e no meu sonho de dar uma vida melhor para meus pais. Eles pensam que estou indo por causa dos estudos, mas a verdade é que estou indo embora para tentar proporcionar algo melhor para eles. Deus vai me ajudar, e eu vou conseguir. Sei que será difícil, mas creio que tudo dará certo e que, um dia, darei muito orgulho à minha família.*

O enredo era o de sempre: a jovem nordestina deixando o interior para tentar a sorte na cidade grande. E, como tantos outros, o desfecho não foi o esperado. Fui parar em Estreito, no Maranhão, em plena pandemia. A esposa do meu primo

tinha um medo quase obsessivo do vírus. Durante três meses, morei ali sem sequer saber o que era caminhar na rua em frente à casa. Tudo acontecia dentro de um carro, passeios rápidos, janelas fechadas, mãos besuntadas de álcool.

Conheci muitos lugares sem nunca, de fato, pisar neles. Estreito fazia divisa com o Tocantins, onde meu primo trabalhava, e cheguei a viajar algumas vezes ao Pará com minha patroa e a família. Mas eram sempre viagens sem destino real, onde o horizonte era visto apenas pelo vidro do carro.

Eu tinha 18 anos na época e acreditava que seria diferente. Fui para ser babá, ter um salário e, nas horas vagas, estudar. Mas logo percebi que as horas livres eram bem menores do que eu imaginava. Meu dia começava às sete da manhã e terminava às seis da noite, em teoria. Três meses se passaram e os livros continuavam fechados. O tempo, que eu sonhava dividir entre o trabalho e os estudos, havia sido tragado pelo cansaço. E nem o dinheiro, fruto daquele esforço, me pertencia de verdade. Não havia sequer a liberdade de gastá-lo com um sorvete, já que sair de casa era impensável.

Decidi voltar. Não foi fácil. Prometeram-me aumento de salário, duas horas de almoço, um Curso EAD pago pela família. Mas do que adiantava, se a felicidade não morava ali? Em setembro, estava de volta à Bocaina. Muitos riram, apareceram em casa só para dizer que já sabiam que não aguentaria ficar longe da minha mãe. Piadinhas sarcásticas, olhares de desdém. Mas não me importei. Tudo o que queria era o aconchego do meu lar e o carinho dos meus pais.

Voltar para minha cidade parecia um passo para trás, mas eu sabia que não queria aquela vida para mim. E ainda bem que voltei. Porque, assim como cada tempo tem sua estação, a minha já estava a caminho. Decidi tentar o Enem mais uma vez, a última. Fui firme com meus pais: “Vou tentar, mas, se não der certo, deixo para lá e procuro um emprego”.

24 de abril de 2021

*Bom... Digamos que as coisas não andam às mil maravilhas, novamente. Não consegui passar no Enem. Não arrumei um emprego. E, às vezes, me sinto inútil... Como se nada que eu fizesse fosse suficiente. Minha mente está um caos. Nada dá certo para mim, três anos tentando o Enem, e nada.*

*Tudo que eu queria era uma chance de mudar e ajudar minha família, mas parece que nunca vou conseguir. Sei que não acreditam que sou capaz... E, para falar a verdade, acho que nem eu mesma acredito mais. Eu disse a mim mesma que não tentaria mais. Mas vou tentar uma última vez. Este ano será minha última tentativa. Se não der certo, talvez só me reste aceitar o destino.*

O resultado chegou em 2021, e, mais uma vez, meu nome não figurava entre os aprovados. Contudo, dessa vez, o destino me fez ousar. Além de História, decidi arriscar o Jornalismo, na Universidade Estadual do Piauí. Uma escolha impulsiva, quase impulsionada por um suspiro, sem sequer imaginar que a chance se tornaria realidade. Uma aposta em algo incerto, mas que, de alguma forma, parecia ser o passo que precisava dar. Mas, na hora da lista de espera, escolhi História.

Jornalismo parecia um sonho grande demais, uma estrada distante que eu não ousava trilhar. Então, esperei. Enquanto isso, o dinheiro que guardei no Maranhão encontrou destino: um curso técnico de enfermagem. Aqui, quase todo mundo fazia. E, embora a área da saúde nunca tivesse me encantado, as opções não eram muitas. Apostei no certo, mesmo sem paixão, e segui em frente.

Após um mês de curso técnico, a UESPI finalmente divulgou as listas de espera. Olhei as duas primeiras com a esperança tímida de que meu nome pudesse estar ali, mas nada.

Não era surpresa, afinal, na lista de espera, havia escolhido História na UFPI, não Jornalismo. Mesmo assim, continuei a olhar, como se uma pequena voz interior sussurrasse que talvez, só talvez, pudesse dar certo.

Na primeira semana de outubro, a terceira lista foi publicada. Mas não olhei. Já havia passado por duas publicações sem meu nome, e na terceira, seria em vão. Ao longo da semana, algo peculiar aconteceu: a sugestão de post sobre a terceira lista apareceu no Instagram, mais uma vez. Ignorei, como fiz com as anteriores, mas a insistência do destino parecia querer me dizer algo.

Na noite de quinta-feira daquela semana, por volta das 20h30, após chegar em casa, peguei meu celular. E lá estava o post de novo. Algo dentro de mim, talvez a soma de todos os sinais, me impulsionou. Meu Deus, isso está aparecendo tanto... Vou olhar logo. E, naquele momento, olhando para a tela, soube que, finalmente, estava diante da oportunidade que tanto esperava.

Ao abrir o documento, meus olhos se encheram de lágrimas. Meu corpo paralisou. Meu nome estava ali. Eu havia sido aprovada no Curso de Jornalismo da UESPI. Corri para contar aos meus pais. Meu pai ficou eufórico, mas minha mãe, não. Aquele era um momento difícil para nós. Meu pai estava, mais uma vez, sem emprego, e ela sabia que apenas seu salário não seria suficiente. As palavras dela foram duras. Nunca vou esquecer. “E tá chorando por quê? Isso não é motivo para chorar. É apenas mais uma conta que vai vir para minhas costas!”

Naquele instante, senti raiva. Depois de tantas tentativas, aquilo era uma conquista, uma vitória. Mas, em parte, ela tinha razão. Mesmo sendo uma Universidade pública, o Curso era integral. Eu teria que arcar com alimentação e transporte todos os dias. O salário dela mal cobria as despesas da casa. Como ela dizia, seria tirar da boca o que já não tínhamos para pagar.

28 de outubro de 2021

*Este mês de outubro posso dizer que estou realizada. Depois de quase quatro anos tentando, finalmente entrei para uma universidade! Tudo acontece no tempo de Deus, e agora vejo que toda essa trajetória valeu a pena. Passei para Jornalismo na UESPI. Nem consigo acreditar! Apesar da alegria, sei que esse sonho não será fácil. Não sei como meus pais conseguirão arcar com as despesas, mas confio que Deus tem um plano para mim. E isso me dá forças para seguir em frente.*

Se o caminho até a aprovação foi árduo, depois dela não seria diferente. Foi no calor da mesma época que surgiu uma proposta tentadora: telefonista em uma operadora de telemarketing, com salário fixo, a promessa de estabilidade. Para minha mãe, parecia uma escolha óbvia. Ela queria que eu aceitasse. Talvez fosse o mais sensato.

O dinheiro fazia falta, e eu ainda carregava o peso do curso técnico em enfermagem, iniciado meses antes. Para ela, era simples: trabalharia durante a semana e seguiria com o técnico aos finais de semana. Mas, para mim, não era. Não depois de lutar tanto para alcançar a Universidade. Não depois de ver na Educação uma chance para algo além da sobrevivência. Algo que ainda não sabia se seria possível, mas que, por mais difícil que fosse, parecia valer a pena tentar.

O assunto virou briga na mesa de jantar. Meu pai e meu irmão defendiam a educação, o estudo como porta para o futuro. Minha mãe, no entanto, era firme na defesa do trabalho. Ela veio do interior de Sussuapara, onde a vida lhe ensinou que, para as mulheres, poucas escolhas existiam.

Eu sabia que suas palavras não vinham de maldade, mas de uma compreensão limitada, de quem nunca teve a chance

de ver além. Ela não entendia o que significava estar em uma Universidade. Para meus pais, trabalhar sempre foi a única opção, a única possibilidade de vida. Educação era algo distante, quase um sonho.

“E tu vai passar quatro anos sem trabalhar? Eu não tenho como arrumar dinheiro para manter isso, não, minha filha.” As palavras caíam pesadas, como pedras lançadas contra o futuro que tentava construir. Eram duras, mas não cruéis. Havia preocupação em sua voz, uma preocupação que vinha de quem sempre teve que lutar pela sobrevivência. Mesmo assim, contra sua vontade, recusei o emprego e desisti do curso técnico.

Escolhi o Jornalismo, a minha escolha, mesmo que parecesse um salto no escuro. A notícia correu rápido pela rua, e com ela, vieram as críticas. Logo Jornalismo? Se fosse ao menos Letras... E se passar a vida estudando e, no fim, não conseguir nada? Olha a vizinha ali, formada e desempregada. Jornalismo não dá futuro por aqui. Palavras cortantes, vindas de quem nunca soube sonhar. Mas fui em frente, com a certeza de que, ao menos, estava indo atrás do meu sonho, mesmo que fosse a única a vê-lo.

Ainda era pandemia. As aulas, marcadas para novembro, seriam remotas. Sabia que enfrentaria desafios, mas minha fé sempre falou mais alto. Havia um alívio naquele começo à distância: sem aulas presenciais, não precisaria pagar a van. O horário quebrado permitia que continuasse dando aulas de reforço, e cada centavo que ganhava guardava com um único propósito: garantir o transporte quando as aulas voltassem. O obstáculo maior? Eu não tinha um computador. Apenas um celular e um sonho.

Assim segui, cursando o primeiro período com a tela pequena como janela para o conhecimento, digitando trabalhos em um teclado minúsculo, improvisando entre dificuldades e esperança. Foi quando uma luz surgiu: a Universidade oferece auxílios para estudantes, através dos programas de au-

xílio moradia, alimentação e outras bolsas. Assim que soube, não hesitei. Inscrevi-me na seleção e, ainda naquele primeiro período, fui aprovada.

O valor que recebia no fim do mês? Guardava cada parte, sabendo que, quando o presencial retornasse, teria como pagar os primeiros meses de transporte. Abril de 2022 chegou com a promessa de uma nova etapa. O mês trouxe o retorno às aulas presenciais, embora a pandemia ainda fosse uma sombra persistente, com as máscaras exigindo sua presença constante.

As salas voltaram a se ocupar, os corredores se encheram de vozes e o som de passos apressados tomou o campus. O desafio que se anunciava era grande, mas a vitória parecia ainda mais doce à medida que se aproximava. Agora, não seria mais pelo celular, nem pelos limites da tela. Eu estaria lá, sentada entre colegas, sentindo a energia da sala de aula e ouvindo cada palavra ao vivo, sem a mediação do digital. Poderia usar os computadores da Universidade, aquelas máquinas que antes pareciam distantes, para dar vida aos meus trabalhos.

Costumo contar que foi o Jornalismo que me escolheu, e não o contrário. Na minha cabeça, era um Curso tão concorrido quanto Direito e Medicina, um sonho impossível para a minha realidade. Mas estava errada. Foram necessárias três tentativas frustradas em História para que eu entendesse que, apesar do meu apreço pela área, aquele não era o meu lugar, pelo menos não naquele momento.

Foi preciso caminhar por outras trilhas para encontrar a estrada certa. O primeiro período de Jornalismo passou, e com ele veio a primeira lista de espera da UFPI. O terceiro nome da lista no Curso de História? O meu. O destino, em seu jeito peculiar, pregando peças. Por três anos busquei História, mas foi a Comunicação que me abraçou, revelando que as palavras e as vozes do mundo já me aguardavam. Com o tempo, entendi o recado: tudo tem seu momento, e o meu era o agora. O que não aconteceu antes não foi uma perda, mas um sinal de Deus,

guiando meus passos até onde realmente deveria estar.

A caminhada, no entanto, não foi fácil. Vou me formar em agosto deste ano, em 2025. Quando olho para trás, vejo cada obstáculo vencido, cada renúncia, cada dúvida. E ao olhar para frente, sinto apenas gratidão. Eu, filha de uma auxiliar de serviços gerais e de um pedreiro, nascida no interior do sertão piauiense, estou à beira de um sonho que floresceu entre lutas e esperanças: preste a me formar em Jornalismo.

No início do presencial, já tinha algum dinheiro guardado, fruto do auxílio e das aulas de reforço que dava. Era o suficiente para cobrir os primeiros meses de locomoção. Mas o transporte logo se revelou um desafio maior do que imaginava. O Curso era integral, os horários quebrados. Não havia uma única van que resolvesse tudo. Da minha cidade até a UESPI, só havia transporte à tarde e à noite. Pela manhã, eu precisava pegar outra van até o centro de Picos e, de lá, pagar mais uma passagem para chegar o campus. Um quebra-cabeça diário, caro e exaustivo. Foi difícil. Ainda é. Mas, de algum jeito, aprendi a lidar com isso.

Outro obstáculo era o computador. Eu havia imaginado que o laboratório de informática da instituição estaria sempre disponível, mas a realidade era outra. Assim, segui até o final do terceiro período realizando todas as atividades pelo meu celular, um Moto G8 Play de 2018, que já não funcionava tão bem em 2022, mas aguentou o tranco.

No fim do primeiro período, ainda no ensino remoto, surgiu um novo edital da UESPI: o Programa Bolsa Trabalho. Uma oportunidade para atuar nas Coordenações e setores da Universidade. Inscrevi-me sem hesitar. Aprovada. A espera pela convocação foi longa, mas, quando enfim fui chamada, agarrei aquela chance com força.

Guardei cada centavo da bolsa com um único propósito: comprar um notebook. Em casa, muitas vezes, faltava lanche para levar. Os dias integrais eram os piores. Eu levava minha

marmita com o básico, mas o dinheiro do lanche da manhã e da tarde ia direto para o meu sonho. Passei muita vontade nos corredores da UESPI, mas segurava firme o propósito.

No final de julho, início de agosto de 2023, consegui. Comprei um notebook simples, um Positivo de 4GB. Muitos diziam ser fraco, que deveria investir em algo melhor. Mas eu não tinha três mil reais para um bom equipamento. Tive que me contentar com o possível. E Deus me ajudou: ele me acompanha até hoje, final do Curso. Com alguns defeitos, é verdade, mas chegou comigo até aqui.

Como em qualquer instituição pública, há profissionais dedicados e há aqueles que, embora competentes, se acomodam. Encontrei alguns desses ao longo da minha passagem. No terceiro período, um docente me desmotivou profundamente. Na UESPI, as aulas seguiam um turno fixo, com um único professor ao longo da manhã ou da tarde. Começavam às 8h e iam até as 11h40min, ou pelo menos deveriam. Mas alguns docentes não seguiam essa rotina. Chegavam às 9h40min e, pouco depois das 10h, já nos dispensavam.

Para alguns colegas, isso era um alívio. Para mim, era o cúmulo. Eu acordava às 5h da manhã, tomava café às pressas e pegava a van às 6h. Chegava em Picos às 7h, pegava o ônibus e, finalmente, às 8h, estava em sala. O problema era que o ônibus coletivo que subia para a Universidade só passava duas vezes pela manhã: às 10h e ao meio-dia. Ou seja, saía de casa antes do Sol nascer para assistir aos poucos minutos de aula.

O pior aconteceu em janeiro de 2023. O período letivo já estava quase no fim, a maioria dos cursos em férias. Mas não o Jornalismo. Era segunda-feira, dia 2, enquanto muitos ainda descansavam das festas de fim de ano, nossa turma foi chamada para uma aula. Juntei as últimas moedas que tinha e fui. Quando chegamos, o docente não apareceu. Estava viajando com a família. Simplesmente esqueceu de nos avisar.

Aquele dia foi um golpe. A bolsa universitária estava

atrasada, já não tinha dinheiro sobrando. Voltei para casa com um peso no peito. A van me deixou no centro de Bocaina, de onde segui a pé, subindo duas ladeiras sob um calor abrasador. Cheguei em casa às 13h30, tirei a roupa e desabei no chão do quarto chorando, em silêncio.

Minha mãe percebeu. Achou que era só cansaço. Pediu que tomasse banho e almoçasse. De certa forma, ela estava certa. Era cansaço, sim. Mas não apenas físico. Era a exaustão de quem contava moedas para estudar, agarrando-se à única oportunidade de aprendizado que tinha. Era o peso de quem, naquela manhã, sentiu que o esforço fora em vão.

## **A essência das coisas esperadas**

Apesar dos desafios, houve também dias de vitória. Uma delas foi a transformação da minha casa, fruto do meu esforço e do meu trabalho. Com o tempo, as oportunidades iam surgindo (bolsas, auxílios, estágios) e fui guardando cada centavo. Já conseguia pagar a van sem precisar da ajuda dos meus pais. Tinha meu notebook. As marmitas ficaram para trás; agora, o auxílio alimentação me permitia comer dentro da UESPI nos dias de aula integral. Deus foi abrindo caminhos.

Como mencionei antes, venho de uma família humilde. Nossa casa sequer tinha cerâmica. Mas, através dos meus estudos, consegui comprar cerâmica e tinta para reformá-la. Foi como reviver a construção do nosso lar: meu pai assentava as peças, minha mãe fazia o rejunte e eu, pincel na mão, cuidava da pintura.

Aos poucos, transformamos aquele espaço, deixando-o do jeito que minha mãe e eu sempre sonhamos. Lembro-me dessa época como um tempo de pura felicidade. Aurora Ser-taneja, ainda sem o diploma nas mãos, apenas uma estagiária,

já havia conquistado o primeiro de muitos sonhos que ainda realizarei. Era a prova de que cada esforço, cada renúncia, cada madrugada de estudo valia a pena.

3 de agosto de 2023

*Hoje estou escrevendo para compartilhar a alegria que estou sentindo neste momento. Apesar dos dias difíceis e da luta constante, também existem dias de vitória. E, mesmo que este momento seja pequeno, para mim é um grande marco, uma grande conquista. Consegui comprar as cerâmicas para a minha casa. Deus, não tenho palavras suficientes para Te agradecer e Te adorar. Sei que sem o Senhor nada disso seria possível. Obrigado, Jesus, por me permitir viver esse momento.*

## **Do outro lado do diploma - o que espera por mim?**

Agora, aqui estou, à beira de um novo capítulo. Esse parece ter durado uma eternidade, mas agora se resume em palavras que não sei como concluir. Talvez já tenha escrito mais do que deveria, mas o que faço quando as palavras não se calam!?

Espero que um dia eu olhe para trás e veja que conquistei tudo o que sonhei. A graduação em Jornalismo foi a chave que abriu portas, um caminho que já não me leva ao mesmo lugar de antes. Hoje, vejo-me ocupando lugares que antes habitavam apenas meus sonhos. E sim, tenho medo. Medo do desconhecido, do futuro incerto. Mas isso não me impede de seguir.

Às vezes, a dúvida surge como um peso insuportável: Tudo isso valerá a pena? O diploma, a estabilidade, o futuro tão distante... A vida nunca foi fácil, mas há dias em que o peso parece ser dobrado, como se as correntes fossem mais pesadas,

mais difíceis de carregar.

Para alguns, ser o melhor é uma escolha. Para mim, não há escolha. O esforço não é uma opção, é a única saída. Não há pais ricos, não há promessas de que tudo ficará bem. Quando a Universidade abriu suas portas, algo se transformou dentro de mim. Os olhos que antes viam o mundo de uma forma simples agora veem além, com clareza e complexidade. Os interesses tomaram novos rumos, os pensamentos se expandiram, e a forma de agir já não é a mesma.

Este novo ano chega como um campo de incertezas, uma sombra pairando sobre o horizonte. Haverá um emprego aguardando do outro lado? O caminho escolhido levará a algum lugar? A docência, será ela uma possibilidade real? O oitavo período se aproxima, e com ele, a promessa de um diploma ao alcance das mãos, ainda neste semestre. E, com ele, um turbilhão de sentimentos: medo, angústia, ansiedade. O que virá depois disso? Como me vejo em cinco anos? Não sei dizer. As palavras tremem antes de digitar no teclado, temendo que os sonhos escritos não alcancem o céu que o coração tanto almeja. Vamos viver para saber.

Encerrar este primeiro capítulo é como voltar ao início da estrada e enxergar, com nitidez, cada pegada deixada no caminho: a menina que equilibrava tijolos e sonhos; a adolescente que quase silenciou seus desejos; a mulher que, à beira da conclusão de um ciclo, enfim compreende a grandeza da própria travessia. Aqui, revelei as cartas que guardavam minhas angústias e minhas esperanças, cartas que me viram cair, mas também levantar, sempre com aquela pressa de quem sabe que a vida nunca lhe ofereceu garantias.

Reforcei que a disciplina que muitos admiraram não nasceu da vaidade, mas da escassez; não foi escolha, mas sobrevivência. A Educação apareceu como o único território possível, a

única porta entreaberta para quem nasceu longe das certezas. E entre a secura da infância, os silêncios da casa, a migração e os domingos de medo, descobri que sonhar também é um ato político.

Ao lembrar dos professores que me acolheram, dos auxílios que me sustentaram e dos obstáculos que quase me quebraram, reafirmo o que este capítulo quis mostrar desde a primeira linha: esta obra não é apenas um produto de TCC, é um testemunho. É o registro de como o Jornalismo me escolheu quando já quase desistia de mim mesma.

Fecho, então, estas páginas com a certeza que me acompanha desde sempre: a Educação me salvou; a Fé me sustentou; e o caminho, ainda que trilhado quase sempre sozinha, nunca deixou de ser possível. Se minha história inspirar outras Auro-ras Sertanejas, outras meninas de terra seca, já terá cumprido seu propósito.

Assim encerro este capítulo: com a consciência de que narrar a si mesma é renascer, e que seguir adiante é o gesto mais profundo de coragem. O futuro, entrego a Deus. O presente, carrego comigo: colérica, corajosa, inteira.



## Capítulo 2

### O Curso de Jornalismo em Picos

A história do Curso de Jornalismo em Picos é marcada pela persistência, mobilização social e um profundo desejo de transformar o sertão piauiense por meio da Educação. Embora o Curso tenha sido oficialmente implementado apenas em 2002, suas raízes remontam a tentativas anteriores, algumas frustradas, outras esquecidas, que revelam o quanto a sociedade civil, profissionais da Comunicação e lideranças universitárias se empenharam para tornar esse projeto realidade.

Este capítulo apresenta uma síntese histórica que situa você, querido leitor, no tempo e no espaço, mostrando como o Curso nasceu, se consolidou e resistiu a inúmeras adversidades. Em seguida, abre-se um conjunto de subcapítulos (Vozes da Fundação), que reúne depoimentos centrais de personagens que viveram a gênese e os primeiros anos da formação em Jornalismo na UESPI.

Antes de existir como Curso, o Jornalismo em Picos foi um pedido coletivo. O documento a seguir é a primeira tentativa oficial, assinada por jornalistas e radialistas da cidade. Ele registra o momento em que a comunidade local buscou formalizar a demanda junto à UFPI.

*Of s/n°/98°PICOS-PI, 09 de Novembro de 1998.*

*Senhor Reitor,*

*Após reunião realizada dia 06 de novembro último, com a presença de vários Jornalistas e Radialistas, com o objetivo de discutir a implantação de um curso de comunicação social, por módulo, através da UFPI, estamos enviando, em anexo, proposta de criação do referido curso para apreciação de V. Excia. O que esperamos atender o nosso pleito, conforme objetivos e justificativas apresentadas o documento supra.*

*Atenciosamente,*

*Jornalista João Bosco*

*Jornalista Fco. das Chagas Ferreira*

*Jornalista Ruthemberg de S. Filho*

*Radialista João Benvindo de Moura*

*Exmo. Sr.*

*Prof. Pedro Leopoldino*

*Magnífico Reitor da Universidade Federal do Piauí  
Teresina - Piauí*

Em 1998, uma carta foi dirigida ao reitor da UFPI, escrita pelas mãos de comunicadores locais da região de Picos, clamando pela criação de um Curso de Comunicação Social na Universidade. A carta não obteve resposta. A primeira tentativa nasceu da necessidade e da esperança, mas ainda não encontrou acolhimento institucional. Outras tentativas vieram: a primeira dirigida à Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), a segunda novamente à UFPI. Somente a terceira, encaminhada à UESPI, resultaria em êxito.

Esse triunfo, em 2002, simbolizou não apenas a realização de um sonho, mas a concretização de uma luta marcada pela perseverança e o desejo de transformar o cenário comu-

nicacional no sertão piauiense. Foi nesse ano que o campus Professor Barros Araújo (CPBA), da Universidade Estadual do Piauí, ergueu-se como um símbolo de transformação e oportunidade e passou a oferecer o Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas.

Localizado em Picos, cidade de importância estratégica por sua posição como o terceiro maior município do Estado e ponto de convergência rodoviária, o campus tornou-se um elo vital entre as comunidades do Centro-Sul, abrangendo cerca de 40 municípios. Sua presença vai além das fronteiras geográficas, adentrando a vida de muitos que encontram na Educação Superior uma chance de mudar suas próprias histórias.

A chegada do Curso no município de Picos foi mais que uma conquista acadêmica; foi o desfecho de uma saga travada por jornalistas do batente que, por décadas, haviam construído a história da Comunicação no sertão sem a chancela da formação universitária. O caminho até a institucionalização do Jornalismo na cidade, porém, foi longo, atravessando mais de 90 anos desde os primeiros passos dos meios de comunicação locais.

Em 2002, as portas se abriram para a primeira turma de Comunicação Social e Relações Públicas em Picos, fruto de uma aliança entre a UESPI e as prefeituras regionais. Através da Associação Piauiense de Municípios (APPM), as prefeituras financiaram bolsas para os alunos, formando uma geração de comunicadores que daria nova vida à narrativa do sertão.

A partir dessa formação, o mercado de trabalho interiorano passou a contar com jornalistas não apenas de paixão, mas também de formação. Aqueles que antes eram do batente puderam, enfim, vestir o diploma e consolidar-se como profissionais acadêmicos.

Ao reconstruir essa trajetória, torna-se evidente que a história do Curso não se sustenta apenas em datas e decisões institucionais, mas sobretudo nas pessoas que o ergueram com esforço diário. Por isso, as sessões que seguem, reunidas sob o

título Vozes da Fundação, são apresentadas como subcapítulos, dando forma e visibilidade às narrativas daqueles que lutaram pela implantação, consolidação e permanência do Jornalismo em Picos. São vozes que guardam a memória afetiva e política desse percurso, e que merecem ser reconhecidas como pilares da história que se desenrola a seguir.

## **Vozes da Fundação**

### **Reitor das Origens - a travessia do Curso**

Reitor das Origens foi um dos primeiros coordenadores do Curso, e sua fala revela, com clareza, os desafios estruturais enfrentados nos anos iniciais, um período marcado por improvisos, falta de espaços adequados e uma expansão que acontecia na mesma velocidade das necessidades que surgiam. A jornada do Curso de Jornalismo da UESPI nasceu sob essas condições desafiadoras. Instalado inicialmente no bairro Junco, no prédio que abrigava diversos cursos da Universidade, o espaço logo se mostrou insuficiente para comportar todas as turmas. Como solução emergencial, parte das aulas passou a ocorrer em um prédio emprestado da comunidade Samambaia.

Assim, simultaneamente, havia turmas no Junco e no Samambaia. Anos depois, o prédio do Junco foi interditado para reforma e ampliação. Quem hoje olha para a Universidade e critica sua estrutura atual, com prédio próprio construído com essa finalidade, no bairro Altamira, não imagina os tempos de escassez.

O Reitor das Origens, que antes foi Coordenador, depois Diretor do campus e, agora, em 2025, conduz a Universidade como Reitor, carrega consigo as marcas do início. Foi um dos primeiros a guiar o Curso e, por isso, suas lembranças retornam como quem revê um caminho aberto a custo e coragem:

— O pessoal olha, hoje, diz assim: Eita, mas a UESPI não tem estrutura. Aí, às vezes, a gente volta lá para trás e diz assim: ah, se em 2002 até 2012, 2013, esse pessoal tivesse passado pela universidade.... Porque não se tinha...

Apesar das dificuldades, cada obstáculo vencido era uma conquista. O Curso floresceu dos sonhos da comunidade e da esperança dos acadêmicos, tornando-se uma realidade para aqueles que desejavam uma formação superior na Comunicação. A Universidade nunca teve vida fácil, mas avançou.

— Posso lhe dizer que foram momentos, assim, de muita luta, mas também de muita conquista, porque nós vimos florescer algo que era do sonho da comunidade que atuava aqui, no Jornalismo, e da nossa parte, de quem já vinha da academia, de poder ter ali o curso sendo ofertado em nível superior, lembra o Reitor das Origens.

Se hoje há salas climatizadas, carteiras novas e equipamentos modernos, é porque o caminho foi trilhado com luta e dedicação.

— A universidade, ela nunca teve vida fácil! Nunca teve vida fácil! Hoje nós temos um quadro um pouco melhor em relação ao que era antes, porque nós temos salas climatizadas, carteiras novas, datashows... Por exemplo, se você pegar o campus hoje de Picos, toda sala tem seu datashow, com seu quadro de correr, toda sala é climatizada, acrescenta o professor.

O relato do Reitor das Origens reforça que o Curso nasceu em condições de escassez, sustentado pela determinação de docentes e estudantes. Sua visão evidencia que a expansão da estrutura física foi uma conquista coletiva e gradual.

## **Jota das Mobilizações - a mobilização da sociedade**

A voz de Jota das Mobilizações representa os profissionais que, por mais de duas décadas, lutaram pela criação do Curso. Seu depoimento evidencia a dimensão social e simbólica dessa conquista, pois revela que o Curso nasceu muito antes de existir formalmente. A mobilização não surgiu de forma espontânea: começou ainda antes dos anos 2000, em reuniões realizadas em residências, espaços públicos e na própria Universidade, todas com o mesmo propósito: sensibilizar o Reitor da UESPI, na época, a autorizar a implantação do Curso.

Nesse contexto, surgiram estratégias ousadas. Uma das mais marcantes ocorreu no aeroporto de Picos, onde Jota das Mobilizações e outros comunicadores passaram a receber o Reitor com faixas e cartazes, clamando pela criação do Curso de Jornalismo. O gesto se repetiu diversas vezes, até que, finalmente, a demanda ganhasse a atenção necessária.

*— Foi uma vitória histórica, resultado de mais de 20 anos de solicitações frustradas. Antes, tentamos junto à Universidade Federal e à Federação Nacional dos Jornalistas, mas sem sucesso. Apesar da decepção, compreendemos que a luta deveria continuar até que, finalmente, a UESPI tornasse o sonho real.*

Há um simbolismo marcante nesse período. Profissionais do rádio almejavam o Jornalismo, exibindo carteiras de radialista enquanto sonhavam com um diploma na área. A busca pelo Curso ia além de um título: representava o anseio por reconhecimento e qualificação. Cada etapa dessa trajetória contribuiu para consolidar a identidade do Jornalismo no sertão piauiense.

— *Na época, eu acho que não existia obrigatoriedade do diploma, o que existia era uma discriminação em relação a gente. Porque eles nos viam como radialistas, e nós éramos radialistas. Mas o que a gente queria mesmo era provar que nós éramos competentes e poderíamos ter uma graduação, naquele momento, rememora o jornalista.*

O testemunho de Jota das Mobilizações reforça que o Curso nasceu da mobilização popular. Mais que formação, ele representava reconhecimento profissional e combate ao estigma histórico enfrentado pelos comunicadores do sertão.

## **Luminosa do Batente - o sonho de um polo educacional**

Luminosa do Batente traz a perspectiva de quem viveu o início do Curso por dentro: seus improvisos, a falta de estrutura, o choque entre prática e academia e o esforço diário dos primeiros professores. Sua experiência ajuda a compreender que, no sertão piauiense, onde o futuro tantas vezes parecia inalcançável, a Educação começava a se delinear como um horizonte possível. Foi nesse cenário de incertezas e aspirações que surgiu a ideia de um Curso capaz de transformar vidas e consolidar um polo regional de conhecimento.

Para que esse passo inaugural fosse dado, era preciso coragem. E foi justamente essa coragem que guiou o Juiz dos Caminhos: enquanto muitos duvidavam da viabilidade do projeto, ele acreditou e decidiu apostar na criação do Curso.

— *Dava para ver que o Juiz dos Caminhos tinha aquele espírito bem empreendedor, inovador, ele não tinha medo de correr riscos e de ousar. Tanto é que levou*

vários cursos e, na época, as pessoas achavam que ele era... ah, mas é loucura. E todos estão aí até hoje, graças a Deus, dando muito certo. E foi, assim, um pontapé para esse crescimento educacional em Picos e para Picos se tornar hoje esse polo educacional que é... E apresentamos o projeto para o Juiz dos Caminhos. De imediato, ele aceitou e já começou a trabalhar nos trâmites da implantação.

A chegada do Curso foi uma conquista, mas os desafios estavam apenas começando. A estrutura precária e a falta de um corpo docente especializado tornavam a jornada árdua. O entusiasmo dos alunos contrastava com a realidade de um ensino ainda desorganizado, sustentado pela força de vontade e pela necessidade de aprender fazendo.

— *Muito difíceis! Muito difíceis. Muito, muito difíceis! Porque, na época, graças a Deus, a internet já tinha chegado, a gente já tinha como ingressar na internet, fazer contato com as pessoas. Mas, assim, a gente estava feliz! Por quê? Porque o Juiz dos Caminhos deu o sim e instalou o curso, mas o curso totalmente desestruturado, completamente desestruturado. Aqueles professores, que eram de outras áreas, porque o básico engloba professores de outras áreas, professores de Letras, professores de outros campos, que já tinham a sua bagagem de outros cursos, ótimo. Mas quando chegava para o específico de jornalismo, aí, tudo muito sem estrutura mesmo, lembra a Luminosa do Batente.*

Não bastava apenas ensinar; era preciso alguém que pudesse guiar. No entanto, na época, os que tinham experiência prática careciam de base acadêmica, e os que vinham da academia ainda não estavam preparados para a realidade do batente. O equilíbrio entre teoria e prática se tornava um desafio diário.

— O Reitor das Origens era muito novinho também na época, era recém-formado, ele tinha toda boa vontade do mundo, mas eu tinha mais experiência profissional do que ele, porque eu já vinha do batente. E experiência acadêmica. Cadê alguém que pudesse orientar a gente? Porque eu tinha a experiência do batente, eu sempre fui do batente, mas a experiência acadêmica é outra história, né... Então, assim, para você ter noção, eu não tinha nenhuma especialização na área de educação, nenhuma, assim, sabe... nem o básico do básico para você chegar e se posicionar numa sala de aula, eu não tinha. A minha experiência era da correria, do batente, do dia a dia e, de repente, eu fui para a sala de aula. Foi um desafio imenso! Assim, muito, muito, muito grande! conta.

No improviso e na vontade, surgiu a troca. Aquele que ensinava também aprendia. Sem estrutura formal, a prática se impôs como necessidade. A falta de um laboratório de TV estimulou a criatividade. Professores e alunos se reinventaram. Os mais experientes no ensino auxiliaram os iniciantes. Dessa forma, no impulso de fazer acontecer, formou-se um Curso que não apenas preparava jornalistas, mas também forjava Educadores, narrando a história de uma profissão que se construía no sertão.

O relato da Luminosa do Batente mostra que o Curso não nasceu pronto: ele foi sendo construído coletivamente, entre lacunas, esforço e reinvenção. A formação de jornalistas também formou educadores, uma herança que permanece.

## Juiz dos Caminhos - o olhar da gestão

Como Reitor no período decisivo, o Juiz dos Caminhos traz a versão institucional da implantação, destacando a importância estratégica de Picos como polo regional. Sua fala consolida a visão administrativa da época: Picos reunia condições demográficas e regionais para sediar o Curso, justificando a expansão da Universidade para além da capital.

*— Fui reitor da Universidade Estadual do Piauí entre 1995 e 2001, e foi quase ao final da minha administração que o Curso de Comunicação nasceu, entre 1999 e 2000. O Piauí vivia um momento de transformação educacional, levando o ensino superior além dos limites de Teresina.*

A criação de um Curso na Universidade segue um processo específico. Inicialmente, é designada uma comissão responsável por elaborar o projeto, definindo as diretrizes gerais, o número de vagas e a estrutura de instalação.

Ao deliberar sobre a criação do Curso de Comunicação Social, o Conselho Universitário da Universidade Estadual do Piauí considerou viável sua implantação tanto em Teresina quanto na região de Picos. A cidade se destacava como um polo regional expressivo, cercada por 28 municípios em um raio de 60 km. Essa configuração populacional faz com que a área em torno de Picos tenha uma população duas vezes maior do que a de Parnaíba, cuja densidade demográfica ao redor é mais dispersa.

*— Eu tenho lembrança do pessoal me procurando, pedindo o curso, em Picos, é verdade. Isso acontecia sempre nas minhas idas àquela cidade. Pessoas, até que eu nem conhecia, me procuravam, não sei se eram estudan-*

*tes ou não da universidade, já perguntando da viabilidade. “Professor, eu acho que você devia pensar no Curso de Comunicação, Jornalismo. Na região, aqui, não tem.” Porque na Federal nunca teve, não tem, não, nunca foi criado, confirma o ex-reitor.*

## **Antes, era só voz - agora, é história**

Para Picos e para o sertão piauiense, esse foi o início de um novo tempo, onde o Jornalismo se fortalecia, não apenas como voz do povo, mas como uma profissão de respeito e técnica aprimorada, ampliando o alcance da narrativa local e marcando a história de um lugar que nunca deixou de contar sua própria história, mas que, agora, fazia isso com a consciência e o preparo que a academia oferece.

Com o avanço dos anos, o Curso de Comunicação Social consolidou seu papel, formando profissionais que passaram a atuar com a segurança de uma formação acadêmica. Contudo, o caminho não foi linear. Nos anos de 2005, 2009 e 2011, o Curso enfrentou hiatos, e suas turmas se dissiparam como páginas interrompidas no meio da escrita. Foram pausas impostas por tempos de incerteza, em que a continuidade parecia frágil.

Nesses anos, esteve nas mãos do Colegiado de Curso a decisão de realizar a oferta de vagas ou não, diante do seguinte cenário: prédios da Universidade em reforma e salas de aula improvisadas em escolas cedidas ou alugadas. Assim, o órgão deliberativo viu-se sem escolha. Não havia estrutura, apenas o desejo contido de continuar. Mas a força do projeto prevaleceu: novas gerações ingressaram de 2013 para cá, revitalizando o compromisso com o ensino e perpetuando o legado do Curso.

Hoje, 22 anos após sua implementação, o Curso permanece vivo, uma chama que molda não apenas o Jornalismo

local, mas toda a visão de Comunicação na região de Picos. É a história de um coletivo que, ao transformar o ofício empírico em Ciência, fundou as bases do Jornalismo acadêmico no sertão piauiense. Cada memória evocada, cada palavra registrada sobre esse período, guarda o relato de um pertencimento profundo e de uma transformação irreversível, em que o jornalista do batente encontrou, finalmente, um caminho para se tornar o jornalista de diploma, honrando e amplificando a voz do sertão.

Aqui, encerramos a travessia pelos anos que antecederam 2020 e seguimos adiante, guiados pelos ecos do passado e pela necessidade de preservar a memória, para que o futuro não se perca.

Ao concluir este capítulo, percebe-se que o Curso de Jornalismo em Picos não nasceu por acaso: foi tecido lentamente, como se o sertão, acostumado a moldar sobrevivências, tivesse aprendido também a moldar sonhos. As palavras de Jota das Mobilizações revelam a força de quem esperou décadas para ver a chegada de um Curso que ecoasse a voz ao povo que sempre narrou a própria vida nos rádios e jornais improvisados. A Luminosa do Batente, com sua memória afetiva dos primeiros dias, lembra-nos que a Universidade começou entre o improviso e o encantamento, enquanto o Reitor das Origens expõe, com honestidade, os tijolos invisíveis que sustentaram o Curso nos anos de maior precariedade.

A narrativa desses personagens refaz o caminho de uma construção coletiva: encontros em casas, reuniões no aeroporto, cartas enviadas a quem pudesse ouvir, salas improvisadas nos bairros Junco e na Samambaia, caminhadas longas até o campus. Nada ali era definitivo, exceto a certeza de que o sertão merecia um lugar onde a palavra se transformasse em estudo, profissão e futuro.

Assim, o Curso de Jornalismo da UESPI surge como símbolo de uma luta que começou muito antes de 2002. Ele é a concretização de um desejo antigo, mas também a promessa de que o interior pode, sim, tornar-se polo de pensamento, de crítica, de narrativa. O sertão, que tantas vezes viu seus filhos partirem, finalmente inaugurou um espaço para que muitos pudessem ficar, estudar, criar e contar.

O capítulo se encerra, mas permanece a sensação de que essa história continua vibrando. O Curso não é apenas parte da Universidade; é parte da cidade, da região, de todos aqueles que acreditaram que o conhecimento também floresce entre pedras, ventos e calores do B-R-O-BRÓ.



## Capítulo 3

### Primeira jornalista quilombola do Piauí

Antes de atravessar os caminhos que compõem a história de Glória dos Amaros, este capítulo se abre com um documento tecido por suas próprias mãos: uma carta em que a jornalista retorna às memórias da infância, às primeiras centelhas do sonho e à figura luminosa do avô, cuja presença guiou, como um farol, o nascimento de seu desejo profissional.

Convém dizer, querido leitor, que essa carta sustenta dois propósitos essenciais: resguardar a voz da protagonista e oferecer uma janela para o alcance emocional de sua trajetória. Escrita no instante em que Glória se reconheceu como a primeira jornalista quilombola do Piauí, a carta que segue registra, em primeira pessoa, o itinerário íntimo que moldou seu sonho, a ternura do avô, o chamado da ancestralidade e a força das mulheres negras que, na televisão, acenderam nela a certeza do possível.

*25 de novembro de 2024*

*Querido leitor, meu eu criança escreveu meu sonho de adulta.*

*E se, naquela varanda, minha versão criança, enquanto assistia TV ao lado do avô materno, tivesse sonhado com outra profissão para o meu eu adulta? Os olhos de ambos, avô e neta, brilhavam diante das notícias transmitidas por um dos maiores telejornais do Brasil, o Jornal Nacional. Na tela, a menina via as jornalistas Glória Maria*

e Maju Coutinho, mulheres negras que se tornaram suas maiores inspirações e referências.

Os dias passaram, e eu e meu avô continuamos fazendo planos sobre o meu futuro como jornalista. Naquela sala, ele me dizia: Nós vamos fazer uma festa na sua formatura, eu vou te aplaudir de pé. Dizia que iríamos nos formar juntos. Sim, nos formar, porque o sonho era nosso, compartilhado em vontade e coração. Numa noite em que todos já dormiam, era quase meia-noite, recebi uma mensagem de uma amiga com o print da chamada da UESPI. Lá estava escrito: Candidatos inscritos por cotas, seguido dos nomes selecionados. Logo abaixo, a pergunta: É você? Você passou em Jornalismo. Sim! Meu nome estava lá.

Aquele era mais um passo na realização do meu sonho. Sem acreditar, olhei para o céu e sussurrei baixinho: Vô, eu passei! Eu passei, vô! As lágrimas desceram, e naquele momento eu tive certeza de que, lá no céu, meu avô sorriu. Seus olhos também devem ter se enchido de lágrimas, lágrimas de felicidade. O Jornalismo sempre foi meu sonho! O curso me ensinou muito, sobre a teoria, sobre a prática e sobre o prazer de aprender. A cada disciplina, a cada dia e a cada novo aprendizado, eu me apaixonava ainda mais. Era como se meu peito se abrisse como uma rocha rachada, confirmando que o amor pelo Jornalismo é grande e verdadeiro dentro de mim.

Com o curso, tive a oportunidade de levar para as discussões em sala de aula, para os debates, apresentações e corredores, a cultura do meu povo, a cultura Quilombola. Isso me fortaleceu e me tornou mais corajosa dentro da universidade. Porque ocupar esses espaços é, sim, fundamental. Hoje, o sonho foi realizado: sou formada em Jornalismo! Agradeço à minha versão do passado, que teve coragem para sonhar, enfrentar desafios e ignorar aqueles que duvidaram que esse sonho pudesse se tornar realidade.

*Nós conseguimos! E aqui deixo um recado para todas as meninas, negras, quilombolas, jornalistas e futuras jornalistas: Sonhem e realizem seus sonhos!*

*Atenciosamente,  
Glória dos Amaros  
Jornalista, mulher negra e Quilombola!*

A carta de Glória estabelece a base emocional de sua narrativa. O avô aparece como figura de reforço, afeto e legitimação, aquele que testemunha e sustenta o sonho que, historicamente, não era destinado às meninas negras e quilombolas. A referência às jornalistas Glória Maria e Maju Coutinho funciona como eixo simbólico: mulheres que ocupam o telejornalismo nacional rompendo estereótipos raciais.

Além disso, ao descrever o momento de aprovação no vestibular como um diálogo íntimo com o avô já falecido, Glória dos Amaros revela o caráter ancestral de sua conquista. Sua trajetória não é individual, mas coletiva: ecoa o desejo de seu povo, seus ancestrais, sua comunidade. Sua carta também antecipa o tom do capítulo, uma história de resistência, pertencimento e afirmação identitária.

Era perto de meio-dia, em uma tarde escaldante do B-R-O-BRÓ, em 17 de outubro de 2024. Glória dos Amaros comandava uma das mesas responsáveis por levar o jornal de Picos ao ar, cercada por profissionais veteranos, habituados ao árduo trabalho diário. Ainda no estágio obrigatório do Curso, a jovem jornalista já havia conquistado seu espaço na TV Cidade Verde, destacando-se por pautas ousadas e significativas.

Ela ecoava a voz do seu povo, buscando mostrar que sua cultura também possui uma história digna de ser contada. Com alegria e simplicidade, o sonho de ser jornalista brilhava

em seus olhos, refletido no seu sorriso. Nunca perdia a chance de falar de suas raízes; esse era seu mantra. Desde criança, contar histórias era seu fascínio. Alimentando esse sonho, nunca desistiu do que mais desejava.

— *Eu já tinha o sonho. Quando criança, eu sempre assistia ao Jornal Nacional e, quando vi a Maju e a Glória Maria, eu dizia, principalmente para o meu avô, que queria ser jornalista e que um dia meu nome iria aparecer naqueles créditos que subiam toda vez que eu assistia ao Jornal Nacional.*

Em um cenário em que o acesso ao ensino superior ainda é um desafio para a população quilombola, Glória dos Amaros se ergue como um marco. Das 106 universidades públicas do Brasil, apenas 20% oferecem cotas para quilombolas. No vasto universo acadêmico, que abriga até 384 mil alunos, apenas 2.035 vagas são destinadas a essa população, um número que representa apenas 0,52% do total. No Nordeste, região que mais reserva oportunidades, são 706 vagas, ainda insuficientes diante da necessidade.

O verdadeiro impacto dessas políticas, no entanto, permanece incerto. O Censo da Educação Superior, divulgado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), não traz dados específicos sobre estudantes quilombolas matriculados, reflexo da invisibilidade estatística que acompanha essa população.

Mas, no Piauí, uma história resiste a essa ausência de números. Mulher preta, quilombola, com a sabedoria das religiões de matriz africana e o calor da terra piauiense, Glória dos Amaros tornou-se a primeira jornalista quilombola do Estado. Sua trajetória não apenas inscreve um novo capítulo na história da Educação, mas antecipa um futuro onde muitas outras, sem dúvida, ainda hão de surgir.

Aos 26 anos, é uma militante destemida que, desde o alvorecer de sua jornada acadêmica, fez da sua pauta um canto de resistência, celebrando seu povo, sua origem e sua cultura. Glória dos Amaros é o tipo de pessoa que renova minha crença na possibilidade de um mundo melhor. Seu espírito é reflexo da transformação que o país vivencia, em que vozes outrora silenciadas agora ocupam os espaços que lhes foram negados. De um sonho infantil à realização presente, a jornalista carrega a essência do quilombo Canabrava do Amaros (Paquetá do Piauí) e é prova viva de que os sonhos podem florescer em realidade, iluminando o caminho para futuros ainda por vir.

Em sua carta, o sonho que brotou na infância, ao lado do avô, se transforma em conquista, em realidade concreta e, ao mesmo tempo, se torna um farol para todas as meninas negras e quilombolas, que agora sabem que seus sonhos também podem atravessar as barreiras do impossível.

Ela não é apenas a primeira jornalista quilombola da UESPI e do Piauí, mas a protagonista de uma narrativa coletiva, que se estende no tempo e se expande no futuro, pavimentando um caminho de coragem e de luz para outras mulheres que, como ela, sonham e vão ocupar os espaços que lhes pertencem.

## **O início do sonho**

“Conte-me sua história de vida”. Essa era a primeira pergunta do roteiro desta autora. Glória dos Amaros silenciou-se por um instante, imersa em pensamentos. O tempo parecia desacelerar, enquanto os segundos se alongavam, como se o passado fosse se desenhando lentamente diante dela. Então, lembrou-se de uma época distante, quando veio a Picos acompanhada de seu avô, a passeio. Ao passarem em frente à construção do novo campus da Universidade Estadual do Piauí, uma recordação ficou gravada em sua memória.

Embora as lembranças dessa fase ainda lhe pareçam vagas, uma imagem permanece nítida, clara e marcante, como um ponto de referência em sua jornada. Com carinho e afeto, ela conta um pouco sobre o seu início e a força do vínculo que compartilhava com o avô, com a doçura de quem guarda a infância no coração.

— *Teve uma época em que vim para Picos e lembro que, quando passamos em frente ao prédio da UESPI eu disse: “Olha, eu vou estudar aí, nessa universidade”. Ainda estava em construção na época. Lembro que algumas pessoas na van comentaram: “Ah, mas universidade é só para filho de gente rica, gente rica que pode pagar”. E, no mesmo momento, meu avô disse que eu iria estudar na universidade, que faria o curso de Jornalismo. Disse que, se as portas não se abrissem para mim, ele iria lá e as derrubaria. Eu fiquei toda empolgada: “Ah, eu tenho um super-herói e tal!”. Eu ainda era criança, relembra com saudade.*

A jovem recorda que foi aprovada em Letras Português na UFPI, mas optou por não seguir essa direção. O Jornalismo era seu sonho, e ela sabia que não podia abandoná-lo. Na primeira tentativa de fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), a nota obtida não foi aproveitada. Quando tentou se inscrever para o Curso de Jornalismo em Picos, soube que não havia mais vagas.

Em sua segunda tentativa, passou para Letras. Foi chamada para assinar o termo de interesse e, ao comparecer à Universidade, tomou uma decisão firme: Eu disse que não iria, lembra. Eu não queria cursar Letras Português, eu queria fazer Jornalismo. A partir desse momento, entregou-se aos estudos com uma determinação inabalável. Dias e noites dedicados aos livros, até que conquistou sua vaga no Curso desejado, realizando o sonho que sempre almejou e dando início à trajetória pela qual lutou com tanto empenho.

*— Sempre tive o desejo de cursar Jornalismo. É uma área que sempre me encanta, essa de contar histórias de vida. Aí fui seguindo, fui estudando, até que, quando fiz o Enem, passei na terceira vez.*

## **Às vezes, eu assistia às aulas no meio da rua**

Glória dos Amaros recorda que, no início de sua jornada universitária, as coisas não ocorreram como ela imaginava. A falta de suporte adequado para os alunos foi um dos principais fatores que a desmotivaram. Assim como muitos outros estudantes da UESPI, Glória dos Amaros vem da zona rural, onde a conexão com a internet é frequentemente instável e poucos têm condições financeiras para possuir equipamentos essenciais, como um computador, para realizar as atividades acadêmicas.

A realidade da falta de acesso à internet e da escassez de computadores funcionais se apresentou como um grande obstáculo em sua trajetória. Ela relembra com detalhes um dos empecilhos que quase comprometeram a realização de seu sonho. Naquela época, o maior impasse foi a falta de transporte para ir e voltar todos os dias da Universidade, conta, com a voz tingida de nostalgia.

Glória dos Amaros é egressa da turma 2020.1, mas, pouco antes do início das aulas, soube que algo inesperado mudaria seu caminho e as suas preocupações: as aulas seriam transferidas para o formato remoto. O motivo? O início repentino da pandemia do covid-19.

A incerteza do momento, o vazio diante do desconhecido, havia deixado seu coração em compasso de espera. “Eu não sabia como as coisas aconteceriam”, diz, lembrando a confusão

que a tomou. No entanto, por trás do turbilhão de dúvidas, um desejo mais forte a impulsionava: o Jornalismo, seu sonho de infância, o que a fazia acreditar, contra todas as probabilidades, que ainda conseguiria. “Eu sabia que ia cursar Jornalismo porque era meu sonho”, lembra, como se ainda pudesse sentir aquele calorzinho de esperança. “Fiquei pensando: Meu Deus, o que eu vou fazer?. Mas, mesmo assim, sempre com a esperança de que daria certo”.

Apesar de ser da turma 2020.1, assim como Aurora Sertaneja, Glória dos Amaros só frequentou a Universidade presencialmente a partir de abril de 2022, enfrentando o atraso causado pela pandemia. “Acho que a gente começou mais tarde por causa disso”, reflete.

Antes do início das aulas, disseram que seria apenas uma espera curta, um intervalo para ver como a situação da covid-19 se desenrolaria. No entanto, as aulas começaram somente em 2021, e, ao invés de retornar ao formato presencial, a realidade foi outra: o ensino online tomou seu lugar. Glória dos Amaros teve que se adaptar a uma realidade completamente nova e desafiadora.

Essa transição trouxe dificuldades adicionais, especialmente pela falta de infraestrutura em sua região. “Onde eu moro, se não me engano, havia pouquíssimas casas com internet. Quando precisávamos acessar, tínhamos que nos deslocar até pontos específicos, onde pegava o sinal da Oi (operadora de telefonia) na época. Às vezes, eu assistia às aulas no meio da rua ou ia para a casa da minha avó, mas sempre que chovia, a internet caía, porque moramos entre duas serras, o que interferia no sinal”, conta, com a clareza de quem vivenciou a luta diária para vencer as barreiras da conectividade.

*— A pandemia fez a gente ficar um longo período distante dos professores; as aulas foram reduzidas e, querendo ou não, houve uma dificuldade de aprendizagem, porque a aula estava acontecendo, mas muita gente não*

*conseguia entrar, tanto eu quanto meus colegas, porque faltava energia. E aí a gente perdeu esse contato físico com os alunos e os professores, aquela proximidade com a universidade.*

Mesmo diante dessas adversidades, ela nunca deixou de acreditar que poderia superar os desafios. O desejo de concluir o Curso de Jornalismo, apesar de tudo, se manteve firme em seu coração. Seguiu, sempre com a esperança de que tudo daria certo, e foi assim que aconteceu. Quando, no quarto período, veio a notícia de que as aulas voltariam para o formato presencial, ela se viu tomada por uma onda de inquietação e entusiasmo.

## **A sombra da mudança**

A caminhada até o campus de Picos era outro obstáculo. Assim como Aurora Sertaneja, não havia um meio de transporte regular que buscasse e levasse os alunos de sua comunidade até o campus todos os dias, e o horário integral, muitas vezes fragmentado ao longo da semana, era mais um desafio a ser enfrentado. “Meu Deus, e agora?”, pensava. Sabia que conseguiria vir para Picos pela manhã, pois os carros saíam de sua cidade entre cinco e seis horas. Mas o que realmente a preocupava era o retorno, o caminho de volta.

No primeiro dia de aula, as atividades seguiram o dia inteiro, e ela sabia que, em breve, algo precisaria ser resolvido. Foi então que seu pai sugeriu uma solução: “A única maneira de você ir e voltar todos os dias é pedir para alguém te pegar, nem que seja na Altamira, ou nas Castanheiras”. Ela hesitou, mas aceitou. O único problema era que, embora soubesse que poderia pegar uma van até Altamira, a UESPI ficava ali, mas ainda distante da entrada do Paquetá, onde morava. “Ah, meu Deus, e agora?”, se perguntava, com o coração apertado.

Mesmo com todas as incertezas, ela decidiu que não trancaria o Curso. Seus pais, que a apoiavam, também acreditavam que já não havia mais razão para parar, afinal, ela já estava na metade do caminho. Assim, conseguiram um transporte para ela. No entanto, a solução ainda era precária. “Eu vinha, passava o dia todo na universidade e, às vezes, conseguia uma van que me deixava na metade do caminho. Daí, o restante eu fazia de moto”, conta, com uma pontada de cansaço na voz. O percurso entre sua comunidade e Picos, por Buriti Grande, tinha cerca de 80 a 90 km. Ela seguia por uma estrada e voltava por outra, pois o caminho mais direto nunca dava certo.

Foram mais quatro períodos até completar os oito do Curso, seguindo essa rotina diária. Tentou ficar em Picos por três dias, quando teria aula o dia todo, mas logo percebeu que a casa onde morava era muito distante da UESPI, tornando o trajeto praticamente o mesmo. “Decidi que voltaria a ir e vir todos os dias”, diz, com a tranquilidade de quem encontrou o próprio ritmo. “Eu conseguiria me organizar melhor, dormir em casa e fazer esse percurso”. E foi assim que, todos os dias, ela enfrentou o caminho, sempre com o foco em seu sonho, superando os desafios que surgiam a cada passo.

## **Eu sabia que esse era o meu caminho**

Ao falar sobre sua experiência como estudante de Jornalismo em Picos, Glória dos Amaros descreve um sentimento profundo de realização. Era algo que ela almejava desde a infância, um sonho que, finalmente, se tornou realidade. “Eu sabia que esse era o meu caminho”, diz ela, com suavidade no olhar, como quem encontrou o seu lugar no mundo.

O Curso de Jornalismo representava mais do que uma escolha acadêmica; era a concretização de um desejo que acompanhou sua trajetória desde muito jovem. Durante o Curso,

ela percebeu que poderia levar algo profundamente valioso de sua comunidade para dentro da sala de aula: a Cultura, algo que muitos ali ainda desconheciam e, frequentemente, não conseguiam compreender em sua totalidade. Assim, ela se via capaz de explicar, de transmitir o significado, de revelar o que acontecia, usando palavras que nasciam da vivência, do cotidiano de seu povo.

Recorda com afeto de uma aula em específico, durante o período remoto, que deixou uma marca em sua trajetória. A professora disse: “Vocês vão fazer um trabalho sobre como a mídia vende um produto, que é a apropriação cultural”. Naquele instante, um sorriso iluminou seu rosto. “Meu Deus, não acredito!”, pensou, tocada pela emoção. Era um tema que já lhe era familiar, algo que sua comunidade estudava, mas que raramente encontrava espaço nas mídias tradicionais.

A apropriação cultural era um conceito presente em sua vida cotidiana, embora raramente fosse retratado nos meios de comunicação. Decidiu, então, realizar um trabalho sobre o tema, com o coração pleno de propósito. Escolheu um assunto que a tocava profundamente: a apropriação cultural das tranças raízes, um ícone de sua cultura que, ao longo do tempo, foi apropriado pela mídia, transformando-se em uma moda que muitos mal compreendiam. Lembrou-se de quanto essa prática fazia parte da identidade de sua comunidade e como a mídia a tratava de forma superficial, sem entender o que realmente se escondia por trás daquele gesto, daquela estética.

Durante sua entrevista, ela deu uma verdadeira aula sobre o tema: hoje, a mídia vende como produto a ideia de que a transição capilar acelera o crescimento do cabelo, e que as tranças podem auxiliar nesse processo. Mas por trás dessa narrativa amplamente difundida, existe uma história ancestral que poucos conhecem. Essas tranças, as raízes feitas com aplique, têm uma origem muito mais profunda do que imaginam, começa como quem compartilha um segredo guardado por

gerações. Na verdade, as tranças nasceram nas senzalas, como uma resposta à imposição de um sistema que não permitia que as mulheres negras exibissem seus cabelos crespos. Para esconder sua verdadeira identidade e evitar represálias, elas eram obrigadas a cobrir a cabeça com turbantes. Mas, apesar da opressão, elas encontraram uma forma de resistência, criando tranças, que se tornaram um elo com suas raízes africanas.

— *Elas criaram as tranças como uma forma de resistência e conexão, explica, com o olhar distante, mergulhado na profundidade da história. Essas tranças não eram meros adornos, mas símbolos de luta, uma maneira de se vincular aos ancestrais e àqueles que estavam na África, ainda que à distância. Eram uma afirmação de identidade, uma maneira de manter viva a memória ancestral, um ato de coragem e de pertencimento.*

Aquelas mulheres nas senzalas, privadas de outras formas de expressão cultural, utilizavam as tranças para desenhar, no couro cabeludo, um mapa, uma rede de escape. Era como um mapa de fuga, um código secreto para os quilombos, conta, com reverência. As tranças, além de tudo, eram um meio de comunicação entre as pessoas nas senzalas, um sinal que indicava a rota para a liberdade. Elas também escondiam sementes dentro dos fios, sementes que seriam usadas para plantar nos quilombos, locais frequentemente ocultos na mata, distantes das grandes senzalas, mas sempre próximos às fontes de água. Com essas sementes, conseguiam se manter vivos e plantar alimento para não passarem fome, explicou.

Através desse trabalho, Glória dos Amaros revisitou o que, para muitos, ainda era desconhecido, e conseguiu conectar a apropriação cultural da mídia com a história dos povos negros. “Hoje, as tranças são vendidas como uma tendência, como algo que ajuda na autoestima e na transição capilar.

Mas, por trás disso, há uma história de luta, de sobrevivência, de resistência”, ela reflete.

“Antes, as tranças eram apenas um símbolo de identidade, uma forma de resistência. Agora, tornaram-se uma mercadoria, um artigo de venda, algo mais capitalista”, observa, com uma crítica cortante.

Esse primeiro trabalho foi o ponto de partida. A partir dali, suas ideias sobre o Jornalismo se expandiram. “Eu já tinha várias abas abertas na minha mente, muitas questões sobre como a mídia lida com a cultura e como isso pode ser transformado em reportagem. Sentia que o jornalismo poderia ser uma ferramenta para revelar a verdadeira história, para questionar como as culturas são apropriadas e ressignificadas até se tornarem mercadoria”.

## **As delícias das expectativas**

Ao refletir sobre as experiências que marcaram sua trajetória no Curso, Glória dos Amaros continua compartilhando, com brilho nos olhos, como conseguia integrar sua Cultura e suas vivências ao aprendizado acadêmico. Um dos momentos mais marcantes foi o trabalho na disciplina da professora, citado acima. Embora tenha sido o seu primeiro, ela conta que, ao longo do Curso, muitos outros também a marcaram. Fala disso com um sorriso que expressa tanto gratidão quanto realização.

Em cada disciplina, ela buscava uma maneira de conectar o conteúdo com as raízes de seu povo, trazendo à tona temas e histórias frequentemente invisíveis nas narrativas acadêmicas. “Sempre consegui levar algo da minha vivência, mas um dos trabalhos que mais me marcou foi o da disciplina de Tópicos Especiais em Jornalismo, quando a professora pediu para criarmos uma peça sobre o racismo e os jornalistas negros”, relembra. Durante esse trabalho, o debate e a reflexão

sobre a realidade de jornalistas negros a fizeram sentir-se acolhida, uma sensação rara e valiosa em um Curso em que as questões raciais, muitas vezes, podem ser abordadas de forma superficial.

Mas não foram apenas as aulas dessas duas professoras que a marcaram. Também no primeiro período, em uma disciplina do professor de Introdução à Pesquisa em Comunicação, Glória dos Amaros teve a oportunidade de expandir o conceito de poder de cura para além do texto acadêmico. “Eu fiquei com o tópico que falava sobre o poder da cura e consegui trazer isso para a minha comunidade”, diz, com entusiasmo. Ela explica que, em sua comunidade, existe uma bebida sagrada, o vinho da Jurema, que passa por um processo de fermentação ancestral e é preparado por uma única pessoa, detentora do saber. Esse vinho é utilizado no terreiro de Umbanda, mas também dentro da própria comunidade, e tem uma ligação direta com a cura.

Glória dos Amaros compartilha com júbilo como o Curso lhe permitiu levar sua Cultura para dentro da sala de aula. Em uma aula da disciplina de Realidade Política, Cultural e Comunicacional do Piauí e Brasil, ela conta que o professor deu aos alunos a liberdade de trazer o que quisessem para discutir sobre a Cultura do Piauí e do Brasil. “Eu levei as tranças, levei comida, roupas”, relata. Ela fala sobre os tecidos africanos, que são bordados dos dois lados, e como essa característica está ligada à ancestralidade. Esses tecidos têm uma simbologia que vai além da estética; eles representam a força de um povo.

No Brasil, o bordado sempre é de um único lado, explica. Para nós, é importante saber que o tecido é duplo, assim como a nossa história, que é rica e complexa. O que a empolgava, mais do que as teorias do Curso, era poder dar visibilidade à história do seu povo, algo que, muitas vezes, ficava esquecido no currículo.

— *Eu acho que consegui driblar isso e fui muito feliz no curso de Jornalismo. Consegui fazer trabalhos incríveis sobre a minha comunidade, sobre a minha cultura, porque, nos primeiros momentos do curso, eu percebia que a abordagem era mais teórica. Mas então eu pensava: Cadê a história de um povo que viveu aqui no Brasil? Cadê a parte prática, as vivências das pessoas que pertencem a um determinado grupo? Não tem.*

Além disso, ela explicou um pouco sobre a conexão entre os quilombos e as comunidades indígenas. Destacou que muitos dos hábitos alimentares e culturais das comunidades quilombolas têm origem nas práticas indígenas. Muitas vezes, você encontra na mesma comunidade pessoas com a ancestralidade quilombola e indígena. Eles viveram juntos, lutaram juntos para sobreviver, para manter a Cultura e a História vivas. É essa fusão de raízes que define a identidade dos quilombolas, uma história que Glória dos Amaros considera fundamental para que o Brasil compreenda sua verdadeira formação.

Desse modo, durante o Curso, ela sente que foi capaz de levar uma parte importante de sua comunidade e dessa história silenciada para as discussões e produções acadêmicas. Nós, como comunicadores, precisamos dar espaço a essas histórias e dar passagem de voz.

— *Somos a maioria, mas, por Estado, somos minoria. E muitas vezes, não temos a oportunidade de contar a nossa própria história.*

O Jornalismo, para Glória dos Amaros, sempre foi mais do que uma profissão. Foi uma forma de resistência, de dar visibilidade ao invisível, de fazer com que a voz de seu povo ecoasse nas narrativas que, até então, quase nunca eram ouvidas.

## A glória do sonho

Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas ao longo de sua jornada, como o deslocamento diário até a Universidade e os desafios que surgiam no caminho, Glória dos Amaros conseguiu apresentar sua comunidade e sua cultura de maneira ímpar, revelando, a cada trabalho e a cada aula, o valor profundo de sua ancestralidade.

Ao fim da entrevista, Glória dos Amaros compartilhou um momento que, para si, representou a culminância de sua trajetória acadêmica, um marco que a preenche de uma realização profunda. Desde pequena, ela sabia que o Jornalismo seria seu destino, um desejo profundo que habitava sua alma. “Quando dizia estar livre, eu já sabia para onde ir. Era o meu caminho”, reflete ela, com um sorriso, revivendo as dificuldades, mas também as vitórias.

O reconhecimento surgiu de maneira inesperada, durante sua formatura, quando a paraninfa da sua turma, diante de um auditório lotado, anunciou que ela era a primeira Jornalista de origem quilombola a se formar naquele curso, que em 2024 completava 22 anos. Quando ela disse aquilo, eu fiquei em choque. “‘Eu sou a primeira?’, pensei. Meu Deus, eu não acredito”, conta, ainda surpresa e emocionada.

Para Glória dos Amaros, aquele momento representou a concretização de tudo o que vivenciou até ali. “Eu fiz o meu papel, fiz o meu trabalho, e deu certo”, afirma, com a convicção de que, apesar dos obstáculos, nunca desistiu de seguir seu sonho. E, mesmo com os impasses e desafios que surgiram ao longo do Curso, ela reconhece que o Jornalismo a trouxe imensa felicidade. “Nada é de graça, nada acontece por acaso. Quando as coisas precisam dar certo, você tem que passar por várias etapas, por muitas dificuldades”, compartilha com sabedoria. “Mas, no final, eu achei que tudo valeu a pena. Foi muito legal”.

Esse momento de conquista e reconhecimento não foi apenas o desfecho de uma jornada acadêmica, mas a confirmação de que seu caminho estava, de fato, traçado. Ao olhar para trás, Glória dos Amaros percebe que, com coragem e determinação, conseguiu transformar seu sonho de infância em uma realidade plena, carregando consigo não apenas o conhecimento acadêmico, mas também a força e a beleza de sua cultura quilombola. Com um abraço apertado e um olhar repleto de esperança, ela deixa um legado de coragem e inspiração, uma promessa de que, apesar dos desafios, a vitória é possível, e esta foi apenas a primeira de muitas que ainda irá conquistar.

Ao concluir a graduação, Glória dos Amaros realizou estágio na TV Cidade Verde, em Picos, onde posteriormente foi contratada como jornalista na função de operadora de master, um cargo conquistado com a mesma paixão e dedicação demonstradas desde os tempos de estágio obrigatório. Aquela menina, que sonhava com os holofotes da profissão, é a mulher que fez das pautas o caminho para o lugar que sempre desejou.

Atualmente, em 2025, Glória dos Amaros é aluna do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura, da Universidade Estadual do Piauí. Cada passo dado foi um gesto de coragem; cada palavra escrita, uma confirmação de que, com empenho e fé, as distâncias entre o sonho e a realidade se desfazem, se tornando conquistas concretas.

Este capítulo se encerra com a certeza de que a caminhada de Glória dos Amaros é mais do que uma história individual: é o desdobramento vivo de uma memória que atravessa gerações. A carta que o inaugura, escrita no instante em que se reconhece como a primeira jornalista quilombola do Piauí, é ao mesmo tempo confissão e testemunho.

Ao acompanhar seus passos, vê-se que cada conquista foi erguida contra a maré: a internet frágil, o percurso de quase 100 km, o ensino remoto improvisado, a falta de estrutura, o medo da desistência. Mas Glória atravessa tudo com a força de quem sabe que não caminha só. A ancestralidade lhe serve de bússola; o quilombo, de cais seguro. E ao levar para a sala de aula as tranças raízes, os tecidos africanos, o vinho da Jurema e a história de seu povo, ela transforma a Universidade em território de memória e reexistência.

Ser a primeira jornalista quilombola não é apenas título, é responsabilidade, ruptura e anúncio. Sua presença inaugura outro modo de contar, outro modo de existir na mídia, outro lugar possível para meninas negras e quilombolas que aprenderam, com ela, que o impossível também se aprende a atravessar. Sua trajetória pulsa como lembrança e como promessa: a lembrança de que o passado lhe fez forte, e a promessa de que o futuro, agora, já sabe seu nome.

## Capítulo 4

### **Eu sou a primeira da família a entrar numa Universidade**

A carta que se segue foi escrita por Luyara do Campo, cuja história compõe o mosaico de vidas que este livro procura compreender. Aqui, ela reconhece a própria travessia: celebra o feito de ter sido a primeira de sua família a entrar na Universidade e reencontra, na mulher que é hoje, a menina que um dia sonhou alto demais para o mundo ao redor.

Seu objetivo é duplo: revisitar o início de sua caminhada acadêmica, marcada por coragem, renúncia e esperança, e, ao mesmo tempo, oferecer um gesto de afeto aos que virão depois. Um conselho suave, quase um abraço, dirigido a todos os futuros estudantes que, como ela, percorrem estradas estreitas, sustentados por esforço, persistência e pela força teimosa de quem aprendeu a sonhar mesmo quando o horizonte parecia pequeno demais.

*20 de dezembro de 2024*

*Querido leitor,*

*A criança que habita em mim vibra de felicidade ao perceber que nunca desistiu de seus objetivos. Hoje, posso contemplar, com orgulho, cada vitória conquistada pelo meu esforço. Nem nos sonhos mais ousados, a Luyara do Campo de dez anos atrás imaginaria estar vivendo tudo isso. Apesar dos desafios enfrentados, foi a determinação, aliada aos sonhos de uma garotinha que sempre se dedicou aos estudos, que me trouxe até aqui.*

*Lembro-me exatamente de quando o Jornalismo me cativou. Entre todas as escolhas da minha vida, tenho plena certeza de que essa foi a mais acertada. Guardo na memória o dia em que recebi a notícia de que havia sido aprovada [no curso de Jornalismo, da UESPI]. Ver meu nome na lista foi uma das melhores sensações que já vivi. Ali, compreendi que todo o esforço valeu a pena. Mais emocionante ainda foi testemunhar a alegria das pessoas que sonharam comigo, celebrando essa conquista ao meu lado. Tenho certeza de que, ao final desta jornada, a menina corajosa que iniciou tudo isso estará orgulhosa de todo o aprendizado e das experiências vividas ao longo do caminho.*

*Aos futuros discentes de Jornalismo, sei que vocês entendem o quanto é desafiador chegar até aqui. As dificuldades, as noites mal dormidas e a ansiedade tornam-se companheiras constantes até esse primeiro passo em uma nova jornada. Comigo não foi diferente. Apesar de sempre carregar dentro de mim a convicção de que este lugar me pertencia, o caminho nunca foi fácil. Venho de uma família que não teve as mesmas oportunidades que, hoje, me foram concedidas, e sei o quanto pode ser árduo para aqueles que não recebem apoio ou incentivo.*

*Embora eu tenha recebido pouco apoio, ele foi suficiente para me sustentar até aqui. Sempre tive o orgulho e o reconhecimento daqueles que acreditaram em mim, pelo que me tornei e pelo que ainda estou me tornando. Espero que vocês também encontrem essa força ao longo do caminho. Desejo que vivam a UESPI intensamente e se sintam pertencentes a este espaço, que por anos será o lar de vocês. Apreciem cada momento e lembrem-se, com orgulho, da jornada que os trouxe até aqui.*

*Haverá dias difíceis, em que o cansaço será inevitável. Mas levem consigo a certeza de que, ao final, todo esforço e dedicação serão recompensados. Orgulhem-se*

*sempre de sua trajetória, pois só vocês sabem o quanto lutaram para conquistar esse sonho.*

*Com carinho,  
Luyara do Campo.*

A carta de Luyara ergue-se como um testemunho geracional, tecido de afeto e memória. Em suas linhas pulsa a força simbólica de ser a primeira da família a atravessar o portão de uma Universidade, um gesto que não é apenas conquista individual, mas ruptura de um silêncio ancestral.

Sua escrita convoca a menina que um dia sonhou entre ausências e limitações, e convoca também a jovem que agora compreende o peso e a beleza desse sonho realizado. A emoção que a atravessa revela mais que orgulho: revela a dignidade que retorna às histórias que a formaram, como água que volta ao leito depois de anos de seca.

Ao falar aos estudantes que virão, Luyara transforma sua experiência em ensinamento. Sua narrativa oferece o delicado equilíbrio entre vulnerabilidade e coragem: ela admite o cansaço, revela as feridas, mas afirma, com a firmeza de quem caminhou contra o vento, que ocupar a Universidade é um direito, não um favor. Sua trajetória mostra que a determinação pode brotar justamente da terra mais árida, e que, para muitos jovens do campo, a Universidade não é apenas um espaço de aprendizagem, mas a concretização de um deslocamento profundo: social, intelectual e afetivo.

Assim, sua carta não apenas registra uma vivência; ela ilumina o sentido desta obra. Torna visível a construção de identidades que se afirmam entre desafios e pertencimentos fragmentados, entre sonhos que teimam em se manter acesos mesmo quando o mundo parece querer apagá-los. A história de Luyara é, portanto, mais que memória, é farol, é caminho, é testemunho vivo da força de quem insiste em existir.

Era uma segunda-feira quente, dessas que só outubro no Piauí sabe trazer, quando o calor do B-R-O-BRÓ parece abraçar o sertão com mãos de fogo. Às 13h41, o Sol ainda reinava implacável no céu sem nuvens. Aquela tarde trazia o pulsar de mais um dia de aprendizado. Era dia de aula da disciplina de Assessoria de Imprensa e Comunicação Integrada. No embalo das responsabilidades acadêmicas, eu vivia o papel de monitora, atravessando os corredores com a segurança de quem decifra cada recanto da UESPI como um velho mapa.

Os passos ecoavam em harmonia com as histórias que aquelas paredes guardam, histórias de sonhos, desafios e conquistas. Cada canto parecia acolher o entusiasmo de quem vê no ensino mais do que um caminho, mas uma ponte para horizontes maiores. Como monitora, a rotina não era apenas uma tarefa; era um olhar atento às necessidades de colegas e professores, um vínculo que fortalecia minha relação com o curso e com a comunidade acadêmica.

Encontrei Luyara no laboratório de informática, cercada pelas colegas. Com um sorriso, pedi que me acompanhasse até o laboratório de assessoria, um espaço carinhosamente apelidado de Hemeroteca pela turma 2021.1. Luyara do Campo parecia inquieta. O nervosismo dançava em seus olhos. Contudo, ao final, tudo fluiu como deveria. Agora, querido leitor, acomode-se e deixe-se envolver pela história desta menina sonhadora. Assim como tantos outros, ela percorre uma jornada marcada por desafios, mas também por uma coragem silenciosa que transforma cada obstáculo em um degrau de sua trajetória.

Luyara do Campo tem 21 anos, é uma jovem de temperamento doce e coração gentil, cujas origens quilombolas ecoam histórias de resistência e ancestralidade, assim como as de Glória dos Amaros. Mas, espera, outra história de vida de alguém quilombola? Sim, outra. E que venham muitas mais. Durante muito tempo, estas páginas pertenceram a outros. Agora, é

a voz desse povo que se ergue, rompendo o silêncio que lhes foi imposto. Se há tantos livros povoados por personagens brancos da elite, por que não haveria espaço para duas histórias que, embora semelhantes, são únicas em suas trajetórias? Prepare-se, querido leitor, para mergulhar em mais uma história de vida que pulsa, resiste e encanta.

No período dessa entrevista, Luyara do Campo estava finalizando o quinto período. Ela pertence à turma 2022.1, que começou com apenas cinco alunos: três meninas e dois meninos. Era a primeira turma a iniciar o Curso após o retorno presencial, marcado pelo fim das restrições impostas pela pandemia. Contudo, o impacto da covid-19 ainda era sentido no calendário acadêmico da Universidade, que permanecia desajustado.

As chamadas para matrícula eram lentas, e quem recebia a nota e confirmava a aprovação em janeiro só podia ingressar no segundo semestre, em agosto. Esse atraso acabou contribuindo para uma pequena defasagem no Curso, deixando marcas no ritmo e na experiência acadêmica de quem chegava àquele momento.

Nascida na Fazenda Nova, no interior de Isaías Coelho, um pequeno município com 8.218 habitantes, situado na microrregião do Vale do Alto Médio Rio Canindé, Luyara do Campo carrega em si as raízes de uma terra moldada por antigas fazendas, hoje desaparecidas. A cidade, erguida nos arredores desses antigos latifúndios, foi assentada por decreto da Coroa Portuguesa, através da Carta Régia de 1701. É nesse solo de história e resistência que sua trajetória começa.

A história de vida de Luyara é tecida com fios de desafios e resiliência. A infância foi marcada pela perda precoce do pai, deixando em sua mãe o peso e a honra de conduzir três filhos, duas meninas e um menino, com coragem e ternura. Desde os nove anos, ela cresceu sob os cuidados de uma mulher forte e batalhadora, que se tornou o coração pulsante e a base de sua trajetória.

Apaixonada por futebol, Luyara do Campo encontrou no esporte um refúgio e uma inspiração. Flamenguista de coração, ela recorda com brilho nos olhos os momentos em que acompanhava os jogos pela FlaTV. Nesses instantes, a figura da repórter Julie Santos emergia como um espelho, refletindo o que Luyara do Campo sonhava ser. Com o passar do tempo, programas esportivos se tornaram parte de sua rotina, e Renata Fan, com sua presença marcante na desenvoltura, tornou-se um exemplo de profissionalismo e paixão pelo Jornalismo esportivo. Para Luyara, Renata não é apenas uma apresentadora, mas um modelo de dedicação e admiração.

## Os fios que tecem a história de Luyara do Campo

“Conte-me sua história de vida”: essa era a primeira pergunta do roteiro desta autora. Luyara do Campo hesitou por um instante, o nervosismo pulsando em seus gestos tímidos. Seus olhos buscavam apoio no ambiente, enquanto suas mãos, inquietas, tocavam levemente a borda da mesa. A resposta veio aos poucos, em palavras entrecortadas, mas repletas de força. Luyara começou a narrar sua trajetória, uma história que ecoava resistência e sonho.

*— Quando criança, jamais imaginei que o Jornalismo seria meu caminho. Sempre fui apaixonada por futebol, mas meus primeiros sonhos estavam voltados para o Direito. Só mais tarde percebi que o Jornalismo esportivo me cativava. Apesar de acreditar que essa escolha era quase impossível, vindo de uma realidade de escola pública e sendo a primeira da família a ingressar na universidade, eu me agarrei a esse sonho.*

Luyara recorda o início de sua trajetória no Jornalismo: “Passei na lista de espera para Jornalismo em 2020, mas não acompanhei o processo e perdi a vaga”. Contudo, ela não desistiu. No ano seguinte, foi aprovada na primeira chamada e decidiu ir em busca do seu sonho. A distância, de mais de 100 km entre Isaías Coelho e Picos, tornava impossível a vinda diária. Por isso, ela destaca que o apoio da madrinha e da prima foram fundamentais. Luyara do Campo passou a morar em Picos, de favor, na casa de sua madrinha. Com carinho, ela fala sobre elas, mencionando-as como grandes incentivadoras em sua jornada.

*— Foi minha prima quem me inscreveu no curso, fez minha inscrição no Enem e me propôs a ideia de vir morar aqui. Se não fosse por ela, eu não estaria no curso. Estou com elas desde o início, pois também queriam que eu morasse aqui, antes, para estudar no IFPI. No entanto, minha mãe não aceitou na época. Quando consegui a vaga no curso superior, elas me ofereceram todo o apoio. Se não fosse por elas, talvez eu nunca tivesse começado, pois se dependesse apenas de mim e das minhas condições financeiras, estar aqui seria impossível.*

Ela também relembra que, no início, sua prima sugeriu que seguisse Psicologia, mas sua resposta foi um firme não. Queria Jornalismo, uma profissão com a qual se identificava, e não conseguia se imaginar em outra área. Assim, optou pelo curso, inscreveu-se e mudou-se para Picos. A mudança, embora não totalmente inédita, já que parte de sua família residia na cidade e as visitas durante as férias escolares eram uma rotina, representou um marco em sua trajetória. Não era apenas uma transição geográfica, mas uma travessia simbólica, carregada de expectativas, desafios e a promessa de um novo começo.

— Quanto à transição, o que mais me doeu foi ficar longe da minha mãe, pois nunca tínhamos vivido esse afastamento. Entre meus irmãos, sou a mais apegada a ela. Minha irmã já se casou, meu irmão também seguiu seu caminho, e eu sempre fui a mais próxima. Então, o que mais me pesou foi deixar minha mãe para trás. O que me mantém aqui, no entanto, é o desejo de me formar e oferecer uma vida melhor para ela.

## Entre fios e desafios

Os sonhos nunca chegam sem o peso da luta. Para Luyara do Campo, adaptar-se à Universidade tornou-se uma travessia cheia de desafios. Ela revela o impacto do choque cultural ao se deparar com um mundo novo, repleto de rostos desconhecidos, histórias múltiplas e visões tão diversas quanto as paisagens do sertão. Vinda de uma realidade interiorana, a transição para o ambiente acadêmico trouxe não apenas novidades, mas também uma sensação de estranhamento.

— Foi um desafio enorme, se fosse para definir, seria isso: desafio. Foi um choque cultural muito grande.

Como muitos alunos oriundos da escola pública, Luyara do Campo enfrentou a dura realidade das exigências acadêmicas. Desconhecia as normas da ABNT, nunca havia usado um notebook e não tinha familiaridade com ferramentas essenciais ao universo universitário. Tudo parecia vasto e distante, como um terreno que ainda precisava desbravar, passo a passo.

— Essa questão com a internet foi um desafio para mim, porque exige que o aluno tenha conhecimento sobre

*a ABNT e outras coisas, e isso me pegou de surpresa. Eu nem sabia o que era ABNT; foi aqui na faculdade que fui descobrir. Também não sabia mexer em um notebook nem realizar outras tarefas relacionadas, como formatar documentos. Muitas dessas coisas eram totalmente novas para mim.*

A universitária menciona que sente falta da autoestima intelectual, especialmente nas discussões de sala de aula, onde, para ela, tudo parece avançado. Ela diz que ainda não se adaptou completamente e aponta outra dificuldade: o Curso exige que se fale constantemente, o que se torna um desafio, pois sua timidez frequentemente a atrapalha. Além disso, sua ida até a Universidade também é outro desafio.

*— Da casa da minha madrinha até o ponto de ônibus são cerca de 25 a 30 minutos a pé, e eu tenho que ir caminhando. A casa dela fica no bairro Junco, mais para o final, o que torna esse trajeto um desafio. Quando o marido dela está em casa, ele às vezes me leva, mas não é sempre. Eu saio de casa às 6h40, quando tenho aula pela manhã, para pegar o ônibus das 7h30. Quando tenho aula o dia todo, chego ao ponto de ônibus por volta das 19h00, e então ligo para o marido da minha madrinha, que vem me buscar no ponto e chego em casa às 19h30.*

O Curso de Jornalismo na UESPI de Picos é integral, com variações de horários, incluindo aulas pela manhã, à tarde e, em algumas ocasiões, o dia todo. Mesmo ciente dessa flexibilidade, Luyara do Campo menciona que não imaginava que seria tão desafiador. E algo que a ajuda nessa caminhada são os auxílios oferecidos pela Universidade.

*— Eu consegui os auxílios moradia e alimentação.*

*O auxílio moradia me ajudou bastante, pois, embora eu me mantenha em Picos através da minha madrinha, que me sustenta e não cobra nada, esse auxílio facilitou muito a minha permanência. E o auxílio alimentação é o que me ajuda principalmente em relação ao transporte, permitindo que eu consiga ir e vir todos os dias.*

Apesar de hoje contar com o auxílio da instituição, Luyara do Campo não esquece os sacrifícios que marcaram o início de sua trajetória acadêmica. No primeiro período, o trabalho como babá a manteve distante de casa durante as férias. “Nas primeiras férias, eu não pude voltar”, relembra. Porém, ao encerrar o trabalho, começou a visitar sua mãe com mais frequência durante os períodos de recesso.

Atualmente, ela retorna a cada quinze dias, aproveitando a van cedida pela prefeitura para os estudantes. “Nas férias, fico lá com minha mãe”, conta, ressaltando o alívio e a felicidade de estar em casa, ainda que por poucos dias. Essas visitas são momentos preciosos que renovam suas forças para continuar perseguindo seus sonhos.

## **Nos emaranhados da vida, o afeto encontrado**

Como em todo início, quando os desafios parecem erguer muros intransponíveis, também surgem bênçãos que iluminam o caminho. Luyara do Campo reconhece as dádivas que a vida lhe proporcionou ao longo de sua jornada universitária, pequenas conquistas e gestos de acolhimento que aqueceram sua alma e lhe deram forças para seguir em frente.

Colegas e professores a receberam com carinho, construindo um ambiente mais afetoso e receptivo. Em especial, ela menciona suas duas amigas de turma, que desempenharam um

papel fundamental em sua adaptação, oferecendo apoio constante. Embora sinta que está bem integrada com essas amigas, Luyara do Campo percebe que a relação com outros colegas, de diferentes turmas, é mais distante. Eles a acolhem, mas não com a mesma proximidade e frequência que as amigas mantêm.

Entre os professores que marcaram sua trajetória, ela menciona os queridos docentes: a Mestra do Olhar Sensível e o Mestre das Realidades.

*– Um dos momentos mais marcantes da minha jornada foi a disciplina de Realidade Política, Econômica e Cultural do Brasil e do Piauí, com o professor Mestre das Realidades. Essa matéria trouxe reflexões profundas sobre minha vivência e ampliou minha visão de mundo.*

Já a Mestra do Olhar Sensível, com sua abordagem humana, reforçou a ideia de que o Jornalismo vai além da notícia, trata-se de pensar no outro, de compreender e ecoar voz às realidades diversas. O Curso, como um todo, ajudou Luyara do Campo a expandir horizontes e enxergar além de sua perspectiva inicial, transformando-a tanto profissional quanto pessoalmente.

## **Fios de identidade**

Luyara conta que será a primeira jornalista da sua comunidade quilombola. Com esse marco em mente, ela deseja transformar sua trajetória acadêmica em um projeto significativo: contar a história da sua comunidade.

*– Quando entrei na universidade, percebi que havia muitas coisas sobre a minha comunidade que eu nunca tinha parado para refletir. Aqui, comecei a pesquisar mais,*

*a olhar para a história e as lutas do lugar de onde vim. Agora, quero transformar isso em um projeto: meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).*

Marcada pela invisibilidade e pela carência de recursos, a comunidade de Luyara do Campo guarda memórias que hoje vivem apenas na oralidade dos mais velhos. “Quero que meu Trabalho de Conclusão de Curso seja uma ponte entre o passado e o futuro, um registro que preserve nossa história e ecoe voz ao nosso povo”, explica.

Ela relembra como, na infância, sentia curiosidade em compreender o significado de ser quilombola, mas as respostas vinham apenas em fragmentos das histórias que sua mãe compartilhava. Quando cresci, comecei a perguntar mais, a pesquisar, mas não encontrei nada na internet. Percebi que a nossa história não está documentada, e isso precisa mudar.

Para Luyara do Campo, esse projeto é mais do que um TCC; é uma forma de garantir que as futuras gerações tenham acesso às raízes da comunidade, para que a história não se perca no tempo.

*— Lá, todos sabem que é uma comunidade quilombola, mas poucos entendem o que aconteceu ali, como foi construído esse legado. Quero mudar isso. Quero que as próximas gerações encontrem a nossa história registrada.*

## **Entrelaçando o agora e o amanhã**

Quase ao final da nossa conversa, perguntei a Luyara sobre seus planos para os próximos cinco anos. Ela, então, compartilhou uma preocupação que é comum entre muitos universitários: o medo do desemprego.

— *Minha autoestima intelectual ainda está muito baixa. Tenho medo de sair daqui desempregada, acho que é o medo de todo mundo. Para mim, tem sido difícil conseguir estágio. Isso me assusta muito, porque a universidade é onde você constrói o seu currículo, e só ter o estágio obrigatório me deixa insegura.*

Ainda assim, a paixão pelo Jornalismo esportivo continua sendo seu norte. Luyara do Campo acredita que é nessa área que pode expressar melhor seu talento e dedicação.

— *Não me vejo em outra área. Quando terminar aqui, quero muito estar trabalhando com Jornalismo esportivo. É o que me move.*

Essa determinação reflete o equilíbrio entre os receios do presente e a esperança por um futuro construído com esforço e amor pelo que faz.

— *Quando enfrento dificuldades e penso em desistir, uma voz interior me lembra: aqui é a minha única chance. Se eu abandonar tudo, para onde vou? De volta à minha comunidade, sem conhecimento, sem nada, sem a formação pela qual tanto lutei para estar aqui. Então, desistir não é uma opção. Eu me agarro à ideia de me formar, mesmo com todos os obstáculos. É difícil, mas é um sonho que vale cada esforço.*

Encerrar o relato de Luyara do Campo é retornar ao núcleo mais pulsante de sua história: a travessia que começa na Fazenda Nova e ecoa, com força, dentro das salas da UESPI. Ao longo deste capítulo, sua voz revelou três eixos fundamentais:

a conquista de ser a primeira da família a ingressar na Universidade, o peso afetivo e simbólico da origem quilombola, e a coragem silenciosa que sustenta os sonhos de quem vem do campo.

Sua carta inaugura esse percurso com ternura e firmeza, afirmando que chegar à Universidade não é só um acontecimento, mas uma abertura de mundo que ressignifica o passado e reorganiza o futuro. Depois, sua história mostra o quanto essa conquista é também marcada por renúncias, pela ausência do pai, pela força materna, pela adaptação difícil a um universo acadêmico que muitas vezes parece feito para outros. Cada trecho de sua fala demonstra como a Educação, para ela, não é escolha: é sobrevivência, é o único caminho possível para transformar a própria vida e devolver dignidade à história de sua comunidade.

Ao narrar as dificuldades, o choque cultural, a falta de recursos, a baixa autoestima intelectual, o trajeto exaustivo até a Universidade, Luyara revela que a permanência é tão complexa quanto o ingresso. Ainda assim, reafirma o compromisso com o sonho que a move: ser jornalista esportiva, romper com a narrativa do impossível, mostrar que o sertão também produz profissionais que brilham diante das câmeras.

Por fim, sua decisão de transformar o TCC em um registro da memória quilombola confirma outro ponto central deste capítulo: para muitos estudantes do campo, estudar é um gesto político, uma forma de devolver voz às histórias apagadas e plantar futuro onde antes havia silêncio.

Assim, Luyara do Campo encerra seu relato como começou: afirmando sua travessia. Mostrando que ser a primeira da família na Universidade é abrir uma porta que já não se fecha, é carregar consigo o peso e a beleza de escrever uma história que não é só sua, mas de todos os que a antecederam e dos que ainda virão. Sua história não se encerra aqui, ela se anuncia. E, como ela mesma diz, desistir não é opção: é sonho que vale cada esforço.

## Capítulo 5

### O menino que sonha com um Brasil melhor

A carta a seguir foi escrita por Aurélio do Gurguéia, um jovem comunicador em formação, cuja trajetória é marcada por forte consciência política, desejo de justiça social e orgulho de suas raízes no sul piauiense. Nesta carta para si mesmo no futuro, ele expressa expectativas, temores, aspirações profissionais e um profundo compromisso com a transformação social. Seu objetivo é registrar o que deseja se tornar, não apenas como jornalista, mas como cidadão, e reafirmar os valores que orientam sua caminhada.

*Picos-PI, 28 de março de 2025*

*Querido Aurélio do Gurguéia do futuro,*

*Espero que, ao ler estas palavras, você esteja bem, com saúde e cercado de pessoas que o inspiram e fortalecem. Sei que a caminhada até aqui não foi fácil, mas torço para que tenha valido a pena e que você tenha alcançado muitos dos seus sonhos.*

*Acima de tudo, desejo que você esteja vivendo em um mundo mais inclusivo, justo e solidário, onde cada pessoa tenha voz e vez, onde a democracia seja respeitada e os direitos da classe trabalhadora sejam garantidos e ampliados. Que a nossa querida Bom Jesus continue nos trilhos do desenvolvimento, sendo essa cidade acolhedora e estudiosa que tanto amamos, e que você tenha conseguido contribuir para esse crescimento de alguma forma.*

*Espero que tenha se firmado na comunicação, exercendo o Jornalismo com responsabilidade, coragem e compromisso com a verdade. Que tenha conseguido conciliar sua profissão com sua posição política, sem nunca abrir mão dos seus valores, sem jamais hesitar em estar do lado certo da história. Que continue vendo no Partido dos Trabalhadores não apenas uma legenda, mas um espaço de luta, resistência e transformação, o principal instrumento de defesa daqueles que mais precisam.*

*Que a trajetória acadêmica tenha te levado ainda mais longe, e que Bom Jesus tenha em você mais um doutor, alguém que não apenas conquistou títulos, mas que fez desses conhecimentos uma ferramenta para mudar a realidade da nossa gente. Que seu esforço tenha sido motivo de orgulho para sua família, que sempre acreditou em você e torceu pelo seu sucesso.*

*Espero, também, que siga cercado de amigos verdadeiros, daqueles que caminham ao seu lado, que te impulsionam nos momentos difíceis e celebram suas vitórias como se fossem deles. Que nunca tenha perdido sua essência, sua paixão pela comunicação, sua vontade de transformar o mundo e sua capacidade de sonhar.*

*Se por acaso a vida tiver te desviado do caminho que imaginamos hoje, espero que tenha sido por boas razões, por escolhas feitas com consciência e pelo desejo de ser uma pessoa ainda melhor. Mas, se em algum momento tiver esquecido seus propósitos, que esta carta sirva como um lembrete do que realmente importa e do quanto você queria chegar até aqui.*

*Com admiração e esperança, Aurélio do Gurguéia do passado.*

A carta de Aurélio revela a força de um projeto de vida profundamente marcado pela consciência política. Seu tom é simultaneamente afetivo e militante: ele escreve como quem deseja se lembrar da própria essência, temendo que o futuro possa afastá-lo dos valores que o constituem.

A dimensão coletiva aparece como eixo central da carta. Ao mencionar a cidade de Bom Jesus, os desafios da Educação e o compromisso com o Jornalismo ético, Aurélio projeta para si um futuro que não é apenas individual, mas comunitário. Sua formação acadêmica e sua atuação profissional são imaginadas como ferramentas de mudança, um gesto que revela maturidade política e senso de responsabilidade.

A presença do Partido dos Trabalhadores (PT), citada com clareza e convicção, exemplifica a maneira como ele articula identidade política e identidade profissional. Para Aurélio, comunicar é também posicionar-se, e a carta registra esse vínculo como algo que pretende preservar ao longo do tempo.

Quinta-feira, 10h12 da manhã. O intervalo ainda corre solto, e é nesse ritmo que convido Aurélio do Gurguéia a me acompanhar até o laboratório de assessoria. Ele está no refeitório, rodeado pelos colegas, com JG, seu pupilo, ao seu lado. Março, ainda preso ao que muitos chamam de inverno piauiense, vê as águas escorrendo preguiçosas pelas biqueiras das casas, traçando promessas efêmeras na terra sedenta. A música de Tom Jobim e Elis Regina ecoa em minha mente: “são as águas de março fechando o verão”.

Conheço Aurélio do Gurguéia desde o seu ingresso na Universidade, ainda na época em que a ex-coordenadora de Jornalismo solicitava minha ajuda para cuidar dos calouros. Minha missão era simples, mas significativa: entrar em contato, perguntar sobre suas intenções de cursar a Graduação, formar o grupo de WhatsApp da turma e recebê-los no primeiro

dia de aula. Lembro-me bem de quando falei com Aurélio do Gurguéia pela primeira vez. Ele estava ansioso, contando os minutos para o início das aulas. Sinto como se fosse ontem.

Quando o semestre, de fato, começou, nossos caminhos passaram a se entrelaçar, não apenas nos corredores da UESPI, mas também nas experiências que a Universidade nos proporcionava. No segundo período, fui sua monitora na disciplina de Jornalismo Ambiental. Mais tarde, nossos destinos se cruzaram novamente na Liga Joeme, onde ele encontrou um espaço para crescer e onde, até hoje, permanece.

No dia da nossa conversa, o acaso parecia brincar com as coincidências. Aurélio do Gurguéia, mais uma vez, tinha aula com a professora que eu tinha sido monitora, agora no quarto período, na disciplina de Crítica da Mídia. As peças do tempo se encaixavam silenciosas, costurando memórias e encontros que, de alguma forma, sempre retornavam ao mesmo ponto de partida.

Aurélio do Gurguéia é aluno da turma 2023,<sup>1</sup> e segue firme no quarto período. Entre as vozes que preenchem estas páginas, ele é o primeiro e único homem entrevistado, um reflexo da própria composição do Curso, em que as mulheres são maioria, ocupando 67% das cadeiras, enquanto os homens somam apenas 33%, pelo menos até esse momento de apuração e escrita.

Mas Aurélio do Gurguéia não é apenas um nome na lista de chamada. Jovem, negro, vindo do sul do estado do Piauí, carrega na pele e na trajetória a força de quem luta. Aos 20 anos, entrelaça sua história ao movimento estudantil e às causas sociais, destacando-se não apenas pelo que aprende, mas pelo que questiona. Militante, filiado ao Partido dos Trabalhadores e já inserido na política, ele sabe que comunicar é mais que informar, é transformar.

A cada semestre, desafia distâncias e fronteiras, percorrendo 522,8 km para estar aqui. Entre estradas e sonhos, constrói seu próprio caminho rumo ao Jornalismo, firmando

os passos de quem sabe que a notícia não nasce só do que se vê, mas também do que se vive. Conheça a partir de agora, querido leitor, a história desse menino que cruza estradas em busca do Jornalismo, movido pela luta, pela política e pelo desejo de transformar realidades com seu trabalho.

O estudante vem de Bom Jesus do Gurguéia, cidade enraizada no extremo sul piauiense, com seus 30.321 habitantes. Situada no Vale do Rio Gurguéia, guarda nas entranhas um tesouro oculto, águas subterrâneas que alimentam a terra e sustentam vidas. A 522 km de Picos, ostenta o título de Capital do Agronegócio do Cerrado Piauiense. Mas há mais do que plantio e colheita em sua história: é solo de antigas ocupações, um dos berços do povoamento do Piauí. E além das fronteiras urbanas, a natureza esculpiu sua própria obra-prima, o Cânion dos Viana, imponentes formações rochosas, guardiões de um tempo moldado nas pedras pelo vento.

## **Confidências mútuas**

“Conte-me sua história de vida”: Aurélio do Gurguéia para, mergulha nos próprios pensamentos e parece viajar até um tempo distante, buscando, nas memórias, as palavras que darão forma a esse passado. Ele sorri, como quem encontra uma chave que abre uma porta para suas lembranças, e começa a contar que descobriu sua paixão pelo Curso ainda no sexto ano do Ensino Fundamental. Foi ali, entre as primeiras leituras e os primeiros sonhos, que algo dentro dele se acendeu. Como se o Jornalismo fosse uma chama que já existia, esperando ser acesa.

*— No 6º ano, decidi que faria Jornalismo e, desde então, essa escolha se tornou sólida. Durante todo o fundamental II e o ensino médio, segui com essa certeza, já me preparando para ingressar no curso assim que concluísse os*

*estudos. Sempre fui uma pessoa que gostava de questionar. Busquei um curso na área de Humanas, algo que não apenas estimula essa inquietação, mas que também me permitisse ajudar as pessoas, rememora.*

Ao ingressar na Universidade, Aurélio do Gurguéia revela que o Jornalismo se apresentou como uma ponte, uma conexão entre seus questionamentos e a busca incessante por respostas. À medida que os semestres passam, o Curso vai desenhando um mapa, onde os caminhos se tornam mais claros, revelando as raízes e os desdobramentos dos problemas sociais que ele sempre quis entender. Ele começa, então, a compreender que o papel do comunicador vai além de relatar os fatos; trata-se de ser um agente ativo na transformação dessas realidades.

Dentro dessa nova perspectiva, ele se encontra, se sente parte de algo maior, com a missão de ajudar, de ser a voz da mudança. O Jornalismo, enfim, abraça suas inquietações e o impulsiona a se reconhecer nesse novo papel, no qual a comunicação se torna uma ferramenta poderosa para a transformação da sociedade.

*— Antes de entrar no curso, eu tinha uma visão talvez um pouco equivocada. Sempre ouvimos dizer que o Jornalismo é para dar voz às pessoas que são silenciadas, mas sabemos que essas pessoas já têm voz. O que fazemos, então, é ser um eco, um porta-voz, amplificando essas vozes.*

Aurélio do Gurguéia sorri ao lembrar dos sonhos de um tempo distante, quando ainda buscava definir seu caminho. “Sempre tive uma ideia do que queria ser quando crescesse. Já pensei em ser padre, bombeiro, até policial federal. Mas foi no sexto ano que o Jornalismo apareceu como uma possibilidade”, conta, com o brilho no olhar que reflete o orgulho de quem encontrou seu norte.

Suas inspirações sempre foram locais, vindas de jornalistas que marcaram sua trajetória. Ele fala com carinho de Evaldo Barbosa, um nome que simboliza sua geração. Hoje, seu olhar se volta para Sávvia Barreto, referência incontestável do jornalismo piauiense, cuja trajetória o impulsiona a seguir seus próprios passos nesse vasto universo da Comunicação.

Ele explica que, na busca por opções, decidiu ficar no Piauí, pois não queria deixar sua terra natal. “Havia muitas opções, e foi quando conheci a UESPI e decidi que o curso seria aqui”, revela. Inicialmente, pensou em ir para Teresina, levando em conta a logística entre Bom Jesus e a capital. No entanto, com as crescentes ondas de violência, sua mãe, preocupada com sua segurança, sugeriu que fosse para um lugar mais tranquilo. Assim, juntos, tomaram a decisão de vir para Picos, um refúgio que lhes parecia mais seguro.

## **De volta ao lar**

Aurélio do Gurguéia reflete sobre sua vida em Bom Jesus, que considera mais ativa do que em Picos. “Lá, eu tenho um ciclo de amizades muito maior e também mais coisas para fazer”, compartilha. Em sua cidade natal, participa ativamente de movimentos sociais, colabora com ONGs como Filhos e Amigos de Bom Jesus e OPA-ONG de Proteção Animal, além de atuar como voluntário em projetos como o Rotary Clube.

No terceiro período, estagiou no portal B1 da sua cidade, o que ampliou ainda mais seu papel como comunicador. Para ele, Bom Jesus é o lugar em que exerce maior participação e pode, de fato, sentir a realidade da região.

*— O extremo sul do estado, na região de Bom Jesus, ainda é muito esquecido dentro do nosso estado. Por isso, sinto que tenho uma missão, enquanto comunicador, de*

*mostrar as potencialidades da minha região para outras partes do estado.*

## **A estrada até aqui**

Antes de ingressar na Universidade, Aurélio do Gurguéia relembra com detalhes seu processo de entrada: “Eu fiz o Enem e passei de primeira. Fiquei muito ansioso, pois passamos no começo de fevereiro, mas tivemos que esperar até 16 de agosto para o início das aulas. A pandemia ainda deixava marcas, e o calendário acadêmico parecia um labirinto desordenado. Quando finalmente cheguei ao curso, a primeira impressão que tive da UESPI, e que carrego comigo até hoje, foi a sensação de acolhimento”.

Ele conta que a UESPI se revela de maneira única: um espaço que vai além das salas de aula, um lugar onde se sente verdadeiramente parte de algo maior, algo que transcende a Educação formal e acolhe as diferenças e os sonhos de cada aluno.

*— Ela acolhe, ela abraça. Desde o primeiro momento, senti que a nossa turma é, de fato, uma família. Embora o curso envolva colegas de outras turmas, é a nossa turma que, para mim, representa esse laço de união, nossa família na cidade. Viemos de outros municípios, deixamos nossas famílias e amigos para trás, mas aqui encontramos um novo lar, uma família que, embora não biológica, se faz presente em cada gesto, em cada encontro.*

Quando pergunto a Aurélio do Gurguéia sobre a sensação de ser estudante do Curso em Picos, ele responde com entusiasmo, dizendo que é muito bom, mas que ainda há muito a ser melhorado. Aponta que fazer Jornalismo no interior envolve

desafios consideráveis, como a distância das grandes emissoras e portais de notícias, que deixam o interior afastado dos centros de poder midiático. No entanto, para ele, essa realidade carrega um valor próprio, pois oferece uma proximidade única com a população local, permitindo uma conexão mais direta com as histórias e as necessidades das pessoas.

*– Acompanhei o trabalho dos repórteres da TV Cidade Verde e percebi como o público também se aproxima deles. Isso, para mim, é fundamental. Nas grandes capitais, nas grandes cidades, o jornalista é visto mais como um profissional distante, e não como um porta-voz das pessoas, considera.*

Ele recorda de um episódio que chamou sua atenção. “Certa vez, estava na academia e minha personal trainer me disse: ‘Eu tenho um problema, ligo para a Cidade Verde para que venham resolver’”. Aquela fala simples, mas carregada de significado, ecoou em sua mente e o fez refletir profundamente. A ideia de que a mídia local, representada por um nome como a Cidade Verde, carrega tanto poder e credibilidade para resolver problemas cotidianos foi um despertar para a importância da Comunicação na vida das pessoas.

*– Isso, para mim, é um reflexo de como o Jornalismo no interior, nas cidades menores, cria um laço muito mais próximo com as pessoas. Aqui, ele se torna parte da rotina, é algo acessível e próximo. Nas grandes capitais, acredito que essa conexão não existiria da mesma forma.*

## Por esse sonho, eu resisto

Enquanto compartilha sua trajetória, Aurélio do Gurguéia também reflete sobre os desafios enfrentados no Curso de Jornalismo. Ele observa, com olhar crítico, as limitações que ainda persistem na estrutura oferecida:

*— A estrutura ainda precisa de melhorias, laboratórios mais amplos, mais equipamentos de rádio e um espaço dedicado à TV. A ausência de uma empresa júnior também se faz sentir.*

Essas lacunas pesam para quem escolhe fazer Jornalismo no interior. São ausências que poderiam fortalecer ainda mais a formação daqueles que, como ele, trilham esse caminho. O jornalista em formação menciona, com um peso na voz e uma pausa carregada de reflexões, que já pensou em desistir do Curso.

*— Nos primeiros períodos, a vontade de pegar o primeiro ônibus para Bom Jesus e ir embora era quase incontrolável. Mas, aos poucos, fui me acostumando com a cidade. A turma me acolheu, e isso fez com que eu criasse um certo apreço por Picos. Não posso dizer que gosto da cidade, mas gosto da UESPI, da minha turma e dos meus amigos. Foram eles que me fizeram resistir, que me trouxeram até aqui. E agora, como sempre digo, só saio daqui formado, com o diploma nas mãos.*

Ao falar sobre sua relação com Picos, Aurélio do Gurguéia revela que permanecer na cidade é, para ele, um desafio constante. A soliditude que o acompanha nos finais de semana se transforma em uma barreira a ser enfrentada, um silêncio que pesa sobre seus dias. A ausência de uma rede de apoio mais

próxima o faz sentir, por vezes, a falta do calor das amizades e da familiaridade de sua cidade natal. Esse vazio, no entanto, se torna também um espaço de introspecção, no qual ele se reinventa, buscando na solidão forças para seguir em frente.

– *No final de semana, fico praticamente sozinho em Picos. Eu acho que esse é o principal desafio para eu enfrentar. E eu o enfrento, porque é um sonho fazer Jornalismo, então, eu resisto para conseguir terminar esse sonho que tive desde minha infância, pré-adolescência.*

Ele relembra que as primeiras aulas do Curso também foram marcadas por desafios. No início, Aurélio do Gurguéia sentiu o peso das matérias teóricas e da História do Jornalismo, além da ausência de professores da própria área, com exceção de Tessarotto, que atuou como professor substituto no Curso de Jornalismo em Picos entre 2021 e 2024. Essa sensação é comum entre os calouros, já que o primeiro semestre da Graduação é composto, em sua maioria, por disciplinas mais gerais e introdutórias, compartilhadas com outros cursos da área de Humanas.

A adaptação foi difícil, mas ele seguiu. Foi apenas a partir do segundo período, com disciplinas como Ética e Legislação em Jornalismo, ministrada pela professora Mestra do Olhar Sensível, que ele começou a se sentir mais conectado com a profissão. Entre tantas aulas, duas ficaram gravadas em sua memória.

Assim como para Glória dos Amaros e Luyara do Campo, uma das aulas marcantes nas lembranças de Aurélio do Gurguéia foi com o professor Mestre das Realidades, na disciplina de Realidade Política, Econômica e Cultural do Brasil e do Piauí. Nessa aula, o professor propôs um julgamento fictício, levando os alunos a refletirem sobre o papel do jornalista na sociedade, sua ética e responsabilidade.

— *Uma das aulas que mais me marcou foi de dois momentos: a primeira foi com o professor Mestre das Realidades, que fez uma simulação de julgamento. Ele nos colocou em uma situação hipotética, onde julgamos um menino pobre que havia cometido alguns crimes. Eu, infelizmente, fiquei do lado da acusação e, naquele momento, percebi o quanto, como jornalistas, temos o poder de julgar as pessoas.*

O impacto dessa reflexão se intensificou quando Aurélio do Gurguéia recordou as palavras de outro professor, na disciplina de Introdução à Pesquisa em Comunicação, no primeiro período. Com uma abordagem crítica, o professor explicou como a mídia pode ser vista como um quarto poder, apesar de a Constituição brasileira reconhecer apenas três poderes. Essa visão ampliou a compreensão de Aurélio do Gurguéia sobre esse papel na sociedade, mostrando-lhe como o Jornalismo não é apenas um reflexo da realidade, mas uma força capaz de influenciar e transformar o cenário político e social.

— *Ele disse que somos o quarto poder. Por mais que a Constituição rejeite isso e o Brasil tenha apenas três poderes, eu acredito que a mídia tem essa força, pois pode mudar perspectivas e mudanças nas visões que as pessoas têm. A mídia ainda é muito sanguinária. Estamos habituados a almoçar assistindo chacinas, carnificinas, e, naquele dia, o professor declarou, com esse julgamento, que podemos fazer algo diferente. Acho que podemos refletir sobre nossos atos e transformar as perspectivas que temos sobre as pessoas. A única vez em que vemos pessoas pobres, pretas, mulheres e homens pretos e pobres na TV é quando ocorre um feminicídio ou quando há algum crime. Nunca vemos essas pessoas em lugares de destaque. Essa foi uma percepção muito importante que levamos.*

O julgamento em sala de aula foi um marco na jornada de Aurélio do Gurguéia, revelando-lhe uma nova perspectiva sobre o poder da narrativa. Ele percebeu que é possível contar histórias de outra maneira, transformando realidades. Para ele, o Jornalismo tem a capacidade de ecoar voz aos invisíveis, àqueles que são frequentemente estigmatizados e retratados de forma unilateral. Como ele mesmo ressaltou, a maioria das vezes em que pessoas negras e pobres aparecem na televisão é quando se tornam vítimas de um crime ou são acusadas de cometê-lo. “Raramente as vemos em espaços de destaque”, cita. Essa lição foi, para ele, uma das mais importantes do Curso até o momento.

O terceiro momento marcante ocorreu nas aulas da professora Mestra do Olhar Sensível, quando a dinâmica de ensino se revelou transformadora. Foi nesse ambiente que Aurélio do Gurguéia percebeu ainda mais a importância de uma abordagem humana e interativa no aprendizado. A professora, com seu olhar atento e didática envolvente, conseguiu despertar nele a necessidade de entender o Jornalismo não apenas como uma profissão, mas como uma ferramenta de conexão genuína com as pessoas. A maneira como as aulas foram conduzidas até aqui o fez sentir que o aprendizado vai além do conteúdo técnico, sendo também uma construção de valores e empatia, elementos fundamentais para a prática de um Jornalismo mais ético e próximo da realidade das comunidades.

*— A professora Mestra do Olhar Sensível tem uma dinâmica muito importante. Pode parecer algo simples, mas só o fato de ela transformar a aula em um espaço de diálogo, em vez de sermos meros ouvintes de uma aula expositiva, já faz toda a diferença. Ela nos dá a oportunidade de falar, de expressar nossas ideias, e isso é algo que considero fundamental. Acredito que são essas atitudes que marcam muito a nossa experiência.*

*E, principalmente, aqui na UESPI de Picos, onde temos a sensação de proximidade, de estarmos realmente perto uns dos outros e de saber que as pessoas se importam com a gente.*

## **Da tela ao bastidor - uma nova perspectiva no Jornalismo**

Sobre suas expectativas para o futuro, Aurélio do Gurguéia compartilha que chegou ao Curso com uma ideia firme do que desejava, mas, à medida que avançava nos quase quatro períodos, sua visão começou a se transformar. Inicialmente, sua intenção era trabalhar com TV. No entanto, conforme foi se aprofundando no conteúdo e compreendendo melhor as complexidades do Jornalismo na televisão, ele começou a perceber as limitações dessa área.

O que antes parecia ser o auge de sua carreira revelou-se somente uma entre tantas possibilidades, no qual Aurélio do Gurguéia ampliava seus horizontes, considerando também outras vertentes do Jornalismo que, para ele, fazem mais sentido à medida que seu entendimento da profissão se torna mais completo.

*— Ainda não paguei a disciplina de Telejornalismo, mas, hoje, percebo que meus interesses estão mais voltados à assessoria de imprensa. E pretendo continuar nesse ramo, me aperfeiçoar e focar mais no assessoramento político. Depois de concluir o curso, quero fazer uma especialização nessa área e trabalhar com isso. Eu realmente me encontrei dentro do curso nesse campo. Antes, tinha essa ideia de que Jornalismo era somente TV, mas aqui percebi que me identifiquei mais com a assessoria.*

## Resistir para conquistar

Chegando ao final da entrevista, Aurélio do Gurguéia divide comigo uma reflexão sobre os desafios enfrentados nos primeiros períodos do Curso e deixa um conselho para quem está começando agora. Ele enfatiza a importância de persistir, de não ceder às dificuldades que surgem no início da jornada acadêmica. Para ele, a experiência na UESPI é mais do que um simples capítulo de sua vida, é a realização de um sonho, um espaço conquistado com muito esforço e luta. Chegar até ali, diz ele, já é uma grande vitória, e é preciso reconhecer essa conquista como um passo importante antes de dar os próximos. Sua mensagem é clara:

*– Acho que estamos dentro de um espaço que foi, por muito tempo, usurpado por nós mesmos. Então, chegar até aqui já é uma grande vitória. Precisamos valorizar esse lugar, o curso e a universidade pública, considera.*

Embora reconheça que cada pessoa tem o direito de tomar suas próprias decisões, Aurélio do Gurguéia orienta que, caso surjam dúvidas ou arrependimentos, é importante ir até o terceiro ou quarto período, quando as disciplinas práticas começam a dar o tom do Curso, para realmente sentir se o Jornalismo é aquilo que se deseja. Para ele, essa vivência mais próxima da prática possibilita uma escolha mais consciente sobre o futuro, ajudando a esclarecer se o caminho trilhado é, de fato, o que se almeja.

*– A vida é muito longa, podemos nos arrepender de escolhas e podemos fazer outras coisas. Acho que não devemos ter medo de desistir, mas também não devemos desistir nos primeiros desafios, finaliza.*

Encerrar a história de Aurélio do Gurguéia é perceber que seu caminho é feito de estrada e coragem. Ele atravessa o sul do Piauí como quem leva consigo não apenas um sonho, mas um povo inteiro. O Jornalismo, para ele, nunca foi só profissão, foi missão. E missão exige resistência.

Entre aulas que despertam consciências, desafios que quase o fizeram voltar para casa e a solidão que o acompanha nos fins de semana, Aurélio descobriu que transformar o mundo é um trabalho de longo fôlego. Que comunicar é tocar vidas. Que política é, antes de tudo, cuidado.

Neste relato, ele nos mostrou que a distância não o detém, que a luta não o assusta, que o futuro o chama pelo nome. Seu sonho não é pequeno: é o de um Brasil mais justo, onde sua região seja vista e seu povo ouvido.

Assim, este capítulo termina reafirmando o que ele encarna desde a primeira linha: um menino que sonha com um país melhor e caminha, dia após dia, para construí-lo.

## Capítulo 6

### É a coragem que me define

A carta escrita por Serena Estrada é endereçada à criança que ela foi, aquela menina que, diante da televisão, sonhava com o Jornalismo e com o universo midiático. Seu propósito é resgatar a origem desse sonho e reafirmar que a coragem que hoje caracteriza sua trajetória adulta já estava presente desde muito cedo.

O texto funciona como um dispositivo narrativo capaz de revelar que sua formação acadêmica e profissional não se construiu apenas a partir de escolhas racionais, mas também de uma história afetiva profunda, marcada pela saudade, pela determinação e pelo apoio das mulheres que a sustentaram.

A carta prepara você querido leitor, para compreender que a coragem, tema central do capítulo, configura uma força acumulada ao longo do tempo e acionada por Serena sempre que era necessário atravessar mais uma fronteira, fosse ela geográfica, emocional ou simbólica.

*6 de abril de 2025*

*Olá, Serena Estrada,*

*Você aí, com os olhos grudados na televisão, achando mágico o mundo que existe dentro dessa tela. Você, que sonha em atravessar o vidro da TV só pra comentar o jogo do Palmeiras ou dizer alguma coisa sobre o que está acontecendo ali, como se já sentisse que a sua voz tem algo a dizer. Eu vim te contar uma coisa: você vai conseguir!*

*Talvez hoje pareça distante demais, difícil demais, até grande demais para você. Mas acredite: o sonho que parecia só um pensamento bonito começou a tomar forma. Você passou para o curso de Jornalismo em uma universidade pública pelo Enem aos 16 anos e mudou de estado aos 17, levando na mala a saudade de casa, o amor pela sua família e uma vontade gigante de vencer. Você sente medo, mas ele nunca superou sua coragem. Está descobrindo que, dentro de uma personalidade sensível, existe uma grande força em construção. Aprendeu que a saudade vira combustível e que cada esforço vale a pena quando se tem um propósito. Continua se engajando em tudo com brilho nos olhos e se destacando, porque tudo que você faz, faz com o coração.*

*As mulheres que sempre estiveram ali, segurando sua mão, continuam firmes no apoio. E você, mesmo longe delas, sente o abraço em cada conquista. E lembra quando você achava que só via de longe aquele mundo da TV? Você visitou uma emissora. Andou pelos corredores, viu os estúdios, entendeu cada pedacinho daquele universo que um dia pareceu intocável. E está descobrindo seu lugar, e agora já sabe o caminho, que o sonho está, enfim, ao alcance das suas mãos.*

*A Serena Estradado futuro sente orgulho da Serena Estrada do passado. Porque tudo que você sonhou, pequena, está se construindo com cada passo que deu.*

*Com orgulho, Serena Estrada.*

A leitura dessa carta revela mais do que memória: expõe a tessitura emocional que sustenta a trajetória de Serena Estrada. Ao escrever para a criança que foi, Serena reconhece que a coragem que hoje a define não nasceu na Universidade nem diante

dos desafios da vida adulta; ela já estava presente na menina que ousava sonhar alto diante da televisão. A carta esclarece ao leitor que sua formação não pode ser compreendida apenas como resultado de esforço acadêmico, pois está profundamente vinculada a uma história afetiva e simbólica que a orientou desde cedo.

O ato de mudar de Estado aos 17 anos, enfrentar o desconhecido e persistir nos estudos apesar da saudade aparece, no corpo da carta, menos como sacrifício e mais como continuidade daquele primeiro desejo. A visita à emissora, tão marcante para ela, surge como o encontro entre sonho e realidade, um verdadeiro rito de passagem que confirma que o caminho era possível.

No mesmo dia em que ouvi as memórias de Aurélio do Gurguéia, foi a vez de Serena Estrada compartilhar as suas. Curioso como o tempo se alinha, como os caminhos se cruzam sem aviso. Na verdade, foi com ela que conversei primeiro na mesma quinta-feira, 13 de março de 2025.

O relógio marcava 8h23min quando a encontrei sentada entre colegas, a conversa fluindo leve, o riso pontuando o ar. A Universidade Estadual do Piauí, campus Professor Barros Araújo, já pulsava com a rotina acadêmica e, dali a pouco, uma reunião sobre a VII Semana de Comunicação Social tomaria nosso tempo. Mas, antes que os compromissos do dia nos consumissem por completo, aproveitamos aqueles minutos breves para um encontro que, embora fugaz, se fez imenso em significado e memória.

Seguimos para o laboratório de assessoria de comunicação, no intento de não sermos interrompidas ao visitar e narrar memórias de uma vida, a dela. A conversa fluiu entre risos, lembranças e pausas carregadas de sentimento. Em certos momentos, um nó na garganta, uma lágrima contida, um olhar perdido ao falar de cidade, da família.

Serena Estrada traz consigo o peso e a beleza de Serrolândia, um distrito pernambucano próximo a Ipubi, que fica a 184,7 km de Picos, no Piauí. Com pouco mais de 29 mil habitantes, sua terra natal escapa às fronteiras do sertão piauiense, mas guarda em cada esquina as mesmas dores e esperanças que marcam quem nasce no interior.

Criada pela avó desde a infância, aprendeu cedo que os sonhos, por maiores que sejam, pedem sacrifícios. Serena Estrada tem 18 anos e faz parte da turma 2024.1. Ela carrega no olhar a força de quem nasceu no interior de Pernambuco, mas encontrou no sertão piauiense o cenário para desenhar seu futuro. De cabelos longos e pretos, pele clara e um sorriso que raramente abandona o rosto, Serena Estrada caminha pela vida com a serenidade que o nome anuncia e a firmeza de quem sabe, desde cedo, que esperança também é trabalho.

Antigamente, o Curso de Jornalismo em Picos era frequentado, majoritariamente, por estudantes da própria microrregião, mais da zona rural e de cidades vizinhas do que, propriamente, da sede do município. Hoje, mais de duas décadas após sua implantação, o cenário está transformado: as salas de aula são divididas entre vozes do sertão piauiense e sotaques vindos de outros estados. O que antes era um espaço local tornou-se ponto de encontro de diferentes trajetórias, sonhos e paisagens.

Quando nos encontramos para essa conversa, Serena Estrada ainda Tateava os primeiros passos do segundo semestre do Curso de Jornalismo, no campus de Picos. Na agenda do dia constava aula de História do Jornalismo, marcada para depois da reunião da VII Semana de Comunicação.

Desde pequena, soube que queria Comunicação. Não foi uma escolha ao acaso, mas um chamado. No jornalismo esportivo encontrou paixão e propósito, uma trilha que percorre com olhos brilhantes e planos audaciosos para si e para a família que tanto ama.

Conversar com Serena Estrada foi como ouvir o eco de alguém que luta diariamente contra a dor da saudade, que transforma a distância em combustível e os dias difíceis em degraus. Sua voz trazia a firmeza de quem sabe o que quer, mas também a doçura de quem carrega consigo uma história que ainda se desenrola e que agora, caro leitor, convido você a conhecer.

## **Com a palavra, Serena Estrada**

Desde pequena, Serena Estrada encontrou na casa da avó mais do que um lar, um refúgio. Seus pais se separaram quando ela ainda era criança, e a mãe seguiu para a sua casa materna. Mas quando a vida andou, e um novo casamento surgiu, Serena Estrada fez sua escolha: permanecer ali, ao lado de quem sempre esteve por perto.

A rotina já estava desenhada. A mãe trabalhava o dia inteiro, e os dias de Serena Estrada eram preenchidos pela presença constante da avó. Era ela quem a acolhia, quem fazia da casa um mundo seguro e familiar. E naquele pequeno universo, construiu suas primeiras memórias, seu senso de pertencimento e as raízes que, até hoje, a sustentam.

*— Minha avó sempre foi muito presente na minha vida. Sabe aquela ideia de que criança criada pela avó é muito mimada? Então, era mais ou menos nessa vibe. Ela sempre me ensinou que, se eu quisesse algo, precisava ir atrás, compartilha.*

Crescer na casa da avó nunca significou distância da mãe. Pelo contrário, a presença dela sempre esteve ali, nas pequenas rotinas do dia a dia. Afinal, era a mesma cidade, as mesmas ruas, os mesmos caminhos que as uniam.

Os laços familiares se entrelaçavam no ir e vir dos dias. A mãe deixava os irmãos na casa da avó, e assim, todos se viam, compartilhavam momentos, dividiam histórias. Serena Estrada tem um irmão e uma irmã por parte de mãe, e outros por parte de pai. Mas entre eles, não há distinção, são apenas irmãos, unidos pelo afeto e pelo cotidiano que os mantém sempre próximos.

*— Eu cresci lá na casa da minha avó, mas, mesmo assim, minha mãe sempre foi muito presente na minha vida.*

Filha de professora, Serena cresceu ouvindo que o saber transforma, que estudar é mais que um dever, é uma chance de construir futuros. Desde pequena, entendeu que a sala de aula não era apenas um espaço de aprendizado, mas uma porta para outras realidades.

*— Como minha mãe é professora, sempre enxerguei a educação como um caminho para crescer. Todo professor carrega essa crença de que a educação é essencial, e minha mãe sempre reforçou isso para mim. Por isso, cresci com a ideia de que a educação é fundamental e que, se eu quisesse um bom estilo de vida e qualidade de vida, precisava buscá-la.*

Ao mergulhar em suas memórias, a jovem recorda com orgulho sua trajetória escolar: “Eu sempre estudei em colégio público, mas também já estudei em escola particular, pois minha mãe era professora e eu entrei como bolsista”. Ela conta que desde cedo demonstrava um desempenho notável, tanto que, no primeiro ano, conseguiu avançar de série e fez duas no mesmo ano. Dessa forma, concluiu o ensino médio aos 16 anos e ingressou na faculdade aos 17, na UESPI, onde sua jornada acadêmica começa a se concretizar.

A ainda caloura reflete sobre sua jornada, ciente de que o caminho até a Universidade exigiria muito mais que esforço: seria necessário uma determinação firme. Desde o início, ela sabia que o Jornalismo era seu destino, mas para alcançá-lo, precisaria conquistar uma vaga em uma instituição pública. A ausência do Curso em sua região ampliou seus horizontes e a fez sonhar ainda mais alto.

A UESPI, sendo a Universidade mais próxima e também pública, surgiu como sua grande oportunidade. Ela conta, com um olhar de esperança, o que pensava: “Se eu conseguir passar em uma universidade pública, o custo será menor, pois será só o transporte para eu ficar lá”.

*— Minha família não tem muita condição financeira para sustentar uma faculdade, e sempre cresci com a ideia de que precisava passar em uma, porque o curso que eu sempre quis foi Jornalismo. Porém, onde moro não tem esse curso, e o mais próximo é aqui.*

## **Com o coração na bagagem**

O apoio da mãe e da avó, no entanto, foi a bússola que a guiou. “Vá que a gente dá um jeito”, diziam sempre que uma dúvida surgia. A cada obstáculo, uma resposta firme, carregada de afeto e segurança. Passar no Enem de primeira era um orgulho, mas também um desafio. “E agora, o que eu faço?”, pensava. E lá estavam elas, repetindo com firmeza: “Vá, que a gente dá um jeito”.

Ao dar os primeiros passos em direção à Universidade, Serena Estrada lembra da saudade que marcou o início de sua jornada. Sua avó, com o coração apertado, sentiu a dor da despedida, a primeira vez que a neta deixava o lar. “Ela ficou muito triste, foi difícil, deu vontade de voltar”, conta ela, a voz tingida de melancolia. Mas Serena sabia, em seu íntimo, que estava ali por

um propósito maior: levar o melhor para quem sempre a apoiou.

Vinda de um distrito em Pernambuco, onde as instituições públicas de Ensino Superior são um sonho distante, Serena Estrada cresceu em um lugar pequeno, quase intocado. Lá não tem Universidade, é um distrito com cerca de 10 a 12 mil habitantes. Não é nem cidade, é como se fosse uma comunidade. “A cidade mais próxima que oferece curso superior é Araripina, a cerca de 50 km de distância, e mesmo lá, a única universidade disponível é privada, a Unopar”, comentou.

*— O lugar de onde venho é pequeno. Não tem universidade, é tão pequeno que nem é considerada uma cidade. Aqui no Piauí, quase toda comunidade é reconhecida como cidade, mas em Pernambuco, é mais como um distrito. A minha cidade, Ipubi, não tem universidade pública, apenas cursos como Pedagogia e Letras. E eu nunca quis seguir um curso da área de licenciatura.*

A discente ressalta que, embora admirasse muito a profissão de professor, sempre foi apaixonada por Jornalismo. Quando escolhi esse caminho todos questionaram, alguns até surpresos: “Jornalismo, aqui?”, ela sorri, lembrando as reações que viu em seus amigos e familiares. Muitos pensavam que a área era apenas um caminho para o trabalho no jornal, mas ela sabia que era muito mais. E com o apoio incondicional de sua mãe e avó, Serena Estrada foi firme na decisão de seguir seu sonho.

Para Serena, se tornar jornalista sempre foi mais que uma escolha acadêmica, era um sonho que tomava forma desde cedo. E Picos sempre foi sua opção. “Era o lugar mais perto, são umas duas horas, duas horas e meia daqui pra lá”, conta.

Desde criança, a comunicação era um traço forte em sua personalidade. Ouvia elogios sobre sua oratória e via nisso uma oportunidade de expansão. Gostava de escrever, de criar histórias, de apurar detalhes. O Jornalismo parecia um caminho

natural, um espaço no qual poderia unir suas habilidades e paixões. “Eu sempre quis algo com que me identificasse”, reflete.

Na reta final do ensino médio, enquanto muitos ainda buscam certezas sobre o que fazer após a formatura, Serena Estrada já vasculhava mapas, sites e possibilidades. Procurava, entre cidades vizinhas e sonhos distantes, um lugar onde o Jornalismo pudesse florescer. Sabia que queria o curso, só precisava encontrar onde ele pudesse ser realidade.

“Pensei na Bahia... lá talvez fosse mais fácil passar, mas era longe demais”, relembra. A dúvida pairava entre dois destinos: Universidade Federal do Cariri (UFCA), em Juazeiro do Norte, ou a Universidade Estadual do Piauí (UESPI), em Picos. Ponderou distâncias, acessos, desafios e decidiu: Picos era o caminho. A 167 km de sua cidade, não era exatamente perto, mas era o mais próximo que poderia estar do seu sonho.

*— Para eu vir, pego uma van e depois um carro, mas ainda assim é mais perto, conta. Quando finalmente decidiu, correu para contar à mãe. Ela disse que conhecia gente aqui e que era perto. Me deu aquele apoio que só mãe sabe dar.*

Quando viu seu nome na lista de aprovados da UESPI, em Picos, Serena Estrada sentiu o frio na barriga típico de quem se lança no desconhecido. “Tudo que é novo dá medo”, admite, não por achar difícil, mas por nunca ter pisado naquele território. Não conhecia ruas, rostos, nem cheiros, tudo era inédito, e isso bastava para provocar um turbilhão por dentro.

Aos 16 anos, ainda adolescente, estava prestes a deixar o lar pela primeira vez. Quando soube que começaria ali sua nova vida, foi a mãe quem tomou as rédeas da mudança. “Ela ia ligando, resolvendo tudo... só dizia: já arrumei o apartamento, já arrumei tal coisa”, conta Serena, sorrindo com o brilho de quem revive o momento.

Serena Estrada, então, partiu com a mala na mão e a esperança no peito, sem sequer saber com quem dividiria o teto. Descobriu apenas ao chegar. Mas, como se o destino tivesse preparado o terreno com carinho, encontrou acolhimento logo na porta de entrada. Na bagagem, além de roupas e cadernos, ela carregava o receio do desconhecido e também a coragem de quem atravessa distâncias para construir o próprio lugar no mundo. Foi assim, com passos cautelosos, olhos atentos ao futuro e o coração cheio de esperança, que Serena Estrada escolheu a UESPI, não apenas pela geografia, mas pela fé de que, ali, ela conseguiria fincar raízes no Jornalismo.

Ao ser questionada sobre de onde vinha a inspiração para querer atuar na área, se era de alguma pessoa, ela diz que nunca teve uma grande inspiração, mas conta que admirava muito uma profissional da área, a Raquel Sherazade.

— *Eu acho muito bonito o jeito como ela se porta, o jeito como se posiciona e a forma como quer levar a verdade e aquilo em que acredita, sempre sem medo das censuras. E o Jornalismo, a gente percebe, enfrenta muita censura.*

Assim que chegou à Universidade, Serena carregava consigo um amor antigo, o futebol. Torcedora fervorosa do Palmeiras, ela logo revela um outro lado de si: o de criadora de conteúdo. “Tenho até uma página de futebol”, conta com o orgulho de quem vê um sonho ganhando torcida própria. São mais de 70 mil seguidores acompanhando vídeos, memes e histórias que ela mesma roteiriza, edita e publica. Um conteúdo regado a paixão e bom humor, onde o Palmeiras é mais que time, é ponte.

Ali, entre piadas e postagens, Serena se conecta com jornalistas, comentaristas e comunicadores de vários cantos do país. É como se, em meio àquele universo digital, ela unisse

duas grandes paixões: o futebol e a comunicação. “É um jeito de me expressar”, confessa, como quem encontra voz onde antes só havia torcida.

*— Só que aí eu tenho aquela coisa: Não... mas eu gosto tanto de escrever. Aí eu penso: E se eu ficar nos dois? Eu gosto muito de jornalismo esportivo, penso bastante nessa área. Tem muita oportunidade, inclusive lá no Palmeiras, para jornalistas. Tem até uma menina de Teresina que está lá, ela trabalha na área de comunicação. E eu penso muito no jornalismo esportivo. Todo mundo que bate o olho em mim já fala: Ah, mas tu quer a área de televisão, né? As pessoas dizem que é a minha cara.*

Talvez seja um sinal, porque em campo ou no estúdio, Serena Estrada parece saber exatamente onde quer jogar.

## **Nossa, eu sonhava com isso**

Quando Serena chegou a Picos, o mundo parecia maior do que ela imaginava. Olhava ao redor, observava os rostos apressados, as palavras afiadas, os cadernos cheios de anotações e sonhos. “Quanta gente inteligente”, pensava com os olhos curiosos de quem acabara de atravessar a ponte entre o lar e o novo.

*— Assim que cheguei, fiquei com um pouco de medo, porque ainda não tinha me enturmado. Mas, à medida que fui me enturmado com o pessoal da minha turma, fui percebendo: Nossa, acho que aqui é, de fato, o meu lugar.*

A estudante relembra o instante em que cruzou, pela primeira vez, a porta do laboratório de radiojornalismo da Universidade. Seus olhos brilharam como quem reconhecia um

sonho de infância enfim materializado, um cenário que antes habitava apenas na sua imaginação.

*—Eu lembro que, na primeira vez em que a gente veio aqui e viu essa rádio, eu pensei: Nossa, eu sonhava com isso. Qualquer dia, eu vou estar ali apertando cada botãozinho.*

Com o tempo, Serena Estrada foi percebendo que o medo carregado na bagagem, aquele de professores distantes, duros, inacessíveis, como tantos diziam no Ensino Médio, começava a se dissolver. No lugar do receio, encontrou acolhimento. Viu nos professores mais do que mestres: encontrou aliados.

Por entre os desafios impostos pelo cotidiano insistente, a rotina puxada, o vai e vem de ônibus, as tarefas que se acumulam ao fim do dia, há um obstáculo que pesa além dos outros: a distância. Serena Estrada confessa ser do tipo que encontra alívio no abraço, no cheiro de casa, no colo quente da família. “Quando fico triste, tudo que queria era correr para eles.”

*— Quando eu me desespero aqui, eu penso: Pronto, como é que eu vou andar quase 200 km pra ficar bem? Aí eu fico muito desesperada. Então, acho que o principal desafio pra mim é a distância. Fico pensando: Nossa, se eu estivesse em casa, seria tão mais fácil... Não... Se minha família estivesse aqui, tudo seria um caminho mais simples.*

Ainda assim, ela resiste. Porque é justamente essa saudade, que arde, mas não paralisa, que a move. Quando o peito aperta, ela se lembra do porquê está ali: levar uma vida melhor para si e para quem a ama. A distância, afinal, virou ponte. Um desafio que se transforma, dia após dia, na mais íntima e poderosa das motivações.

– *Ao mesmo tempo em que a saudade é uma dificuldade muito grande, ela também é uma motivação. Quando eu estou com saudade, penso: “Não... Mas assim que eu terminar, vou conseguir um emprego, vou me esforçar e conseguir trazer mais qualidade de vida para mim e para eles. Então, acredito que, embora seja um desafio, essa é a minha maior motivação”.*

## **Goma, banana e jornalismo - o afeto em porções**

Serena Estrada ainda carrega o frescor dos primeiros passos no Curso de Jornalismo. No tempo desta entrevista, as aulas haviam acabado de recomeçar após o período de férias, e ela, no segundo semestre de estudos, ainda com os olhos curiosos de caloura, buscava entre as lembranças o momento mais marcante deste início.

Faz uma pausa, reflete, e então sorri. “A visita à TV Cidade Verde”, diz, como quem revive um instante guardado com carinho. A atividade foi proposta durante a disciplina de Introdução à Pesquisa em Comunicação, ainda no primeiro período.

A missão era simples: conhecer de perto um veículo de comunicação. Entre tantas possibilidades, optaram pela TV Cidade Verde. E foi ali, entre bastidores e câmeras, que Serena sentiu o coração bater mais forte. O que era teoria virou chão, luz, som. E o sonho, até então abstrato, ganhou forma.

– *Foi eu e meus três amigos do curso. Eu lembro que, nesse dia, a gente foi almoçar na casa da minha chaveirinho e, depois, fomos para a TV Cidade Verde. Fomos recepcionados super bem, conhecemos cada detalhe de lá e, tipo assim, na hora em que entrei na sala do*

*estúdio grande, assim que abri os olhos, eles brilharam: Meu Deus, o que eu via quando era criança na televisão é aqui!*

No mesmo instante, compartilhou o momento com a avó por meio de uma foto. E foi ela quem respondeu com um áudio que virou promessa: “Agora, quando eu for aí, vai ser pra tua formatura”. Orgulhosa, postou o vídeo da neta, mostrou a todos que batiam à sua porta. Serena Estrada relembra o momento com a voz embargada, nas lágrimas que escapam agora, que a caminhada, por mais difícil, vale cada passo. Porque quando se fala de família, o coração aperta... Mas também se acende.

*— Ela postou, e todo mundo que chegava lá em casa, ela mostrava o vídeo (choro). Ela dizia: “Ó, aqui é a Serena Estrada, ela tá estudando lá no Piauí”. E ela sempre fala com muito orgulho. Aí, quando eu mandei todas as fotos, ela respondeu toda empolgada, e eu percebia que ela estava muito feliz. (Quando fala de família – choro).*

Nessas horas, Serena Estrada conta que se enche de força, como quem recebe um empurrão invisível vindo de casa. Eu percebo a empolgação dela, e penso: “vou me esforçar mais, porque sei que ela tá com muito orgulho de mim”, confessa com um sorriso que guarda saudade. E relembra, com olhos marejados, de um gesto simples que carrega afeto:

*— Quando foi pra eu vir agora, teve aquele rapaz da motinha, sabe? Aquele que fica de vigia na rua. Eram 3h da manhã e a porta lá de casa estava aberta. Ele perguntou: “Oi, tá tudo bem aí?”. E ela respondeu: “Tá tudo bem, sim. É porque a Serena vai viajar, ela estuda fora”. Ela sempre fala com muito orgulho, sempre dá esse destaque.*

*Todo mundo que chega lá em casa ela arruma um jeito de dizer: “Ah, a Serena Estrada tá estudando. Ela foi morar fora pra estudar”.*

A neta ainda conta que toda vez que arruma as malas para voltar à Universidade, não o faz sozinha. A avó, com mãos que conhecem os gestos do cuidado, sempre dá um jeito de colocar um pedaço de casa entre as roupas e os cadernos. “Leva essa goma, leva essa banana”, diz, como se cada alimento fosse também uma bênção disfarçada.

*– Ontem mesmo eu estava mostrando para as minhas colegas aqui que minha avó mandou feijão. E minha mãe juntou um monte de latinhas de margarina e falou: “Ó, Serena, tá aqui as porçõezinhas certinhas pra tu comer”. Aí eu fiquei olhando e pensando: nossa, isso parece ser uma coisa simples, mas é um ato de carinho tão grande. E fiquei refletindo sobre isso.*

Quando questionada sobre os desafios de trilhar o caminho universitário vindo da escola pública, Serena Estrada não hesita: o que muitos enxergam como obstáculo, ela carrega com orgulho. Fala com brilho nos olhos de um lugar que, embora rotulado por fora, por dentro era exceção.

“A modalidade de ensino lá era, assim, impecável”, solta, como quem devolve a voz a um espaço tantas vezes silenciado pelo preconceito. Os estigmas, aqueles que pintam a escola pública como sinônimo de abandono, sucateamento e ausência, não cabem na lembrança que ela carrega.

Na sua memória, os corredores são limpos, os professores, presentes. As salas, cheias de silêncio e saber. Lá, não havia espaço para o improvisado. O celular, por exemplo, nunca teve vez, três anos sem usar, diz.

— Lá, eles ofereciam os computadores para fazer pesquisas. Também tinha aquelas monitorias, no final do terceiro ano, para uns ajudarem os outros. Os professores ajudavam muito, davam muita atenção às provas internas. Eles preparavam bastante: tinha simulado, tinha questões... também tinha muito trabalho. Quando cheguei aqui e vi todo mundo desacostumado, pensei: Gente, como assim? No meu ensino médio, eu fazia cinco trabalhos num dia e ainda apresentava! Foi aí que percebi o impacto entre como eu falava de lá e como os meus colegas falavam daqui.

Ao chegar à Universidade, Serena Estrada percebeu o abismo entre sua vivência e a de muitos colegas, que vinham de escolas menos estruturadas, onde o Ensino Médio havia sido mais escasso em preparo e apoio. Ela lembra de comentar sobre as práticas da escola de onde veio. E os colegas reagiram com surpresa: “Oxe, mas tua escola era pública?”. E foi nesse contraste que ela entendeu: sua escola, embora pública, era exceção.

No entanto, ainda que o ensino não lhe tenha causado estranhamento, já que chegou bem preparada pelos corretores firmes de sua antiga escola, foi o choque cultural que a pegou de surpresa, como quem chega desavisado e se depara com um mundo novo em meio ao conhecido. Não foi na sala de aula, mas no refeitório, nas conversas simples, nas palavras trocadas, que Serena Estrada entendeu: mesmo vizinhas, as cidades carregam universos distintos nos detalhes.

Serena Estrada achava que a travessia entre Serrolândia e Picos seria branda, quase imperceptível. Cidades vizinhas, estados irmãos (Pernambuco e Piauí), dividindo Sol, estrada e sotaque. Imaginava que o novo endereço não traria grandes surpresas, mas bastou pisar no campus para que os detalhes da cultura local lhe mostrassem o contrário.

“Eu pensei que não teria impacto cultural...”, relembra, entre risos e espantos. Um dia, sentada no refeitório, ouviu um colega anunciar que tinha trazido chá de burro. Curiosa, se espantou: “Oxe, o que é isso?”. Quando descobriu que era munguzá doce, riu da confusão. “Lá a gente chama munguzá mesmo”, contou, ainda surpresa com o apelido inusitado da iguaria.

E não parou por aí. Em outra conversa, mencionou com naturalidade o pé de pinha que havia deixado em casa. “Pinha?”, questionaram. Aqui é ata. Mais um nome, outra história. As palavras, pequenas chaves que abrem mundos. Até o pão, que por lá era só pão, aqui ganhou nome próprio e recheio generoso: bomba. A primeira vez que ouviu a palavra imaginou de tudo, menos um salgado.

*— Eu não conhecia a bomba. Aí eu vi os meninos dizendo: Ah, vou comprar uma bomba, e ficava pensando: O que é isso? Daí me explicaram: É um pão que tem um recheio. Aí eu comprei e amei, muito bom mesmo. Cheguei lá em casa e falei: Mãe, hoje eu comi um salgado, foi bom! E fui explicar pra ela: “Lá não tem, mas qualquer dia eu levo um pra tu provar”.*

E assim, entre nomes trocados, sabores novos e risadas partilhadas, Serena Estrada vai compreendendo que, mesmo entre vizinhos, o Brasil é feito de pequenas diferenças que moldam grandes descobertas.

## **Tempestades vêm, mas também vão**

A estudante menciona, no meio da entrevista, que já pensou em desistir do Curso. Suspira fundo, como quem revisita, ainda que por um instante, as sombras do próprio caminho. “Nossa, passou pela minha mente... acho que passa por todos”,

admite com sinceridade. Porque, em algum momento, a dúvida bate à porta, silenciosa e insistente: vale mesmo a pena?

E foi em um desses dias de desespero, quando a saudade gritava mais alto que a razão, que Serena ligou para casa, com a voz trêmula: mãe, eu quero desistir, eu quero voltar. Do outro lado da linha, a resposta veio como abrigo: “Mulher, não desiste não. Vai desistir pra fazer o quê? Tu gosta de estudar. Fica aí mais um pouquinho, passa ligeiro”.

E está passando. O tempo, que parecia arrastar os pés, de repente correu. No fundo, ela entendeu as palavras da mãe: as tempestades vêm, mas também vão. E o sonho permanece.

— *Eu percebi que realmente passa ligeiro. Tipo, eu cheguei aqui um dia desses e, do nada, já acabou o primeiro período. Agora já estou no segundo e, pum, piscou... vai acabar também.*

## **Coragem - a palavra que me leva**

E antes de encerrar nossa conversa, com o olhar firme e a voz segura, Serena Estrada encontra a palavra que costura sua trajetória no Curso: coragem.

— *Porque a coragem está em cada momento. Tipo, a coragem de quando eu saí de casa, a coragem de todo dia sair e entrar naquele ônibus, a coragem de chegar aqui, a coragem de falar com algum professor... Acho que, para tudo, tem que ter coragem, até pra apresentar um trabalho. Porque você precisa ter coragem pra dizer: Eu vou fazer isso. Então, eu acho que a coragem é algo que me define muito. Se você não tiver coragem, vai ficar ali, à mercê da timidez, apenas vendo acontecer, sem fazer acontecer.*

É com essa palavra tatuada na alma que Serena Estrada segue, e deixa um recado para quem ainda está no início da caminhada, não como quem aconselha de cima, mas como quem estende a mão para quem está apenas começando:

*— Se dediquem, sabe? Porque, embora aqui o processo seja, digamos assim, doloroso e complicado, embora seja difícil, se você se dedicar, se esforçar, se mostrar que realmente quer aquilo e lutar por isso, a conquista, a recompensa, vai ser válida, vai ser calorosa. É uma conquista que vai valer a pena.*

Encerrar este capítulo é reconhecer que a trajetória de Serena Estrada não se explica apenas pelos fatos narrados, mas pela força que vibra por baixo deles: a coragem que a move desde a infância. A menina que sonhava diante da televisão é a mesma jovem que atravessou fronteiras geográficas, culturais, emocionais, para chegar à Universidade. A saudade que poderia tê-la detido transformou-se em impulso; o medo, em travessia; o apoio da mãe e da avó, em bússola.

A carta que abre o capítulo não é adorno, mas chave: revela que sua formação começou muito antes das aulas, que o sonho nasceu no afeto e que a persistência foi aprendida no colo das mulheres que a criaram. Cada detalhe, o distrito pequeno, o ensino público, a mala feita com porções de carinho, a rotina do transporte, o choque cultural, a visita à TV, compõe o mesmo gesto: o de continuar.

Assim, este relato se fecha reafirmando o que Serena mesma reconhece como marca essencial: coragem não é o que ela descobriu na Universidade, é o que trouxe consigo para chegar até aqui. E é essa coragem, antiga e sempre nova, que seguirá conduzindo cada passo seu no caminho que ainda se desenha.



## Posfácio

A vontade de escrever este livro-reportagem brotou do anseio de eternizar o meu percurso pela UESPI, não apenas o meu, mas também o daqueles que caminharam ao meu lado. Estar na Universidade foi, por muito tempo, um sonho que parecia inalcançável. Hoje, com um pé na formatura, em maio de 2025, e o coração cheio de memórias, mergulho fundo nas lembranças que me trouxeram até aqui. Não sei o que o futuro reserva, mas entregar este trabalho à minha querida UESPI já é, por si só, uma conquista imensa.

Entre tantos sonhos (fazer um curso superior, me formar, escrever um livro), percebo o quanto Deus foi bondoso: enviou as pessoas certas, no tempo certo, e mostrou que toda espera vale a pena. Este livro é para você, aluno de Jornalismo e também de outros cursos, que enfrentou obstáculos e resistiu aos ventos contrários. É para você que carrega a esperança de transformar a vida através da Educação.

Agradeço, do fundo do coração, a cada personagem que confiou em mim para contar suas histórias. Suas memórias se entrelaçam às memórias sociais do Curso e, juntas, formaram uma tapeçaria viva que não apenas preserva trajetórias individuais, mas também narra o presente do Jornalismo em nossa Universidade.

Espero, querido leitor, ter tocado sua alma com cada palavra aqui escrita. Se você é aluno deste Curso, que siga tecendo essa narrativa com coragem e verdade. Sua vida tem valor, sua história tem voz, e o Jornalismo, sobretudo o que nasce no sertão, precisa de você. Que ele nunca seja esquecido ou silenciado. Que o amanhã traga ao Curso ainda mais do que ele é hoje. E, se Deus permitir, que um dia eu volte, não apenas com saudade no peito, mas com gratidão nas mãos, pronto para retribuir tudo o que aqui recebi.

Escrevo estas últimas linhas com lágrimas nos olhos e gratidão transbordando no peito. Obrigada, UESPI. Obrigada, mestres e amigos. Obrigada, Glória dos Amaros, Luyara do Campo, Aurélio do Gurguéia e Serena Estrada, que a vida nos reencontre adiante, vitoriosos e brilhando nossos sonhos. E obrigada a mim mesma, por não desistir.

## Referências

- BATISTA, Roberta Pereira Diniz. Entrevista concedida à Thaila Vieira. Picos, 13 mar. 2025.
- BATISTA, Roberta Pereira Diniz. *Palestras Mil Grau*. Serrolândia, 2025. Instagram: @palestrinassmilgrau. Disponível em: <https://www.instagram.com/palestrinassmilgrau?igsh=MTZvczhhaHZmczRpZQ%3D%3D>. Acesso em: 5 abr. 2025.
- CARVALHO, Igor. Apenas 20% das universidades públicas têm cotas para quilombolas. *Brasil de Fato*, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/19/apenas-20-das-universidades-publicas-tem-cotas-para-quilombolas/>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- CASTRO, Maria Aparecida de; FERREIRA, Mayara Sousa. Dossiê de memórias do jornalismo da UESPI: as pesquisas realizadas nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs). In: FERREIRA, Mayara Sousa; OLIVEIRA, Thamyres de Sousa; OLIVEIRA, Jailson Dias (org.). *Histórias e memórias enquadradas da comunicação e do jornalismo de Picos-PI*. Teresina: EdUESPI, 2023. p. 152–166.
- DIA DO NORDESTINO: cerca de 10% da população do interior de SP é nordestina, segundo IBGE. *G1*, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/itapetininga-regiao/noticia/2021/10/08/dia-do-nordestino-cerca-de-10percent-da-populacao-do-interior-de-sp-e-nordestina-segundo-ibge.ghtml>. Acesso em: 21 abr. 2025.

- FERREIRA, João. ONE TREE HILL: uma série que TODO MUNDO deveria assistir! *NerdSpeaking*, 2021. Disponível em: <https://nerdspeaking.com.br/one-tree-hill-uma-serie-que-todo-mundo-deveria-assistir/>. Acesso em: 4 fev. 2025.
- FERREIRA, Mayara Sousa; FERRO, Maria do Amparo Borges. História da formação de jornalistas em Picos-PI. In: FERREIRA, Mayara Sousa; OLIVEIRA, Thamyres de Sousa; OLIVEIRA, Jailson Dias (org.). *Histórias e memórias enquadradas da comunicação e do jornalismo de Picos-PI*. Teresina: EdUESPI, 2023. p. 116–137.
- FRANCIS LOPES. *Lamento de um nordestino*. 1998. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/francis-lobes/lamento-de-um-nordestino/>. Acesso em: 4 fev. 2025.
- IBGE. *Bom Jesus*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/bom-jesus.html>. Acesso em: 17 mar. 2025.
- IBGE. *Bocaina*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/bocaina.html>. Acesso em: 21 abr. 2025.
- IBGE. *Ipubi*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/ipubi.html>. Acesso em: 4 abr. 2025.
- MADEIRO, Carlos. Em seis anos, mais de 400 mil nordestinos voltaram para cidade de origem. *UOL*, 2010. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2010/01/10/em-seis-anos-mais-de-400-mil-nordestinos-voltaram-para-cidade-de-origem.htm>. Acesso em: 21 abr. 2025.
- MARACCINI, Gabriela. 5 anos da covid-19: relembre o histórico desde 1º caso até fim da emergência. *CNN Brasil*, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/5-anos-da-covid-19-relembre-o-historico-desde-10-caso-ate-fim-da-emergencia/>. Acesso em: 1 fev. 2025.
- MONTGOMERY, Lucy Maud. *Anne da Ilha*. Jandira-SP: Ciranda Jovem, 2020.

- MONTGOMERY, Lucy Maud. *Anne de WindyPoplars*. Jandira-SP: Ciranda Jovem, 2020.
- MUNICÍPIO DE IPUBI. *Cidade-Brasil*, 2025. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-ipubi.html>. Acesso em: 23 mar. 2025.
- NANDO REIS. *Por onde andei*. Universal, 2004. 4 min 11 s. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/nando-reis/101236/>. Acesso em: 4 abr. 2025.
- NOVO, Benigno Núñez. Um breve estudo sobre a cidade de Bom Jesus - PI. *UOL – Meu Artigo*, 2022. Disponível em: <https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/historia-do-brasil/um-breve-estudo-sobre-a-cidade-de-bom-jesus-pi.htm>. Acesso em: 17 mar. 2025.
- PRIMO, Luciana França Pereira. Entrevista concedida à Thaila Vieira. *Picos*, 21 out. 2024.
- RAMIRES, Ana Rute; RODRIGUES, Rubens. Acesso ao ensino superior: universidades não estão preparadas para receber quilombolas. *O Povo*, 2024. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/reportagens-especiais/quilombolas-ensino-superior/2024/09/07/acesso-ao-ensino-superior-universidades-nao-estao-preparadas-para-receber-quilombolas.html>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- REBELLO, Aiuri. Seca de 2012 a 2017 no semiárido foi a mais longa na história do Brasil. *UOL*, 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2018/03/03/seca-de-2012-a-2017-no-semiarido-foi-a-mais-longa-da-historia.htm>. Acesso em: 1 fev. 2025.
- RODRIGUES, Riquelmo Miranda. Entrevista concedida à Thaila Vieira. *Picos*, 13 mar. 2025.
- SILVA, Danielly Kelly Duarte. A implantação do curso de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo e Relações Públicas da UESPI de Picos, sua história e contribuição para o jornalismo picoense. In: FERREIRA, Mayara Sousa; OLIVEIRA, Thamyres de Sousa; OLIVEIRA, Jailson Dias (org.). *Histórias e memórias*

*enquadradas da comunicação e do jornalismo de Picos-PI*. Teresina: EdUESPI, 2023. p. 138–151.

SILVA, Letícia Soares da *et al.* Inventário das plantas arbustivo-arbóreas utilizadas na arborização urbana em praças públicas. *Journal of Environmental Analysis and Progress*, v. 3, n. 2, p. 241–249, 25 abr. 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/324766002\\_Inventario\\_das\\_plantas\\_arbustivo-arboreas\\_utilizadas\\_na\\_arborizacao\\_urbana\\_em\\_pracas\\_publicas](https://www.researchgate.net/publication/324766002_Inventario_das_plantas_arbustivo-arboreas_utilizadas_na_arborizacao_urbana_em_pracas_publicas). Acesso em: 10 nov. 2024.

SOUZA, Elinalva da Conceição. Entrevista concedida à Thaila Vieira. Picos, 17 out. 2024.

TOM JOBIM. *Águas de março*. Zen Produtora Cinematográfica e Editora Musical Ltda., 1972. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/tom-jobim/49022/>. Acesso em: 4 fev. 2025.

TRECCO, Giulia. Você sabe por que SP era conhecida como Terra da Garoa? *São Paulo Secreto*, 2020. Disponível em: <https://saopaulosecreto.com/por-que-sp-e-a-terra-da-garoa/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ. Nossa História. UESPI, 2024. Disponível em: <https://uespi.br/nossa-historia/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

## DECLARAÇÃO EDITORIAL

*A presente obra foi publicada no âmbito do Edital nº 01/2025, destinado à seleção de originais para publicação pela Editora da UFPI – EDUFPI.*

*O manuscrito foi submetido a processo de avaliação por pareceristas ad hoc, conforme os procedimentos editoriais estabelecidos no referido edital, com vistas à apreciação acadêmica e editorial da obra.*

*As opiniões, conceitos, interpretações, análises e conclusões expressos neste livro são de exclusiva responsabilidade do(a) autor(a), não refletindo necessariamente o posicionamento institucional da Universidade Federal do Piauí, da EDUFPI ou da instituição responsável pela produção gráfica.*

*A Universidade Federal do Piauí, a EDUFPI e a instituição gráfica responsável pela editoração e impressão da obra não se responsabilizam pelo conteúdo, pelas interpretações ou pelas posições teóricas apresentadas neste trabalho.*



**Thaila Vieira** é mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), bacharela em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi), pela qual foi laureada. É pós-graduanda em Docência na Educação Superior e Jornalismo Digital pela Uninter. Coautora do livro *Jornalismo entre Picos: Diários de memórias da Uespi*.



Capa: fragmento da obra de  
Píndaro Castelo Branco, 1979.  
45cm X 50cm.  
Uso de imagem gentilmente cedido  
pelo Acervo da Pinacoteca do  
Museu do Piauí - Casa de Odilon Nunes

## UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

### **Reitora**

Nadir do Nascimento Nogueira

### **Vice-Reitor**

Edmilson Miranda de Moura

### **Superintendência de Comunicação Social**

Jacqueline Lima Dourado

### **Diretoria da EDUFPI**

Olivia Cristina Perez

### **EDUFPI - Conselho Editorial**

Jacqueline Lima Dourado (presidente)

Olivia Cristina Perez (vice-presidente)

Carlos Herold Junior

César Ricardo Siqueira Bolaño

Fernanda Antônia da Fonseca Sobral

Jasmine Soares Ribeiro Malta

João Batista Lopes

Kássio Fernando da Silva Gomes

Maria do Socorro Rios Magalhães

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

### **Equipe Técnica**

*Projeto Gráfico, Capa, Imagens e Finalização*  
Sérgio Donato – SUPERFREAK Creative Lab

*Avaliação Técnica Editorial*

Ariane Cavalcante Lima

Jasmine Ribeiro Malta

*Revisão Geral*

Beatriz Rodrigues

Ariane Cavalcante Lima

*Assistente Editorial*

Tayrla Kelly Gomes Carvalho

*Impressão*

Gráfica Universitária da UFPI

*Coordenador*

Renan da Silva Marques

*Fotografia das Capas*

Victor Martins

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Vieira, Thaila Vitória Santos

Vozes do sertão : memórias e histórias de  
jornalistas em formação / Thaila Vitória Santos  
Vieira. -- 1. ed. -- Teresina, PI : Editora da  
Universidade Federal do Piauí - EDUFPI, 2026.

ISBN 978-65-5904-456-6

1. Educação 2. Jornalismo 3. Livro-reportagem  
4. Memórias 5. Sertão - Piauí (Estado) 6. Trajetória  
pessoal de vida I. Título.

26-344515.0

CDD-070.433

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Livro-reportagem : Jornalismo 070.433  
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



**UFPI** 55 Anos



Editora da Universidade Federal do Piauí – EDUFPI  
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella  
CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI - Brasil



# Coleção Nascer

A Terra das Mulheres Peladas - Denise Veras

Entre Um Ponto e Outro: a história das bordadeiras da cidade de São João dos Patos - Adélia Machado

Maria da Inglaterra: Trajetória e Representações de uma “Rainha” Piauiense - Almerito Oliveira

Mulheres Compositoras e o Violão: Uma proposta didática a partir de métodos, estudos e peças de compositoras violonistas - Sâmia Cantuário

O Estado Burguês no Brasil Contemporâneo - Francisco Farias

Piauí em Versos e Reversos: Gênese Literária e Espaços Sertanejos - Luiz Gonzaga Baião Filho

Por Trás da Lousa: O Ensino de Física e a Jornada Docente no Brasil - Fábio Soares da Paz

Textos Selecionados: O que vi e vivi - Rita Escórcio

Vozes do Sertão - Thaila Vieira



**SCS**  
SUPERINTENDÊNCIA DE  
COMUNICAÇÃO SOCIAL